

SANKOFICINA: HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS EDUCACIONAIS ANTIRRACISTAS NO ENSINO SUPERIOR



Kátia Anaiane Soares Passarelli

Belém - PA
2025



KÁTIA ANAIA NE SOARES PASSARELLI

**SANKOFICINA: HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS
EDUCACIONAIS ANTIRRACISTAS NO ENSINO SUPERIOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior do Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino.

Linha de pesquisa: Criatividade e Inovação em Processos e Produtos Educacionais (CIPPE).

Orientadora: Profa. Dra. Netília Silva dos Anjos Seixas

BELÉM - PA
2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Central/UFPA-Belém-PA**

P286s

Passarelli, Kátia Anaiane Soares

Sankoficina: histórias em quadrinhos na construção de práticas educacionais antirracistas no Ensino Superior / Katia Anaiane Soares Passarelli. – 2025.

179 f. : il. color. ; 30 cm + + 1 Produto educacional (49 p. : il. color.)

Orientadora: Netília Silva dos Anjos Seixas

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão, Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior, Belém, 2025.

Acompanhado do Produto educacional: Sankoficina (versão mediação e participante).

1. Criatividade (Educação). 2. Educação superior. 3. Educação antirracista. 4. Histórias em quadrinhos na educação. 5. Oficina. I. Título. II. Sankoficina.

CDD 23. ed. – 370.118

Elaborado por Katia Cilene dos Santos Souza – CRB-2/1033

KÁTIA ANAIANE SOARES PASSARELLI

SANKOFICINA: HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS EDUCACIONAIS ANTIRRACISTAS NO ENSINO SUPERIOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior do Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino.


Linha de pesquisa: Criatividade e Inovação em Processos e Produtos Educacionais (CIPPE).

Orientadora: Profa. Dra. Netília Silva dos Anjos Seixas


RESULTADO: (X) Aprovada () Reprovada

DATA: 29/07/2025.


Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 NETILIA SILVA DOS ANJOS SEIXAS
Data: 16/01/2026 13:58:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Netília Silva dos Anjos Seixas
(Orientadora – PPGCIMES/UFPA)

Documento assinado digitalmente
 LUIZ AUGUSTO PINHEIRO LEAL
Data: 15/01/2026 16:11:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Luiz Augusto Pinheiro Leal
(Examinador Externo –
PROFHISTÓRIA/UFPA)

Documento assinado digitalmente
 FERNANDA CHOCRON MIRANDA
Data: 15/01/2026 15:41:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Fernanda Chocron Miranda
(Examinadora Interna –
PPGCIMES/UFPA)

À minha mãe Maria Soares, carinhosamente
chamada de Maroca.

Ao meu filho Davi, meu fofucho.

À todas as mães solas que (re)existem na pesquisa.

Até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caçadas continuarão glorificando o caçador.

Provérbio Africano

AGRADECER

Ao planeta de possibilidades impossíveis, como cantou Jorge Ben Jor¹. Agradecer por esse universo desde antes do tempo conhecido, com seus impulsos para o saber, o querer e o pensar.

A coragem. Quando a desistência parecia ser a saída e o desespero crescia diante das adversidades incompreendidas, ela foi necessária para sustentar as transformações que se fizeram ao longo dessa trajetória de aprendizados.

A luta. De resistir como mãe solo diante das adversidades ditas como impossíveis. Também a luta das outras mulheres que vieram antes de mim para garantir direitos nos diversos recortes de opressão que sofremos ao longo da vida.

Ao alicerce. Meus pais, Maroca e Lúcio, agradeço o apoio incondicional em todos os momentos e por acreditarem em mim em mais essa etapa.

Aos encontros. Pessoas incríveis que estavam torcendo por mim desde a etapa de seleção, dando sentido a emoções inexplicáveis. Sem dizer nomes, mas como diz uma amiga, “cês sabem”. Reconheço como um privilégio e agradeço imensamente a quem confiou que eu iria conseguir.

A UFPA e a EMUFPA. A primeira por ser minha casa desde os meus 17 anos, no início da jornada acadêmica, e por incentivar o conhecimento com pluralismo de ideias e do pensamento, e a segunda pela acolhida profissional há 12 anos. Aos colegas técnicos da EMUFPA, pela mobilização ao permitir ter uma licença remunerada durante essa etapa.

À minha orientadora, professora Netília Seixas, agradeço a acolhida quando estive sem rumo e a paciência em compartilhar e ensinar.

Aos colegas da T2023, uma turma pequena em número de pessoas e gigante no acolher. Meu agradecimento sincero pelo cuidado e a disposição constante em apoiar e oferecer suporte ao longo desse percurso.

Aos professores e professoras do PPGCIMES, em especial as responsáveis pelas disciplinas obrigatórias, agradeço por contribuírem na etapa formativa fundamental do curso.

Aos discentes participantes da pesquisa e aos professores do painel de especialistas, meus agradecimentos pelo engajamento e as reflexões compartilhadas para a construção coletiva deste trabalho.

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=DZhOhImA9q8>

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo fomentar a formação em educação antirracista para futuras práticas profissionais dos discentes do curso de Pedagogia da UFPA - *Campus* Belém, por meio de oficina utilizando as histórias em quadrinhos como suporte metodológico. Para isso, foi elaborado o roteiro de oficina intitulado “Sankoficina: histórias em quadrinhos na construção de práticas educacionais antirracistas no Ensino Superior”. A metodologia adotada foi de natureza aplicada com abordagem qualitativa e pesquisa exploratória nas etapas de levantamento bibliográfico e documental. O aprofundamento da pesquisa bibliográfica foi fundamental para definição das temáticas do roteiro, que abordam dimensões de valorização e reconhecimento da diversidade histórica e cultural das populações negra no Brasil, incluindo os debates sobre a branquitude. Alinhada às temáticas propostas, a curadoria das HQs teve como critério a seleção de publicações nacionais, com autoria de pessoas negras. Os títulos selecionados foram: *Mukanda Tiodora* (2022) de Marcelo D’Salete, *Confinada* (2021) de Leandro Assis e Triscila Oliveira, e *Carolina* (2016) de João Pinheiro e Sirlene Barbosa. Como percurso formativo, buscou-se estimular o pensamento crítico e reflexivo baseados na educação antirracista, utilizando as HQs para apoiar as atividades. A oficina, realizada em etapas síncronas e assíncronas, contou com a participação de 12 discentes, e os dados levantados indicam que a experiência foi significativa e enriqueceu a formação dos envolvidos. Em relação à utilização das histórias em quadrinhos, houve maioria de avaliação positiva, destacando-se o potencial para promover o aprofundamento nas discussões a partir da diversidade de narrativas, e interesse de utilizá-las em suas práticas futuras. O painel de especialistas em relação ao roteiro da oficina, confirmou o papel eficaz das HQs para ajudar na compreensão do tema, e indicação de viabilidade para realização em ambientes não formais. Para sistematizar a construção da oficina e viabilizar sua disponibilização, foram elaboradas duas materialidades do produto educacional: *Caderno da Mediação* e *Quaderninho* (versão de apoio ao participante).

Palavras-chave: Educação antirracista. História em quadrinhos. Ensino superior. Oficina.

ABSTRACT

This research aimed to foster education in antiracist pedagogy for the future professional practices of undergraduate students in the Pedagogy program at UFPA – Belém Campus, through a workshop that used comic books as a methodological support. For this objective a workshop script “Sankoficina: histórias em quadrinhos na construção de práticas educacionais antirracistas no Ensino Superior” was developed. The methodology adopted was applied in nature, with a qualitative approach and exploratory research, including bibliographic and documentary review stages. An in-depth bibliographic review was essential for defining the themes of the script, which address dimensions of valuing and recognizing the historical and cultural diversity of Black populations in Brazil, including debates on whiteness. Aligned with the proposed themes, the curation of the comic books prioritized national publications authored by Black creators. The selected titles were: *Mukanda Tiodora* (2022) Marcelo D’Salete, *Confinada* (2021) Leandro Assis and Triscila Oliveira, *Carolina* (2016) João Pinheiro and Sirlene Barbosa. As a formative pathway, the workshop sought to stimulate critical and reflective thinking grounded in antiracist education, using comic books to support the activities. The synchronous and asynchronous stages were carried out with 12 participating students, and the data collected indicate that the experience was meaningful and enriched the participants’ education. Regarding the use of comic books, the majority of evaluations were positive, highlighting their potential to deepen discussions through diverse narratives, as well as the participants’ interest in using them in their future practices. The expert panel, in relation to the workshop script, confirmed the effectiveness of comic books in supporting the understanding of the topic and indicated the feasibility of implementing the workshop in non-formal educational settings. To systematize the construction of the workshop and enable its dissemination, two material components of the educational product were developed: the *Caderno da Mediação* and the *Quaderninho* (participant support version).

Keywords: Antiracist education. Comic books. Higher education. Workshop.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cida Bento representada no projeto <i>Donas da Rua</i>	28
Figura 2 - Características de uma educação antirracista	33
Figura 3 - Logomarca do projeto <i>A Cor da Cultura</i>	34
Figura 4 - Os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros.	35
Figura 5 - Novo diagrama dos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros	37
Figura 6 – Representação com traços exagerados da senhora negra	40
Figura 7 - Jornal <i>A Semana Ilustrada</i> , Belém - 1888, com sátira sobre “ascensão social” do negro	41
Figura 8 - Giby, primeiro personagem negro de destaque nos quadrinhos brasileiros.	42
Figura 9 - Capa <i>Jeremias – Pele</i>	43
Figura 10 - Bennê Oliveira, Instagram, 25 set. 2018	44
Figura 11 - Lila Cruz, Instagram, 02 fev. 2021	44
Figura 12 - Coletânea Zagaia	45
Figura 13 – Reprodução da HQ <i>Tempo</i> , de Mandy Barros	46
Figura 14 - Levantamento de dissertações e teses com a temática de HQs e diferentes níveis de ensino.....	50
Figura 15 - Capa do Catálogo <i>HQ Brasil</i>	55
Figura 16 – Títulos das histórias em quadrinhos escolhidas para a oficina	56
Figura 17 – Estruturação das etapas da Sankoficina	59
Figura 18 - Representação do ideograma <i>sankofa</i>	65
Figura 19 – Identidade visual para a Sankoficina	66
Figura 20 - Resumo da primeira versão do roteiro Sankoficina.....	68
Figura 21 – Resumo dos desafios para os produtos educacionais nos mestrados profissionais na área de ensino e educação	70
Figura 22 – Capa do <i>Quaderninho</i>	73
Figura 23 – Concepção do processo criativo	76
Figura 24 - Categorias de critérios para avaliação do PE	78
Figura 25 – Detalhamento dos critérios de inovação e criatividade do PE.....	78
Figura 26 - Panfleto de divulgação.....	81
Figura 27 – Kit distribuído aos participantes	82
Figura 28 - Reprodução Quiz <i>Quaderninho</i>	83
Figura 29 - Registro do primeiro encontro.....	84

Figura 30 - Slides para apresentar a HQ <i>Mukanda Tiodora</i>	85
Figura 31 - Resultado da nuvem de palavras.....	85
Figura 32 - Listas preenchidas pelos participantes	88
Figura 33 - Resultado da dinâmica.....	88
Figura 34 - Transcrição das respostas 01	89
Figura 35 - Transcrição das respostas 02	89
Figura 36 - Cartazes com trechos de cordéis da escritora Jarid Arraes	90
Figura 37 - Os participantes explorando os materiais expostos.	91
Figura 38 - Participantes no espaço com cartazes.....	92
Figura 39 – Exposição de títulos de autores negros	92
Figura 40 – Slides com a história de Carolina	93
Figura 41 – Impressões dos participantes referentes aos HQ entregues, cartão 01.	95
Figura 42 – Impressões dos participantes referentes aos HQ entregues, cartão 02.	96
Figura 43 – Impressões dos participantes referentes aos HQ entregues, cartão 03.	96
Figura 44 – Apresentação Grupo 01	99
Figura 45 – Apresentação Grupo 02	99
Figura 46 - As propostas criadas pelos dois grupos na apresentação	100

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de dissertações na busca “educação antirracista”	18
Gráfico 2 - Pergunta 01	125
Gráfico 3 - Pergunta 02	126
Gráfico 4 - Pergunta 04	127
Gráfico 5 - Pergunta 05	128
Gráfico 6 - Pergunta 07	129
Gráfico 7 - Pergunta 08	130
Gráfico 8 - Pergunta 10	131
Gráfico 9 - Pergunta 11	132
Gráfico 10 - Pergunta 12	133
Gráfico 11 - Pergunta 16	135
Gráfico 12 - Pergunta 17	136

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Conceitos dos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros.	36
Quadro 2 - Relação de Teses e Dissertações encontradas com as buscas por “Histórias em quadrinhos” e “ensino superior”.	52
Quadro 3 - Etapa de curadoria das HQs	55
Quadro 4 - Ações previstas no PE	69
Quadro 5 – Lista de títulos distribuídos da coleção “HQ Para Todos” da editora Conrad	94
Quadro 6 - Relação de participantes da oficina.....	101
Quadro 7 – Relação das motivações dos participantes de outros cursos.	102
Quadro 8 - Respostas à pergunta 11 do formulário.....	103
Quadro 9 - Expectativas dos participantes em relação à oficina	104
Quadro 10 – Planejamento da oficina: respostas da pergunta 01	106
Quadro 11 - Planejamento da oficina: respostas da pergunta 02.....	107
Quadro 12 - Planejamento da oficina: respostas da pergunta 03.....	108
Quadro 13 - Planejamento da oficina: respostas da pergunta 04.....	110
Quadro 14 - Planejamento da oficina: respostas da pergunta 05.....	111
Quadro 15 – Tecnologias/Materiais e Recursos: respostas da pergunta 06	112
Quadro 16 - Tecnologias/Materiais e Recursos: respostas da pergunta 07	113
Quadro 17 - Tecnologias/Materiais e Recursos: respostas da pergunta 08.....	114
Quadro 18 – Condução da oficina: respostas da pergunta 09	116
Quadro 19 - Condução da oficina: respostas da pergunta 10	117
Quadro 20 - <i>Quaderninho</i> : respostas da pergunta 11	118
Quadro 21 - <i>Quaderninho</i> : respostas da pergunta 02	119
Quadro 22 - <i>Quaderninho</i> : respostas da pergunta 13.....	120
Quadro 23 - <i>Quaderninho</i> : respostas da pergunta 14	121
Quadro 24 – Critérios para os docentes selecionados no painel de especialistas ..	123
Quadro 25 – Dados de perfil dos docentes participantes.....	124
Quadro 26 - Lista de comentários	133

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
Motivações iniciais da pesquisa	20
1. APORTE TEÓRICO	22
1.1 Quem conta a história do negro no Brasil?	22
1.1.1 A branquitude em foco	26
1.2 O Movimento Negro Educador no avanço das leis educacionais	28
1.3 Fundamentos para Educação antirracista no contexto escolar	31
1.4 Os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros	34
1.5 As histórias em quadrinhos no contexto educacional	38
1.5.1 A representação do negro nos quadrinhos.....	40
2. PERCURSO METODOLÓGICO	48
2.1 Caracterização da Metodologia	48
2.2 Curadoria das histórias em quadrinhos na construção da oficina	54
2.2.1 Uso de imagens de quadrinhos: direitos autorais.....	56
2.1 Estruturação da oficina	57
2.2 Instrumentos de geração de dados	60
2.3 Público de interesse	60
2.4 Lócus de pesquisa	61
3 PRODUTO EDUCACIONAL	63
3.1 Descrição inicial	63
3.2 Sankofa: os símbolos adinkra	64
3.2.1 Identidade Visual para Sankoficina	66
3.3 Sankoficina – O Roteiro	67
3.3.1 Aspectos de Avaliação do PE	70
3.4 Quaderninho	72
3.5 Aspectos de criatividade e inovação do produto educacional	74
4 RELATO DA REALIZAÇÃO – SANKOFICINA	80
4.1 Organização e divulgação	80
4.2 Descrição das etapas	82
4.3 Perfil dos participantes	100
5 AVALIAÇÃO DOS PARTICIPANTES EM RELAÇÃO A OFICINA	105
5.1 Planejamento da oficina	105

5.2	Tecnologias/Materiais e Recursos	111
5.3	Condução da oficina	115
5.4	<i>Quaderninho</i>	117
6	VALIDAÇÃO - PAINEL DE ESPECIALISTAS.....	122
6.1	Perfil dos especialistas	123
6.2	Planejamento da oficina.....	124
6.3	<i>Quaderninho</i>	130
6.4	Parecer final	134
6.5	Adequações do produto educacional.....	136
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
	REFERÊNCIAS.....	140
	APÊNDICE A - ROTEIRO	146
	APÊNDICE B - FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO	158
	APÊNDICE C – E-MAIL DE CONFIRMAÇÃO	162
	APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS PARTICIPANTES	163
	APÊNDICE E - QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DOS PARTICIPANTES - SANKOFICINA	165
	APÊNDICE F – E-MAIL PARA OS ESPECIALISTAS	170
	APÊNDICE G - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO ESPECIALISTAS	171
	APÊNDICE H - INSTRUMENTO DE VALIDAÇÃO DOS ESPECIALISTAS	172
	APÊNDICE I - DISCIPLINA OPTATIVA	179

INTRODUÇÃO

A célebre frase da filósofa negra estadunidense Angela Davis diz: “Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista”, frequentemente inspira citações em epígrafes e homenagens relacionadas ao Dia da Consciência Negra, 20 do mês de novembro. Diante da complexidade do tema que atravessa a história da população negra no Brasil, chega-se ao questionamento: afinal, o que é ser uma pessoa antirracista? Antes de esboçar qualquer tipo de resposta, é importante conhecer alguns dos caminhos percorridos ao longo da história até os dias atuais.

A historiografia do regime escravocrata no Brasil revela a trajetória de pessoas negras iniciada no século XVI, trazidas de diversas regiões do continente africano na condição de escravizados. Também somos o último país a abolir a escravidão a partir da assinatura da Lei Áurea, em 1888 (Souza; Paim, 2019), tendo ao longo dos séculos questões estruturais envolvidas na falta de políticas reparadoras para os africanos escravizados, seus filhos e descendentes, e que resultou em desigualdades sociais historicamente enraizadas e contínuas na atualidade.

Os dados evidenciam as persistentes desigualdades raciais no Brasil, revelando diferenças significativas entre brancos e negros (pretos e pardos)². Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022), ano base 2021, considerando a linha de U\$\$ 5,50 diários (ou R\$ 486 mensais *per capita*), a taxa de pobreza dos brancos era de 18,6%. Já entre pretos, o percentual era de 34,5% e, entre os pardos, de 38,4%. No mercado de trabalho, pretos e pardos eram maioria (53,8%) em 2021, mas estavam em somente 29,5% dos cargos gerenciais, enquanto os brancos ocupavam 69% deles. Na classe de rendimento mais elevado, somente 14,6% dos ocupantes desses cargos eram pretos ou pardos, enquanto entre os brancos esse número era de 84,4% (IBGE, 2022).

Em 2022 a população negra do país chegou a 55,5%, somando pretos e pardos, declarados no último Censo de 2022 (IBGE, 2024). Apesar de a população negra representar a maioria no país, o reconhecimento dessa diversidade ainda é negado ou invisibilizado, como aborda Silva (2007) sobre o fato do Brasil ocultar sua

² O Estatuto da Igualdade Racial define como “população negra: o conjunto de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que adotam autodefinição análoga”.

diversidade e como consequência reproduzir o sentimento de não pertencimento junto a população negra. A autora diz existir uma visão distorcida das relações étnico-raciais que fomenta a ideia de vivermos integrados, ou seja, não se vê as diferenças. Nesse sentido, cria-se a imagem do brasileiro cordial, que trata a todos com igualdade, ignorando deliberadamente as suas nítidas diferenças em relação a população branca do país.

Nas múltiplas desigualdades que permeiam as relações étnico-raciais no Brasil, verifica-se a diversidade de reivindicações vindo à tona ao longo dos anos, porém, no presente estudo destaco a questão da educação relacionada ao Movimento Negro.

Nas ações e lutas desenvolvidas pela população negra nos séculos XIX, XX e no começo do século XXI, uma questão sempre atraiu a sua atenção graças ao seu papel estratégico na sociedade: a educação. Essa se tornou uma forte bandeira de luta do Movimento Negro no século XX. Os ativistas do Movimento Negro reconhecem que a educação não é a solução de todos os males, porém ocupa lugar importante nos processos de produção de conhecimento sobre si e sobre “os outros”, contribui na formação de quadros intelectuais e políticos e é constantemente usada pelo mercado de trabalho como critério de seleção de uns e exclusão de outros (Gomes, 2011, p. 112, grifo do autora).

Nesse cenário, encontram-se demandas relacionadas a políticas afirmativas para a educação. Um dos marcos foi a criação da Lei nº 10.639/2003, que propõe a obrigatoriedade do ensino da Cultura e História Afro-brasileira na Educação Básica no Brasil. Publicada há mais de 20 anos, a Lei nº 10.639/2003 trata da obrigatoriedade de inclusão, no currículo da Educação Básica, da temática da História e Cultura Afro-Brasileira. Inclui como conteúdo o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional e sua contribuição em diferentes áreas (Brasil, 2003).

Considerando os 20 anos da lei em 2023, as pesquisas apontam que a aplicação ainda é tímida e carente de consolidação. Na dissertação intitulada “Formação de professores/as para o ensino das relações étnico-raciais em cursos de Pedagogia no Estado do Pará”, elaborada por Karolina Carvalho do Amarante (2022) na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), realizou-se o levantamento dos componentes curriculares do curso em quatro universidades públicas situadas no Estado do Pará: Universidade Federal do Pará (UFPA), UFOPA, Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) e Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

O resultado da pesquisa citada aponta que apesar de alguns avanços, como a presença de disciplinas relativas às questões étnico-raciais em algumas das instituições investigadas, o percurso de formação dos cursos busca satisfazer as demandas legais de forma periférica e protocolar, sem a incorporação nas demandas institucionais da perspectiva de uma educação antirracista (Amarante, 2022).

Para a prática docente no contexto diversificado das relações étnico-raciais, um dos aspectos principais é a formação inicial dos futuros educadores. O espaço da universidade, que oferece a qualificação no Ensino Superior, precisa estar alinhado na construção de propostas contextualizadas para essa temática nas diferentes condições de sala de aula. Para Silva (2007), as dificuldades para a implantação de políticas curriculares também se devem à história das relações étnico-raciais neste país e aos processos educativos que elas desencadeiam, consolidando preconceitos e estereótipos.

Na UFPA, a Faculdade de Educação (FAED) passou a oferecer o curso de Pedagogia a partir de sua autorização, em 1954, por meio do Decreto nº 35.456/54. A última atualização do Plano Pedagógico do Curso (PPC) ocorreu em 2010. Na época incluía menção a um projeto realizado pela professora Wilma de Nazaré Baía Coelho, com o título “O curso de Pedagogia/UFPA e a questão étnico-racial: um estudo das representações dos estudantes sobre os conteúdos étnico-culturais”, o qual, partindo da aplicação de questionários e entrevistas com grupo de discentes do curso, apresentou como resultado desconhecimentos acerca de conceitos básicos referentes às relações étnico-raciais, que deveriam ser abordadas nas disciplinas; dificuldades em discussões das legislações educacionais e desconhecimento quase completo da Lei nº 10.639/2003 (UFPA, 2010).

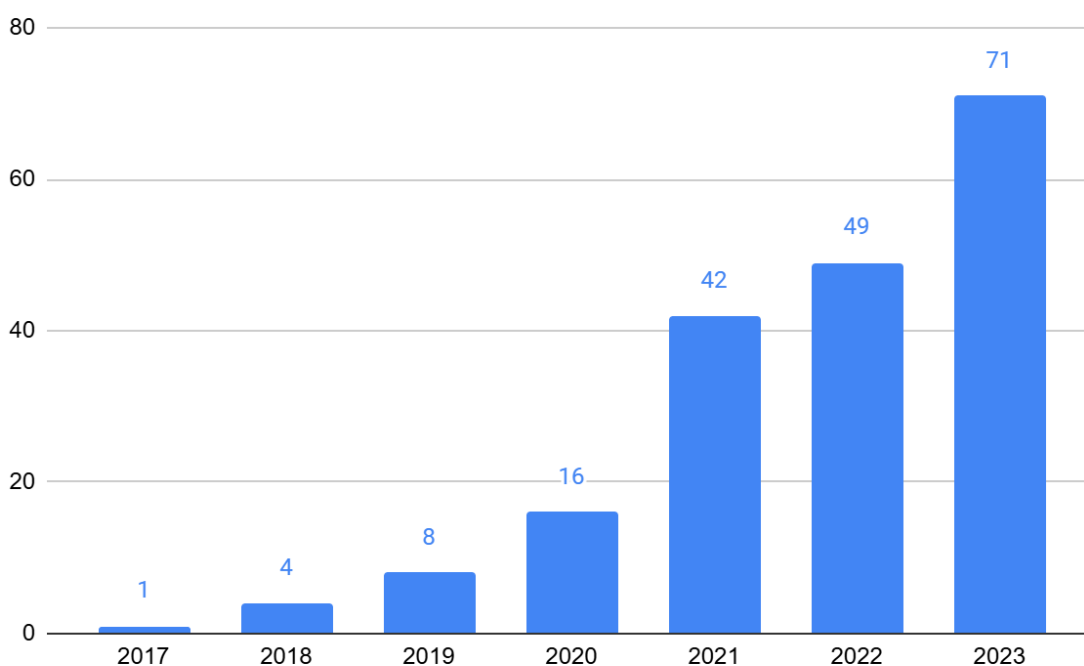
Conforme o PPC do curso de Pedagogia da UFPA de 2010, o licenciado poderá exercer a docência em diferentes níveis e modalidades de ensino, além da possibilidade de atuação na gestão e trabalhos especializados educacionais. Cumpre mencionar que após verificação do atual PPC no curso da UFPA, não foi localizada nenhuma disciplina específica que atenda a obrigatoriedade do ensino da Cultura e História Afro-brasileira, sendo apenas citado como tópico na ementa da disciplina “História nos anos iniciais” (disciplina obrigatória com carga horária de 68h).

Dessa maneira, ao refletir sobre o cenário apresentado, a oficina aqui proposta sobre educação antirracista surge com a intenção de suprir as possíveis lacunas na formação de futuros professores e professoras, e ainda embasar suas práticas futuras.

Sobre a educação antirracista, Sousa *et al.* (2022 p.3) discorrem sobre a dificuldade de conceituá-la, e definem “como um modelo de educação em que se tem um compromisso real de estabelecer ações políticas de mobilização e de conscientização das práticas antirracistas no contexto escolar”.

Ao realizar pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, em junho de 2025, com *string* de busca “educação antirracista”, em seguida refinar para Mestrado Profissional, recuperou 191 resultados. Conforme o Gráfico 1, o aumento das pesquisas em dissertações ao longo dos anos não apenas evidencia a relevância do tema, mas também o reconhecimento como uma pauta atual e necessária a investigação no campo educacional.

Gráfico 1 – Número de dissertações na busca “educação antirracista”



Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e elaborado pela autora (2025).

Diante do potencial da educação antirracista em contribuir na formação inicial docente, elabora-se a seguinte questão-foco para o estudo: **Como fomentar a formação para educação antirracista entre discentes do curso de Pedagogia da UFPA - Campus Belém?**

Para responder esta questão, surge a proposta de um roteiro de oficina piloto utilizando as histórias em quadrinhos (HQs) como suporte metodológico. Conhecida como a Nona Arte, as histórias em quadrinhos são definidas por Cagnin (1975, p.25)

como “um sistema narrativo formado de dois códigos de signos gráficos: a imagem, obtida pelo desenho; a linguagem escrita”.

Os levantamentos sobre estudos com quadrinhos têm demonstrado um aumento significativo nos últimos anos, conforme indicam dados de bases de periódicos científicos buscados por Presser, Braviano e Gonçalves (2015). Porém, quase que em sua totalidade são voltados para um público infantil e adolescente, nos Ensinos Fundamental e Médio. Ao final do estudo, os autores concluem que existe a carência de estudos diversificados e aprofundados no nível superior, com a sugestão para futuros estudos e ainda o desenvolvimento específico de objetos de aprendizagem utilizando-se essa mídia como recurso de formação.

Desta forma, o público para desenvolver do produto educacional (PE) são os discentes do curso de Pedagogia, do *Campus* Belém da UFPA. As atividades da oficina são embasadas na pedagogia engajada e autoatualização de bell hooks (2017, 2021) em diálogo com Paulo Freire (2021), no qual a mobilização na relação discente-docente seja atrativa, incentive a formação de sujeitos críticos e sensíveis ao mundo ao imergir no aprendizado das relações étnico-raciais.

Isto posto, cabe ao estudo como **objetivo geral**: fomentar a formação em educação antirracista para futuras práticas profissionais dos discentes do curso de Pedagogia da UFPA - *Campus* Belém, por meio de oficina utilizando história em quadrinhos como suporte metodológico.

Além disso, foram definidos os seguintes **objetivos específicos**:

- Realizar curadoria das histórias em quadrinhos a serem utilizadas na oficina.
- Conceber o roteiro de oficina piloto utilizando as histórias em quadrinhos como recurso metodológico.
- Elaborar o material de apoio destinado aos participantes da oficina.
- Testar a oficina de educação antirracista junto aos discentes participantes.
- Validar a proposta de roteiro e material de apoio com um painel de especialistas.

Para alcançar os objetivos propostos e a resposta à questão-foco, a dissertação foi dividida em cinco capítulos. O primeiro capítulo é voltado para o aporte teórico com exposição sobre o Movimento Negro Educador e os fundamentos para uma educação antirracista, além de abordar aspectos principais das histórias em quadrinhos. O capítulo dois descreve o percurso metodológico da pesquisa e do produto educacional, com a estruturação da oficina e os procedimentos de coleta de dados

para análise. O capítulo três aponta a descrição do produto educacional, e a elaboração do recurso intitulado *Quaderninho*. No capítulo quatro aborda-se o relato do processo de validação com a execução da oficina e avaliação dos participantes e painel de especialistas. O capítulo cinco, trata das reflexões de finalização da pesquisa e do PE elaborado, com as possibilidades e replicabilidade.

Motivações iniciais da pesquisa

Nesta parte do trabalho, compartilho parte da minha trajetória pessoal, permeada por questionamentos, que me levaram até o Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior (PPGCIMES) e, mais adiante, a optar pela criação da Sankoficina. Por se tratar de vivências pessoais, recorro aqui à primeira pessoa do singular.

Na trajetória como servidora pública na carreira de Técnico-administrativo em Educação e atuando na Secretaria Acadêmica da Escola de Música da UFPA (EMUFPA), e já passados oito anos de exercício em 2022, tive a iniciativa de buscar qualificação em pós-graduação em nível de mestrado. Na época de elaboração do projeto a ser submetido ao PPGCIMES, passei a refletir na escolha do tema que poderia ser motivador associado à minha formação acadêmica e para contribuir com uma pesquisa relevante. Nesse momento recuperei a vivência que ocorreu em fevereiro de 2022, quando participei do curso de “Formação de Integrantes de Comissão de Heteroidentificação”, ofertado pela Diretoria de Capacitação e Desenvolvimento (CAPACIT) e Assessoria de Diversidade e Inclusão Social (ADIS) para integrar a banca de ingressantes pela cota racial do Processo Seletivo da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Devido ao contexto da pandemia iniciado em março de 2020 com o coronavírus, a formação aconteceu no formato *online*, e os encontros foram conduzidos pelas professoras Dra. Isabel Cabral e Dra. Zélia Amador de Deus, integrantes da ADIS. Nesse momento foi possível conhecer pontos como o contexto histórico de criação da Lei de Cotas, a participação do Movimento Negro, além de discussões dos participantes envolvidos e demais esclarecimentos sobre o tema. Em março de 2022, foi realizada a primeira banca presencial de heteroidentificação da UFPA para ingresso de discentes da graduação pelo Processo Seletivo, da qual fiz parte com outros técnicos e docentes. Ao refletir sobre esse trajeto, decidi tratar da

temática racial no contexto da educação antirracista para a elaboração do projeto de pesquisa a ser submetido para seleção no PPGCIMES.

Seguindo a busca por referências motivadoras, cheguei até as histórias em quadrinhos. Como filha de uma professora da Educação Básica, na minha infância, por não haver rede de apoio, era preciso acompanhá-la nas aulas, e antes mesmo de aprender a ler, os livros chegaram para serem minha companhia. A escola localizada na zona rural do Km 40 da Rodovia Transamazônica, próximo ao município de Brasil Novo, não tinha biblioteca e todos os livros ficavam depositados na secretaria, porém tinha autorização para acessar os títulos, em especial a revista “Ciência Hoje das Crianças”. Daí resgato a primeira recordação de um quadrinho que li, provavelmente aos oito anos de idade, e que fazia parte dessa revista. Partindo dessa experiência e dentro das limitações financeiras da época, mantive o hábito da leitura de quadrinhos, começando com a *Turma da Mônica* e passando a conhecer diversos gêneros na vida adulta.

Por se tratar de um curso de mestrado profissional na área de Ensino, ainda era necessário pensar na criação de um produto ou processo educacional aliando o tema de educação antirracista às histórias em quadrinhos. Com esse foco busquei títulos de artistas negros brasileiros, como Marcelo D’Saete e Sirlene Barbosa, para conceber a proposta de oficina, com a qual fui aprovada na seleção.

Com o início do mestrado e ingresso nas disciplinas obrigatórias do Programa, vi surgir diversos questionamentos sobre a minha proposta inicial. Ao recorrer aos teóricos de criatividade e os processos de ensino-aprendizagem, além das metodologias ativas, pude então incluir essas contribuições no processo de criação do produto educacional desta pesquisa de mestrado.

1. APORTE TEÓRICO

1.1 Quem conta a história do negro no Brasil?

*Angola Congo Benguela
Monjolo Cabinda Mina
Quiloa Rebolo
Aqui onde estão os homens*

*Dum lado cana de açúcar
Do outro lado o cafezal
Ao centro senhores sentados
Vendo a colheita do algodão branco
Sendo colhidos por mãos negras*

*Quando Zumbi chegar
O que vai acontecer
Zumbi é senhor das guerras
É senhor das demandas*

Zumbi – Jorge Ben Jor (1974)

O trecho acima pertence à música *Zumbi*, do cantor Jorge Ben Jor, lançada em 1974 como parte do álbum *A Tábua de Esmeralda*. A canção mostra seu caráter narrativo ao falar da história da comunidade africana na condição de escravizado, trazendo memórias, bradam por Zumbi dos Palmares. O personagem histórico é celebrado como o “senhor das guerras e das demandas” e o desdobramento surge com o sinal da sua chegada. O quadrinista Marcelo D’Salet, no título de quadrinho *Mukanda Tiodora*, lançado em 2022, cria a narrativa para uma mulher escravizada no século XIX que viveu em São Paulo e tem parte da sua vida contada em cartas. Sobre esse romance gráfico, Quiangala (2023, p. 63) traz a seguinte perspectiva:

Existe uma diferença brutal entre a percepção de escravidão como “marco civilizatório” e o entendimento de que foi um contexto uniformemente negativo, com consequências vívidas que se atualizam diariamente. Embora a primeira forma de representação tenha forjado o imaginário nacional, com toda a sequência de violência gráfica, mistificações e narrações, há contranarrativas que resistem, refletem e fazem emergir a subjetividade, as estratégias de sobrevivência e pontos de ancoragem mais prolíficos (Quiangala 2023, p. 63).

As duas narrativas descritas, a música e em quadrinhos, são as versões da história da população negra, em oposição à chamada “história única”. Intitulada *O perigo de uma história única*, a apresentação disponível na plataforma TED

(organização conhecida mundialmente por promover a divulgação de ideias na forma de palestra) foi realizada pela escritora negra nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie em 2009. Assistida por milhões de pessoas ao redor do mundo e posteriormente transformada em livro (publicado no Brasil em 2019), aborda partes da sua história pessoal com a chegada aos Estados Unidos e os estereótipos enfrentados pela origem africana. Em sua obra, Adichie (2019, p.32) reforça que:

[...] as histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (Adichie, 2019, p.32).

A autora alerta que contar apenas uma versão da história, comumente pelo grupo dominante, contribui para visões limitadas e estereotipadas. No caso da população negra, por séculos as representações foram vinculadas apenas à escravidão, à marginalização ou à subalternidade, desconsiderando suas múltiplas trajetórias.

Entender a história do continente africano em sua plenitude e complexidade se constitui em um importante passo para garantir o redimensionamento da cultura negra, da história e da identidade dos negros brasileiros e da sociedade brasileira. Os embasamentos teóricos são constructos de cunho epistemológico que poderão fornecer, no ambiente escolar, entre os educadores e no sistema educacional em suas várias instâncias, o reconhecimento da história dos negros e, por consequência, a maior valorização da descendência africana entre os afrobrasileiros. (Deus, 2020, p. 75)

No Brasil, o passado dos escravizados seguiu sendo narrado por outros grupos durante muito tempo, desconsiderando a existência de narrativas próprias. No período colonial, criou-se a imagem de um sujeito passivo, reprimido e coadjuvante. Tal cenário é fundamentado por uma visão eurocêntrica da história e vem sendo questionado pelos estudos de decolonialidade. Constituído de pesquisadores latino-americanos, como Quijano (2014) e Walsh (2009) (apesar de origem estadunidense, foi radicada no Equador), os estudos estendem-se para a decolonialidade do poder, do saber e do ser.

Essa colonialidade do poder – que ainda perdura – estabeleceu e fixou uma hierarquia racializada: brancos (europeus), mestiços e, apagando suas diferenças históricas, culturais e linguísticas, “índios” e “negros” como identidades comuns e negativas. A suposta superioridade “natural” se expressou, como diz Quijano, “em uma operação mental de Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas

fundamental importância para todo o padrão de poder mundial, principalmente com respeito às relações intersubjetivas” (Walsh, 2009, p. 14).

Em junho de 2025, o perfil @sonialivreoficial na rede social Instagram contava com 37 mil seguidores. Sônia Maria de Jesus é uma mulher negra de 50 anos, surda e muda, que foi levada da família com 09 anos de idade, pelo desembargador Jorge Luiz de Borba, em Florianópolis. Durante 40 anos, na casa do desembargador, fez serviços domésticos, sem ter acesso à educação, saúde, remuneração ou liberdade, considerado uma situação análoga à escravidão. Resgatada em 2023, após decisão judicial, regressou para a casa do investigado, e agora a família de Sonia segue em campanha para reverter a situação (León, 2024).

As histórias conhecidas como da Sônia evocam dor e raiva, e para Kilomba (2019) quando são contadas deixam de ser “informação privada” e devem ocupar um lugar no discurso acadêmico.

Tais experiências revelam a inadequação do academicismo dominante em relacionar-se não apenas com *sujeitos marginalizados*, mas também com nossas experiências, discursos e teorizações. Eles espelham as realidades históricas, políticas, sociais e emocionais, das “relações raciais” em espaços acadêmicos, e deveriam, portanto, ser articuladas tanto teórica quanto metodologicamente (Kilomba, 2019, p. 58, grifo do autora).

Para Souza e Paim (2019), o eurocentrismo é uma construção histórica, com uma forma própria de ver o mundo na perspectiva europeia, ou seja, ignora a existência de outros olhares que também participam com seus conhecimentos e saberes. E a população negra é um dos grupos ignorados, e Silva (2007, p. 500) complementa dizendo que “tratamos a experiência de ser europeu como uniforme e desconhecemos as experiências dos diferentes povos que vieram para o Brasil”. Sobre a história da África e seus povos, Munanga (2015, p. 25) destaca:

Chegou-se até a negar que o continente africano tinha uma história antes das invasões coloniais. Evidentemente, o tráfico negreiro e em consequência a escravidão e depois a ocupação colonial foram acontecimentos de grande envergadura que mudaram a história original da África, mas isto não quer dizer que essa história não existiu antes ou começou a existir apenas a partir do tráfico ou a partir da Conferência de Berlim. Como a história de todos os povos, a da África tem passado, presente e continuidade. Mais do que isso: sendo a África o berço da humanidade, é a partir dela que a história da humanidade começa e nela se desenvolveram as grandes civilizações que marcaram a história da humanidade, como a civilização egípcia (Munanga, 2015, p. 25).

Após séculos de pessoas negras escravizadas, ao pensar na história do Brasil é primordial apontar as marcas desse período, que se estendem até o presente na estrutura de desigualdade brasileira.

Lançada em 1933, a obra *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, foi fundamental para popularizar a ideia do chamado mito da democracia racial. A partir dessa perspectiva, consolidou-se a noção de que o Brasil seria uma nação em que diferentes raças convivem em igualdade de condições. No entanto, essa concepção é equivocada e, segundo Rios, Santos e Ratts (2023, p. 106), levam “o debate sobre as relações raciais no Brasil como um falso problema, um sem-sentido e, inclusive, como racista”. Os autores também destacam a existência de um “pacto de silêncio” que atua na sustentação de narrativas de cordialidade, apagando conflitos e desigualdades em uma sociedade marcada pela miscigenação como a população brasileira.

Essa narrativa também é amplamente questionada por intelectuais e ativistas do movimento negro, por mascarar as desigualdades históricas ligadas ao racismo estrutural. Ao negar a existência de conflitos raciais e promover uma imagem de harmonia, o mito da democracia racial atua como uma forma de silenciamento das experiências de discriminação e exclusão vividas pelas populações negras.

Para isso, reconhecer os momentos históricos de forma crítica é essencial quando tantas vozes foram/são oprimidas, e esse movimento é lembrado nas palavras de Audre Lorde³, no trecho do poema *A Litany for Survival* (Uma Ladainha pela Sobrevivência, tradução própria), publicado em 1978 (Kilomba, 2019. p.57).

*“E quando nós falamos
temos medo que nossas palavras nunca serão ouvidas
nem bem-vindas
mas quando estamos em silêncio
nós ainda temos medo
tendo em mente que
não éramos supostas sobreviver”*

Assim, torna-se essencial reconhecer o racismo sofrido pela população negra no Brasil como uma realidade concreta e persistente em nossa sociedade. Neste trabalho adotamos o conceito de racismo definido na Conferência Geral da

³ Audrey Lorde (1934-1992) foi uma escritora, filósofa, poeta, estadunidense, e ativista com atuação em especial no debate sobre mulheres lésbicas e negras.

Organização das Nações Unidas (ONU) para a Educação, a Ciência e a Cultura, ocorrida em 1978, no documento *Declaração sobre a Raça e Preconceitos Raciais*:

Toda teoria que invoque uma superioridade ou uma inferioridade intrínseca de grupos raciais ou étnicos que dê a uns o direito de dominar ou de eliminar aos demais, presumidamente inferiores, ou que faça juízos de valor baseados na diferença racial, carece de fundamento científico e é contrária aos princípios morais étnicos da humanidade.

O racismo engloba as ideologias racistas, as atitudes fundadas nos preconceitos raciais, os comportamentos discriminatórios, as disposições estruturais e as práticas institucionalizadas que provocam a desigualdade racial, assim como a falsa idéia [sic] de que as relações discriminatórias entre grupos são moral e cientificamente justificáveis; manifesta-se por meio de disposições legislativas ou regulamentárias e práticas discriminatórias, assim como por meio de crenças e atos antisociais [sic]; cria obstáculos ao desenvolvimento de suas vítimas, perverte a quem o põe em prática, divide as nações em seu próprio seio, constitui um obstáculo para a cooperação internacional e cria tensões políticas entre os povos; é contrário aos princípios fundamentais ao direito internacional e, por conseguinte, perturba gravemente a paz e a segurança internacionais.

O preconceito racial historicamente vinculado às desigualdades de poder, que tende a se fortalecer por causa das diferenças econômicas e sociais entre os indivíduos e os grupos humanos e a justificar, ainda hoje essas desigualdades, está solenemente desprovido de fundamento (ONU, 1979).

Sendo assim, torna-se primordial ao contar a história da população negra no Brasil, considerar esse cenário complexo influenciado pela origem histórica e dar a voz aos envolvidos.

1.1.1 A branquitude em foco

Para compreendermos as dimensões envolvidas nas relações etnico-raciais no Brasil, a branquitude é uma questão que deve estar envolvida. O *Dicionário das Relações Étnico-Raciais Contemporâneas* conceitua como “termo construído dentro da teoria crítica da raça com o objetivo de enunciar as estruturas sociais que produzem e reproduzem a supremacia branca e o privilégio branco, resultado da expansão colonial” (Rios; Santos; Ratts., 2023, p. 52).

Entre os estudiosos do campo, não há uma definição única e consensual de branquitude. O conceito pode ser compreendido de diferentes formas, sendo tratado como sinônimo da identidade racial branca, uma construção discursiva, ou até uma posição ou situação de poder.

Os estudos iniciados no começo do século XX, teve o sociólogo negro Du Bois na sua gênese, e conforme Rios, Santos e Ratts (2023, p. 52) seu maior legado na

área foi “a ideia de que a branquitude é um lugar de valor e uma posição na qual os sujeitos recebem e distribuem benefícios simbólicos e materiais apenas por pertencerem a esse grupo social”.

No Brasil, os sociólogos Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982) e Florestan Fernandes (1920-1995) são indicados como precursores em relação aos delineamentos sobre o tema, ainda que não utilizassem o termo branquitude.

Ao longo da construção social brasileira, a branquitude se constituiu em articulação com a lógica da supremacia branca, operando como um projeto de dominação que buscou naturalizar a hierarquia racial e garantir privilégios estruturais às pessoas brancas, como relata Ramos (2021, p. 41):

A supremacia branca, no Brasil, foi imposta por questões subjetivas advindas da produção científica ao invés da estratégia segregacionista. O branqueamento, como política eficaz de Estado, reverbera até hoje na política instituída da branquitude. A branquitude, no Brasil, tem aí os seus primórdios, não por coincidência, na Bahia e no Rio de Janeiro, Estados que constituíram as duas primeiras capitais federais e com o maior número de negros insurgentes (Ramos, 2021, p. 41).

Lançado em março de 2022, o livro intitulado *O Pacto da Branquitude* da psicóloga Cida Bento, destaca na contracapa o trecho: “É evidente que os brancos não promovem reuniões secretas às cinco da manhã para definir seus privilégios e excluir os negros. Mas é como se assim fosse.” Essa afirmação compõe a elaboração do conceito de “pacto narcísico da branquitude”, desenvolvido pela autora para evidenciar os mecanismos sutis de manutenção do privilégio racial branco (Bento, 2022).

Para Bento (2022), o silêncio em torno de nossa herança escravocrata e a forma como o coletivo de pessoas brancas é beneficiado por esse processo constituem um contrato subjetivo não verbalizado. Trata-se de um acordo implícito, isto é, não verbalizado nem conscientemente combinado, que opera na preservação de privilégios.

Descendentes de escravocratas e descendentes de escravizados lidam com heranças acumuladas em histórias de muita dor e violência, que se refletem na vida concreta e simbólica das gerações contemporâneas. Fala-se muito na herança da escravidão e nos seus impactos negativos para as populações negras, mas quase nunca se fala na herança escravocrata e nos seus impactos positivos para as pessoas brancas (Bento, 2023, p.23).

A pesquisa de Cida Bento ganhou maior visibilidade após a publicação do seu livro, que permaneceu entre os títulos mais vendidos, figurando em listas de destaque

como a Feira do Livro de São Paulo, em 2023. Em novembro de 2024, a autora recebeu homenagem do projeto *Donas da Rua*, da Maurício de Sousa Produções, e foi retratada em quadrinhos (Figura 1).

Figura 1 - Cida Bento representada no projeto *Donas da Rua*



Fonte: Andrade (2024).

Assim, ao abordar os debates sobre a branquitude, tornam-se destaque as estruturas que sustentam o racismo em suas diversas formas. Para o enfrentamento dessas dinâmicas, vamos discutir a trajetória do Movimento Negro Educador, comprometido com a construção de uma educação voltada à justiça racial.

1.2 O Movimento Negro Educador no avanço das leis educacionais

Ao ser direcionada para a educação, a história revela a luta do Movimento Negro e os caminhos trilhados por meio das ações afirmativas. As demandas da população negra, ao longo do século XX, foram protagonizadas por esse movimento, culminando em importantes conquistas, como a sanção da Lei nº 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas.

Os ativistas do Movimento Negro reconhecem que a educação não é a solução de todos os males, porém ocupa lugar importante nos processos de produção de conhecimento sobre si e sobre “os outros”, contribui na formação

de quadros intelectuais e políticos e é constantemente usada pelo mercado de trabalho como critério de seleção de uns e exclusão de outros. Além disso, a educação, no Brasil, é um direito constitucional conforme o art. 205 da Constituição Federal (1988) (referencia da constituição). Contudo, todas as pesquisas oficiais realizadas nos últimos anos apontam como o campo educacional tem produzido e reproduzido no seu interior um quadro de desigualdades raciais (Gomes, 2011, p. 112).

Para atender essas necessidades, a escola e a sala de aula reforçam o papel de visibilidade para as ações de enfrentamento ao racismo no contexto educacional. É o que explicam Sousa, *et al.* (2022) sobre a educação escolar ser um espaço de (re)construção de percepções de mundo e necessário trazer a desconstrução histórico-cultural em relação a atuação dos negros escravizados até os dias atuais.

Até a década de 1980, o Movimento Negro tratava o acesso à educação com um discurso mais universalista, que se modificou ao entender que não atendia a maioria da população negra, e, assim, encaminhou as discussões para as ações afirmativas, como a modalidade de cotas (Gomes, 2019).

A Marcha Nacional Zumbi dos Palmares contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida, realizada em novembro de 1995, foi responsável por elaborar o *Programa para superação do racismo e da desigualdade étnico-racial*, entregue ao presidente da República da época, Fernando Henrique Cardoso.

A resposta do governo federal à Marcha Zumbi dos Palmares gerou a manifestação da Presidência da República, reconhecendo que o Brasil é um país onde o racismo se faz presente e está arraigado. Aqui o exemplo é bastante revelador: ao ser indagado pelo movimento negro, o governo brasileiro deu uma resposta que foi vital para os desdobramentos posteriores, ou seja, o reconhecimento público do Estado brasileiro de que o racismo está presente na estrutura do nosso país e, portanto, o governo deveria desenvolver políticas públicas para enfrentá-lo (Gomes; Silva; Brito, 2021, p. 5).

Nessa breve retrospectiva, um importante marco ocorreu no início do século XXI, com a realização da III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, promovida pela ONU, em Durban, África do Sul, em 2001. Diante das demandas trazidas pelo Movimento Negro, finalmente o Estado brasileiro assume o compromisso em prol da educação dos negros. O debate principal é sobre as desigualdades escolares estarem interligadas às desigualdades raciais, e como avanço espera-se a implementação de políticas públicas.

Finalmente em janeiro de 2023 é sancionada a Lei nº 10.639/2003, marco de ação afirmativa no contexto educacional brasileiro. Entende-se como ação afirmativa “as diversas políticas públicas e privadas que têm por objetivo promover benefícios, recursos, oportunidades e direitos civis, políticos e culturais a várias categorias que são, ou foram, objeto de discriminação na sociedade” (Rios; Santos; Ratts, 2023, p.13). Posteriormente houve a publicação do Parecer Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Profissional(CNE/CP) nº 3/2004, com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais.

Em 2023 a Lei nº 10.639/2003 completou 20 anos, e apesar de tratar da obrigatoriedade do Ensino da História da África e Cultura Afro-Brasileira nos currículos escolares da Educação Básica, destaca-se o desafio de confrontar práticas e imaginário racial em relação a população negra e presentes no funcionamento da educação brasileira (Gomes, 2011).

Essa legislação precisa ser entendida como fruto de um processo de lutas sociais, e não uma dádiva do Estado, já que, como uma política de ação afirmativa, ela ainda é vista com muitas reservas pelo ideário republicano brasileiro, que resiste em equacionar a diversidade. Esse ideário é defensor de políticas públicas universalistas e, por conseguinte, de uma postura de neutralidade da parte do Estado. Essa situação, por si só, já revela o campo conflitivo no qual se encontram as ações, os programas e os projetos voltados para a garantia do direito à diversidade étnico-racial desencadeadas pela lei n. 10.639/03, o Parecer CNE/CP 03/2004 e a Resolução CNE/CP 01/2004 no Brasil (Gomes, 2011, p. 117).

Ao discutir os desafios da academia em relação à Lei nº10.639/2003, Deus (2020) diz que um deles surge sobre quando não são dadas condições para ver a África com outros olhos, dado que tardiamente surgiram estudos para desfazer os equívocos, como as desigualdes sociais que decorrem do racismo e discriminação racial no Brasil.

Uma iniciativa que surgiu na cidade de Santarém, no oeste do Pará, foi a criação de espaços denominados afrotercas, que vêm contribuindo de forma concreta para a implementação da Lei nº10.639/2003. A proposta nasceu no Grupo de Pesquisa em Literatura, História e Cultura Africana, Afro-brasileira, Afro-amazônica e Quilombola (AFROLIQ) da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), e a primeira delas foi inaugurada em parceria com Ministério da Igualdade Racial (MIR), em novembro de 2024. A Afroteca Curumim é um espaço composto por obras infanto-

juvenil e materiais lúdicos, com objetivo de acolher as crianças com uma perspectiva afrocentrada (Ramos, 2025).

As afrotecas são um passo importante para efetivar a educação antirracista nas escolas, ao oferecer um espaço de intervenção para crianças que estão na Educação Básica. A reitora da UFOPA, professora Aldenize Ruela Xavier comentou em entrevista (Ramos, 2025), “As afrotecas não são apenas espaços de aprendizado, mas também de resgate e valorização da cultura e da identidade negra, que proporciona às futuras gerações o que lhes foi negado no passado”. Existe a previsão de inauguração de novos espaços nos municípios paraenses de Oriximiná, Monte Alegre e Alenquer.

Ao pensar o espaço escolar e a inclusão da história e cultura afro-brasileira, é necessário reconhecer a complexidade de acolher os diferentes repertórios que professores e professoras trazem para orientar suas práticas em sala de aula. Nesse sentido, torna-se fundamental oferecer contribuições à formação inicial, promovendo uma abordagem contextualizada e crítica sobre o tema por meio da educação antirracista, como será discutido no próximo tópico.

1.3 Fundamentos para Educação antirracista no contexto escolar

O ambiente escolar demanda do educador conhecimento sobre uma pluralidade de conceitos para discutir a temática racial. As demandas partem de cada realidade, porém, em comum, as práticas devem ser pautadas preferencialmente no reconhecimento do racismo e representatividade afro-brasileira.

Com relação à formação docente, a visão de unidade entre teoria e prática faz-se importante por propor uma resignificação ao entendimento de educação e à atuação docente. A educação é pensada a partir das demandas da realidade, das necessidades concretas do contexto educacional, que também é social, e por uma busca de fundamentos para uma intervenção transformadora. Em relação à atuação docente, a visão de unidade propõe que a ação dos(as) docentes seja resposta a essas demandas da realidade socioeducacional. Assim, a formação docente, nessa perspectiva, deve voltar-se à consciência crítica da educação e da atuação dela na sociedade, implicando uma incessante busca por transformações educacionais em respostas à realidade social (Sousa *et al.* 2022, p. 9).

Acerca da formação docente inicial, alinhamos o estudo a discussão de Freire (2021) sobre a necessidade da teoria e a prática partirem juntas para uma transformação significativa. Ou seja, os envolvidos iniciam as reflexões no próprio

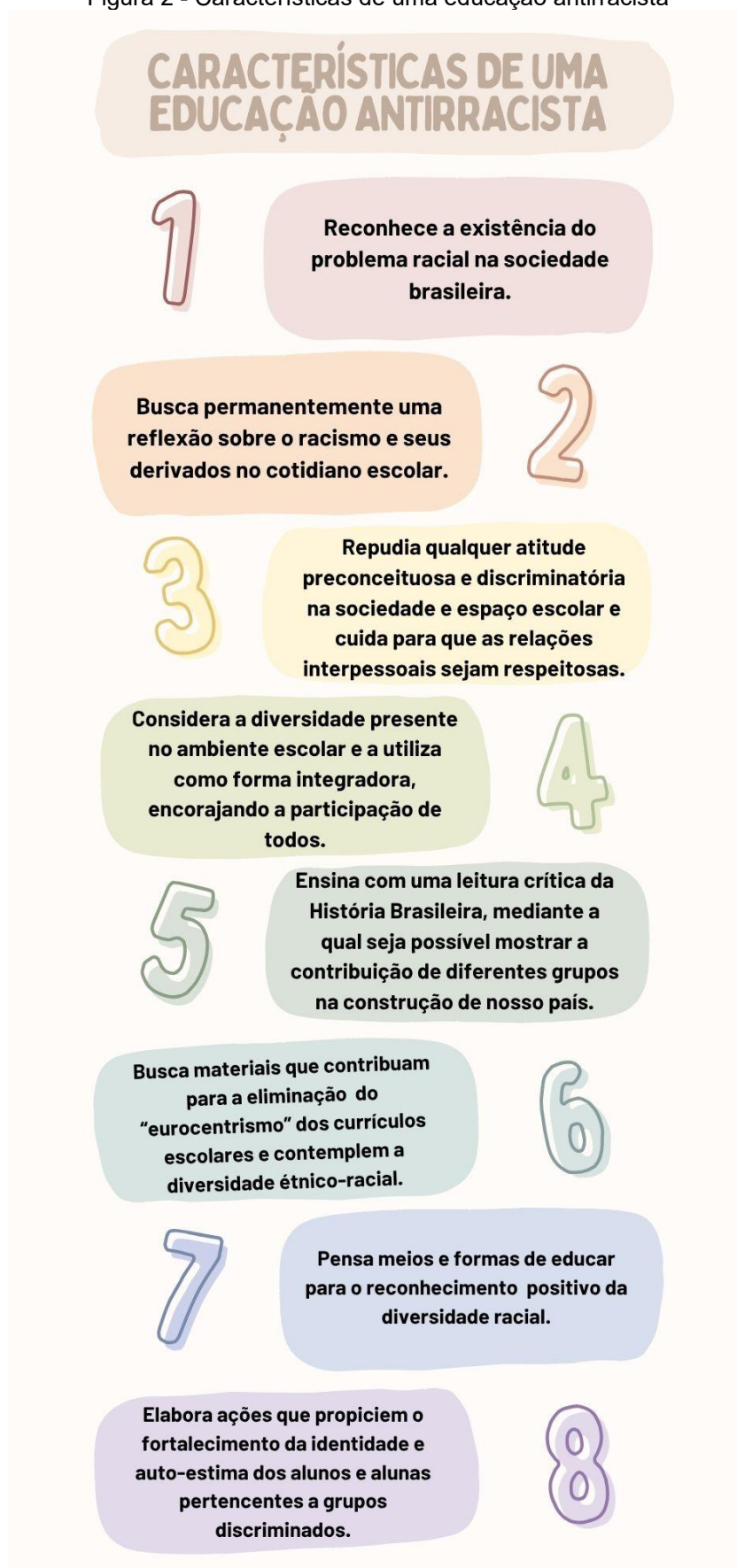
processo formativo e assim exploram as práticas antirracistas como futuro educador. Para isso, espera-se que os cursos para formar professores e professoras nas instituições de Ensino Superior ofereçam formação com essa finalidade.

Assim como Paulo Freire, bell hooks também defende que teoria e prática não devem ser dissociadas. O espaço formativo é compreendido por ela como um lugar de liberdade e transformação. Em sua obra, hooks (2021) destaca a importância do respeito em relação à visão democrática do professor, ressaltando que é por meio dessa perspectiva que o ensino e a aprendizagem se tornam processos contínuos. Ao compartilhar o conhecimento de forma dialógica, afastando-se de práticas autoritárias, cria-se um ambiente propício para que a aprendizagem seja vivenciada de forma completa, crítica e significativa.

Em *Ensinando a transgredir*, hooks (2021) argumenta que a educação deve promover a autoatualização de quem ensina e de quem aprende. Esse conceito parte da necessidade de haver um processo contínuo de comprometimento do indivíduo para a transformação de si mesmo e do seu entorno. Envolve partir de uma reflexão crítica sobre a própria vida, mas não de forma egoísta, deve-se estar atento as relações, as opressões internalizadas e cada papel na transformação do mundo.

E nessa vivência para autoatualização, a educação antirracista se encaixa ao propor o diálogo na integração desde os saberes não reconhecidos, os apontamentos da legislação e a formação docente, encarada como compromisso ético e político. Cavalleiro (2024 p.121) diz que a educação antirracista “é pensada como um recurso para melhorar a qualidade do ensino e preparar todos os alunos e alunas para a prática da cidadania”. Para esta pesquisa, consideram-se como principais características de uma educação antirracista aquelas indicadas por Cavalleiro (2024), as quais podem ser observadas na Figura 2.

Figura 2 - Características de uma educação antirracista



Fonte: adaptado de Cavalleiro (2024 p.158).

Para elaboração deste estudo, buscou-se atender especialmente o item 6 (Figura 2) a saber o “Busca materiais que contribuam para a eliminação do ‘eurocentrismo’ dos currículos escolares e contemplem a diversidade étnico-racial”. A ideia é compor o referencial teórico e o embasamento do produto educacional, retirando a visão eurocentrica como protagonista. Por isso, foi adotada na proposta “Os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros”, descritos no próximo tópico.

1.4 Os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros

No levantamento bibliográfico realizado para este estudo, foi encontrada pela pesquisadora a série de cadernos pertencentes ao projeto *A Cor da Cultura*. São eles: *Modos de Ver*, *Modos de Sentir* e *Modos de Interagir*. Ao serem estudados, foi possível conhecer o potencial do material e os desdobramentos do projeto conduzido por Azoilda Loretto da Trindade (2006). O projeto *A Cor da Cultura* (Figura 3) foi criado em 2004 em parceria do canal Futura, a Petrobras, o Centro de Informação e Documentação do Artista Negro (Cidan) e a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) do governo federal, e teve como principal referência para sua construção a Lei nº10.639/2003. O projeto realizou diversas ações e a distribuição de materiais, principalmente em escolas públicas para os docentes, e ainda em Organizações Não Governamentais (Ongs), com o intuito de promover a formação em educação das relações étnico-raciais e a valorização da cultura afro-brasileira (Trindade, 2006).

Figura 3 - Logomarca do projeto *A Cor da Cultura*.



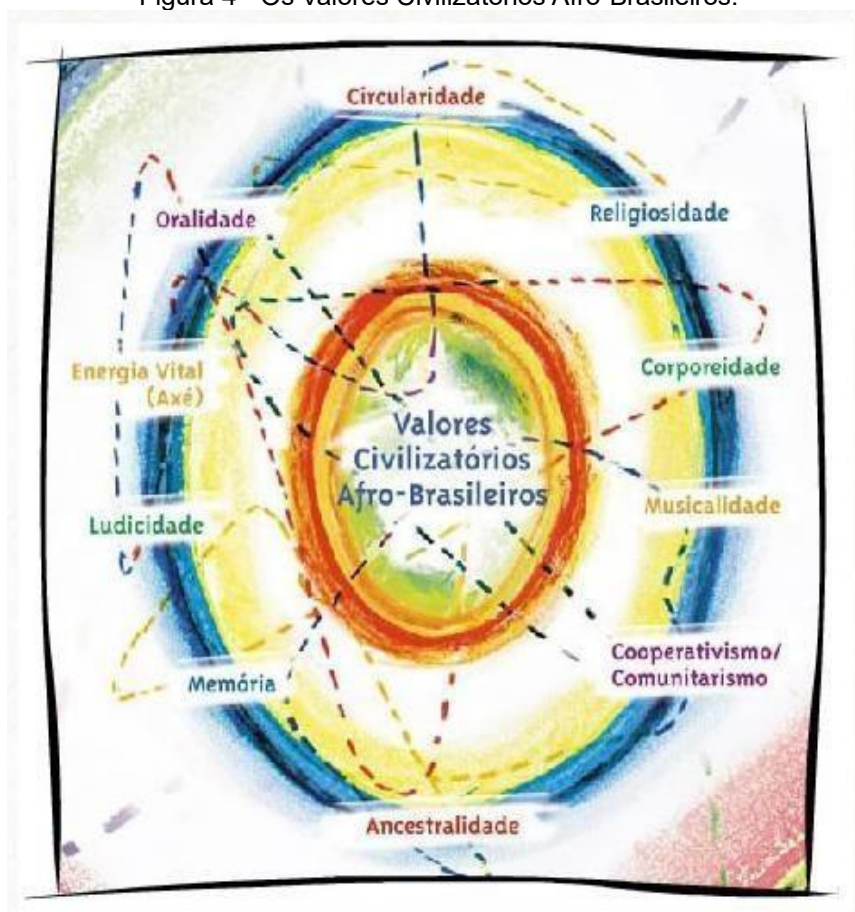
Fonte: Trindade (2006).

Na época da criação, o projeto teve como coordenadora pedagógica a professora Azoilda Loretto da Trindade, e em sua biografia como educadora, militante e bisneta de negros escravizados, ocupou espaços importantes para as discussões

que antecederam a Lei nº10.639/03 e contribuíram para a sua criação e implementação.

Os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros foram propostos no *Caderno Modos de Interagir* em 2006 e englobam a pluralidade do referencial de matriz africana que chegou no Brasil. O diagrama da Figura 4 foi criado por Azoilda para ilustrá-los e revela seu sentido no excerto “busca mostrar/ilustrar que tais valores não são lineares, estanques, mas se interpenetram, se hibridizam, obedecem a fluxos e conexões que se dão na cotidianidade e na imersão e absorção dessa dimensão civilizatória” (Trindade, 2006, p.17).

Figura 4 - Os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros.



Fonte: Caderno “Modo de Interagir”, Trindade (2006, p.16).

Ao serem incorporados à pesquisa, os valores permitem o olhar para além dos referenciais eurocêntricos que historicamente moldaram a educação brasileira. Para ampliar essa compreensão, o quadro 1 apresenta os conceitos de cada valor civilizatório afro-brasileiro representado no diagrama.

Quadro 1 - Conceitos dos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros.

Valores civilizatórios	Conceitos
Energia Vital (Axé)	Revela a circularidade da vida, está presente em tudo que é vivo, pois tudo o que existe tem axé. Tem energia vital nas plantas, água, ar, tempo, ou seja, tudo é sagrado e está em interação.
Oralidade	Pela/na oralidade os saberes, poderes, quererem são transmitidos, compartilhados, legitimados. A expressão oral é carregada de sentido, de marcas de nossa existência.
Circularidade	Com o círculo, o começo e o fim se imbricam, a energia transita, olhar e enxergar o outro. As rodas de samba, rodas de capoeira, as giras dos terreiros e, também, as rodas de conversa.
Corporeidade	Com o corpo se afirma a vida, se vive a existência, individual e coletivamente. O corpo conta histórias, é potência e possibilidades.
Ludicidade	O jogo pode ser uma forma de linguagem usada para transmitir conhecimento que fazem parte do patrimônio cultural do grupo. Jogar, brincar, sorrir, dançar, isso resume a ludicidade a favor da vida, da sobrevivência e humanidade.
Musicalidade	Muitos das referências da musicalidade brasileira são de origem afro. A dimensão do corpo que dança, que vibra, que responde aos sons. A consciência de que nosso corpo produz melodias e potencializa a musicalidade como um valor.
Cooperativismo	Não existe cultura negra, cultura afro-brasileira, individualmente, na solidão, mas no coletivo, na cooperação, <i>no</i> e <i>com</i> o outro. Pensar o coletivo é pensar que existe a possibilidade de transformar espaços e pessoas.
Memória	A comunidade negra carrega uma memória da nossa história que está submersa, escondida pelo racismo, que precisa ser descortinada, desenterrada. Permitir aflorar a memória ancestral e permitir a construção de espaços diferenciados para o convívio.
Religiosidade	Permite entender o aspecto sagrado do cuidar e ser cuidado, pois nossos corpos são como templos sagrados de uma ancestralidade potente e pujante que atua a todo momento e em todos os espaços, modificando e transformando existências. Religiosidade não como religião, mas como respeito à vida, ao outro.
Ancestralidade	O passado, a História, a sabedoria, os olhos dos/das mais velhos/as tomam uma enorme dimensão de saber-poder, de quem traz o legado, a dimensão ancestral carrega o mistério da vida, da transcendência.

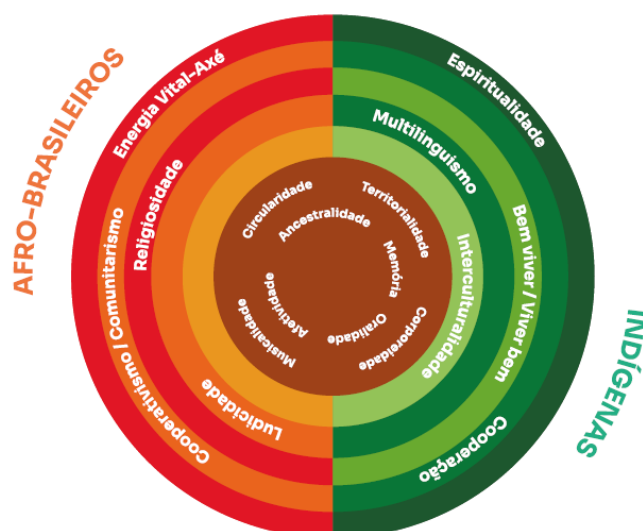
Fonte: adaptado de Caderno Modos de Interagir, Trindade (2006).

Dessa forma, a concepção de Azoilda incorporada como base teórica desta pesquisa orienta as reflexões sobre práticas educativas comprometidas com a história e a cultura afro-brasileira. Contribui também para uma formação docente sensível à diversidade e às experiências de estudantes negras e negros, alinhada aos princípios da educação antirracista.

Em 2023 o Governo Federal anunciou a retomada do projeto *A Cor da Cultura*, em parceria entre Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) e a Fundação Roberto Marinho, com isso, e foi lançado um novo material revisado e ampliado em novembro de 2024. Encontra-se no *Caderno de Metodologia – Saberes e Fazeres* um diagrama reformulado (Figura 5), com a inclusão da perspectiva indígena. Para ajudar na interpretação, o material diz:

As cores revelam pontos de encontro e distinções. Em destaque os verbetes convergentes. As repetições de frases e palavras sugerem uma rítmica relacional. Nos inspiramos no movimento de repetição, característico do canto, da dança e da musicalidade de origem africana e indígena, que desempenham um papel significativo de reconhecimento, familiaridade e conexão com a ancestralidade, para apresentarmos os diálogos e especificidade entre os valores civilizatórios afro-brasileiros e indígenas. (Potyguara; Camargos; Castro, 2024, p.22)

Figura 5 - Novo diagrama dos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros



Fonte: Caderno de Metodologia – Saberes e Fazeres (2024).

A atualização e ampliação do projeto em diálogo com a Lei nº 11.645/08, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), ratificou o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, incluindo, também, a obrigatoriedade do ensino de história e cultura indígena. A proposta foi desenvolvida de forma coletiva, em fóruns de escuta e conteúdo, que deram origem à proposta editorial do novo kit pedagógico do projeto. Além disso, cerca de 50 consultores participaram diretamente na elaboração dos conteúdos para trazer a diversidade de perspectivas, territorialidades e práticas aos materiais.

1.5 As histórias em quadrinhos no contexto educacional

No ano de 2023 o quadrinista Maurício de Souza, criador dos personagens das histórias em quadrinhos com a *Turma da Mônica*, concorreu como candidato a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL). Esse episódio tornou-se polêmico após as críticas do concorrente James Ackel, com a seguinte declaração: “gibis não são literatura”. Em resposta, o quadrinista comentou: “quadrinhos são revolucionários e ficam entre literatura e arte gráfica”. No final, a vaga acabou ocupada por outro candidato, o filólogo Ricardo Cavaliere (Gabriel, 2023).

Os eventos polêmicos semelhantes ao citado, envolvendo histórias em quadrinhos, tornaram-se recorrentes com o aumento da circulação e do alcance junto ao público. Pode-se exemplificar com o ocorrido em relação a sua popularidade ao longo das primeiras décadas do séc. XX, Vergueiro (2006, p. 8, grifos do autor) descreve a seguinte questão:

Pais e mestres desconfiavam das aventuras fantasiosas das páginas multicoloridas das HQs, supondo que elas poderiam afastar crianças e jovens de leituras “mais profundas”, desviando-os assim de um amadurecimento “sadio e responsável”. Daí, a entrada dos quadrinhos em sala de aula encontrou severas restrições, acabando por serem banidos, muitas vezes de forma até violenta, do ambiente escolar (Vergueiro, 2006, p. 8, grifos do autor).

O uso dos quadrinhos em sala de aula no Brasil foi regulado pela legislação a partir de 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e, no ano seguinte, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), incluindo a releitura de práticas pedagógicas utilizando diversos gêneros de quadrinhos e outras manifestações artísticas. O próximo passo fato relevante ocorreu em 2006, em que

pela primeira vez houve a compra dos títulos de histórias em quadrinhos de diferentes editoras por meio do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) e posterior distribuição para as escolas brasileiras (Vergueiro, 2022).

Ao longo da história da humanidade, diferentes formas de contar as histórias foram surgindo, e os quadrinhos, como “uma forma narrativa por meio de imagens fixas” (Cagnin, 1975, p. 24), é uma delas. A linguagem dos quadrinhos se torna única entre os tipos de arte, ao oferecer a combinação dos seus elementos em diversos gêneros, como ficção científica, biografias e até filosófico. Ramos (2023, p.17) estabelece: “Quadrinhos são quadrinhos. E, como tais, gozem de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos”.

As histórias em quadrinhos apropriam-se de linguagens provenientes de diferentes áreas, articulando-as em um sistema próprio de significação que resulta em uma forma comunicativa singular. Nesse sentido, não se constituem apenas pela combinação de texto e imagem, mas incorporam também elementos de outras linguagens.

No Brasil, o grupo pioneiro nas pesquisas sobre histórias em quadrinhos, criado em 1990, foi o Núcleo de Pesquisa em Histórias em Quadrinhos, vinculado ao Grupo de Pesquisa Observatório de Histórias em Quadrinhos da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) (Prado, 2003). Porém, nota-se a carência de estudos com público adulto, principalmente relacionando a aprendizagem com o uso das narrativas gráficas, conforme apontado em estudos de Presser, Braviano e Gonçalves (2015) e nos levantamentos realizados para esta pesquisa. Sobre as possibilidades de aproveitá-las na área educacional, Vergueiro (2006, p.25) menciona:

Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema – não existe qualquer barreira para o aproveitamento das histórias em quadrinhos nos anos escolares iniciais e tampouco para sua utilização em séries mais avançadas, mesmo em nível universitário. A grande variedade de títulos, temas e histórias existentes permite que qualquer professor possa identificar materiais apropriados para sua classe de alunos, sejam de qualquer nível ou faixa etária, seja qual for o assunto que deseje desenvolver com eles Vergueiro (2006, p.25).

A partir da lacuna apontada por Presser, Braviano e Gonçalves (2015) e nossa pesquisa, os estudos realizados com as histórias em quadrinhos têm a possibilidade de demonstrar se existe o potencial como recurso a ser utilizado no Ensino Superior.

Para a escolha dos títulos adotados na oficina, fez-se necessário conhecer a representação do negro nas narrativas, para direcionar as suas etapas os critérios de seleção.

1.5.1 A representação do negro nos quadrinhos

No estudo das diferentes representações do negro em história em quadrinhos, Nobu Chinen parte da análise de imagens do início do século XIX, quando o humor gráfico utilizado, principalmente em charges, retratava-os em traços caricatos e estereotipados (Chinen, 2019), conforme mostra a Figura 6. No Brasil, Chinen é referência nas pesquisas do tema e publicou em 2019 o livro com título *O negro nos quadrinhos do Brasil*.

Figura 6 – Representação com traços exagerados da senhora negra



Fonte: reprodução de Chinen (2019, p. 102).

Na obra *O negro na formação da sociedade paraense*, de Vicente Salles (2007), mostra os jornais de Belém utilizando figuras satirizadas de negros após assinatura da Lei Áurea em 13 de maio de 1888, na Figura 7.

Figura 7 - Jornal A Semana Ilustrada, Belém - 1888, com sátira sobre “ascensão social” do negro



Fonte: reprodução de Salles (2004, p. 80).

Ao observar a imagem apresentada podemos extrair algumas informações associados ao período histórico em questão. A sátira racial nos jornais período pós-abolição em Belém evidencia como a população negra passou a ser representada de forma caricatural, depreciativa e desumanizante. As figuras têm traços exagerados, como o rosto da mulher com tamanho dos lábios desproporcionais (semelhante a Figura 6), as vestimentas que simulam uma falsa elegância e posturas ridicularizadas, o que reforça estereótipos raciais amplamente difundidos à época. A legenda “Depois do dia 13 de Maio” sugere ironicamente uma suposta mudança de status social, mas a representação visual nega esse reconhecimento, mesmo após o fim legal da escravidão.

Publicada a primeira vez no Brasil em novembro de 1905, a revista *Tico-Tico*, voltada para o público infanto-juvenil tornou-se popular e trazia como conteúdo: “Em suas páginas podiam ser encontradas passatempos, mapas educativos, literatura juvenil [...] Contudo, o mais singular e pioneiro no semanário foi a publicação de histórias em quadrinhos destinadas ao público infantil no Brasil” (Biblioteca Nacional, s.d.). Na publicação em 1907 teve a estreia do personagem Giby, desenhado por J. Carlos (1884-1950), como se vê na Figura 8.

Giby era criado da família do personagem Juquinha, também nome da série. Desenhada por J. Carlos (1884-1950), um dos mais prolíficos e talentosos artistas gráficos e caricaturistas de todos os tempos, Giby já possuía todas as características estereotipadas que viriam a marcar a maioria, se não a totalidade, das representações de negros em quadrinhos e charges de modo geral. No rosto, lábios extremamente grossos a ponto de abarcar toda a parte inferior da cabeça, olhos saltados e orelhas proeminentes. O corpo era esguio e os seus braços, desproporcionalmente longos (Chinen, 2019, p. 125).

Figura 8 - Giby, primeiro personagem negro de destaque nos quadrinhos brasileiros.



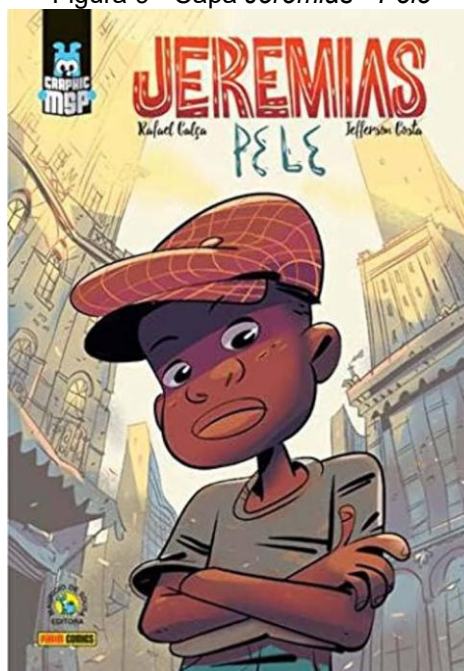
Fonte: reprodução de Chinen (2019, p. 126).

No final da década de 1950, estreia o primeiro personagem dos quadrinhos de Maurício de Souza, o cachorro azul Bidu. O criador tornou-se famoso principalmente com a Turma da Mônica, de cujo núcleo principal fazem parte Mônica, Magali, Cascão e Cebolinha. O personagem secundário, um garoto negro de 10 anos chamado Jeremias, surgiu em 1959 como integrante da turma.

Agostinho (2017) nos mostra a trajetória do personagem na dissertação *Que 'negro' é esse nas histórias em quadrinhos? Uma análise sobre Jeremias de Mauricio de Sousa*. Para o pesquisador, apesar da intensa produção da Turma da Mônica ao longo das décadas, o personagem “atua apenas como coadjuvante, figurante, e protagonista temporário, sem assumir uma posição explícita e efetiva de denúncia do racismo e da promoção da igualdade racial” (Agostinho, 2017, p. 124).

A situação se transforma em 2018, com o lançamento do título *Jeremias - Pele* (Figura 9), parte da coleção voltada para público adulto e chamada de *Graphic MSP*. No enredo como protagonista, mostra a discriminação racial partindo de sua professora em sala de aula, quando na apresentação escolar sobre profissões destina a ele representar um pedreiro. Os autores Rafael Calça e Jefferson Costa, responsáveis pelo título com o personagem criado por Maurício de Sousa, receberam prêmio Jabuti de “histórias em quadrinhos” em 2019 pela publicação.

Figura 9 - Capa *Jeremias – Pele*



Fonte: Reprodução Calça; Costa (2018).

A narrativa aborda a experiência do racismo a partir do espaço na escola, com aprofundamento de caráter estrutural e simbólico utilizando a linguagem dos quadrinhos. Em decorrência da apresentação com as profissões, Jeremias passa por um processo de aproximação com a construção de sua identidade, especialmente no que se refere ao pertencimento racial. A coleção teve continuidade com a publicação dos títulos *Jeremias-Alma* (2020) e *Jeremias-Estrela* (2023).

No artigo *Autodefinição e corpos negros emancipados nas HQs de Bennê Oliveira e Lila Cruz*, a autora Maria da Conceição Francisca Pires (2022) realiza análise a partir da produção das artistas disponibilizadas em ambientes virtuais e nas redes sociais. Apesar de reconhecer a relevância das pesquisas de Chinen (2019), questiona o cenário:

Certamente por estar fora dos interesses imediatos do autor, sua pesquisa pouco ou nada nos diz sobre em que momento esse tipo de representação passou a ser questionada no Brasil, tanto pela comunidade negra de forma ampla como por artistas negros, de forma mais específica. Também chama a atenção a mínima referência a existência de artistas mulheres negras atuando no mercado editorial de quadrinhos (Pires, 2022, p.182).

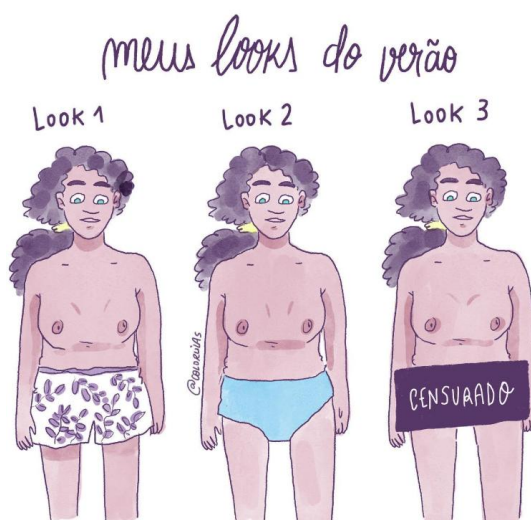
No ponto de examinar os desenhos das quadrinistas negras brasileiras contemporâneas, Pires (2022, p. 195) identifica as características mostradas nos corpos nus das Figuras 10 e 11 e afirma: “representam uma arte contra hegemônica que afronta as tradicionais representações das mulheres nos quadrinhos e, sobretudo, das mulheres negras”.

Figura 10 - Bennê Oliveira, Instagram, 25 set. 2018



Fonte: reprodução Pires (2022, p. 196).

Figura 11 - Lila Cruz, Instagram, 02 fev. 2021



Fonte: Cruz (2025).

No contexto amazônico, foi lançada em 2021 o quadrinho *Zagaia – coletânea de quadrinhos afroamazônicas* (Figura 12), feita por artistas negros da Amazônia e organizada pelo quadrinista Elton Galdino (2021), e conta com a participação de 13 artistas e 10 histórias quadrinizadas e apresentadas em formato de box. Os roteiros e estilos artísticos visuais e textuais são diversos, porém em comum enaltecem a relação entre diferentes gerações e respeito à ancestralidade, religiosidade, existencialismo, entre outras questões. Na Figura 13 a exibição da história *Tempo*, que faz parte da coletânea.

Figura 12 - Coletânea Zagaia



Fonte: Galdino (2021).

Figura 13 – Reprodução da HQ *Tempo*, de Mandy Barros

Fonte: Coleção *Zagaia* (Galdino, 2021).

As imagens e histórias em quadrinhos apresentadas neste tópico evidenciam uma breve amostra da representação negra ao longo da história nas narrativas gráficas. Inicialmente marcadas por estereótipos, essas representações passaram, ao longo das décadas, por transformações significativas, alcançando a contemporaneidade com uma diversidade que favorece seu uso no campo educacional.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 Caracterização da Metodologia

Consideramos fundamental, para a compreensão desta dissertação, apresentar de maneira detalhada o percurso metodológico adotado em sua construção, com o intuito de responder à questão foco que a orienta, juntamente com os objetivos definidos. A abordagem de pesquisa do estudo foi qualitativa, que conforme aponta Minayo (2009, p. 21), “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. As etapas do produto educacional preparadas no contexto reflexivo, resultou em uma produção no campo das relações, representações e intencionalidade, e por isso raramente é traduzida em números (Minayo, 2009).

A natureza da pesquisa foi aplicada, pois segundo Gil (2011) tem como objetivo solucionar um problema específico gerando resultados práticos. Para isso, é essencial que a problemática surja de demandas reais e significativas no contexto de estudo, como, por exemplo, a necessidade de fortalecer a formação para a educação antirracista no Ensino Superior. Nesse sentido, ao longo desta, procuramos articular como estratégia, a construção e avaliação de uma oficina voltada à sensibilização dos discentes em torno das temáticas raciais.

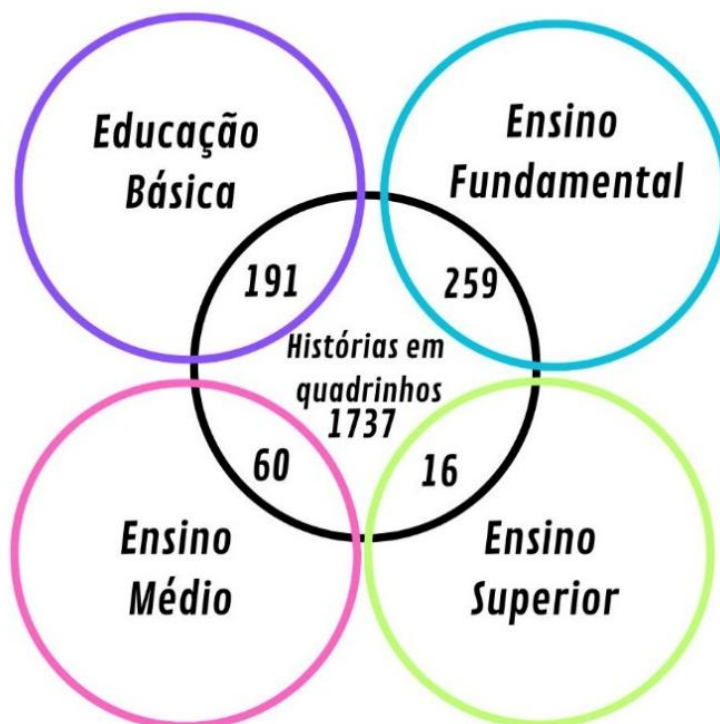
Para atingir esse objetivo, inicialmente adotamos uma abordagem exploratória, através do levantamento bibliográfico sobre o tema, indispensável para realização que qualquer pesquisa, ao fornecer uma base teórica e analisar pesquisas semelhantes já realizadas. Também está incluído o aprofundamento da pesquisa bibliográfica e levantamento documental, assim como as etapas para concepção do produto educacional. Por fim, a testagem com os graduandos do curso de Pedagogia da UFPA e, por último, a validação com painel de especialistas, com a aplicação de questionário para levantamento das informações.

É importante detalhar a abordagem exploratória na etapa inicial na construção do tema, voltada à busca por trabalhos semelhantes e à demonstração da relevância de propostas que utilizam histórias em quadrinhos no Ensino Superior. Para refinar o processo de busca, utilizou-se o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, disponível em seu *site* oficial.

Em abril de 2024, para Relatório de Qualificação da pesquisadora, inseriu-se no campo de busca as palavras “histórias em quadrinhos”, assim totalizou 1242 resultados entre teses e dissertações. O próximo passo foi acrescentar, um de cada vez, com o operador booleano AND. O resultado organizado mostrou o Ensino Superior como o menos explorado, com o quantitativo de apenas sete trabalhos realizados (quatro dissertações de Mestrado Profissional, duas de Mestrado Acadêmico e uma tese de Doutorado). Em comparação, o Ensino Fundamental teve o total de 123 pesquisas, sendo o maior número encontrado na combinação de busca, enquanto Ensino Médio ficou 60 e Educação Básica 47.

Em junho de 2025, a busca foi repetida com os mesmos parâmetros anteriores, e dessa vez o resultado para “histórias em quadrinhos” totalizou 1737, entre teses e dissertações. Com o operador booleano AND com *strings* de busca dos diferentes níveis de ensino, o resultado mostrou que o Ensino Superior permaneceu como o menos explorado, com o quantitativo de 16 trabalhos realizados (08 dissertações de Mestrado Profissional, seis de Mestrado Acadêmico e duas tese de Doutorado), porém em relação aos sete encontrados em 2024, a número dobrou e foi além. Em comparação, o Ensino Fundamental teve o total de 259 pesquisas, sendo o maior número encontrado na combinação de busca. A Figura 14 ilustra visualmente esses dados, destacando, por meio de interseções, como os resultados se distribuem entre os diferentes níveis de ensino.

Figura 14 - Levantamento de dissertações e teses com a temática de HQs e diferentes níveis de ensino



Fonte: adaptado de Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (2025).

No Quadro 2 apresentamos a relação detalhada com dados dos trabalhos identificados na combinação de busca com “histórias em quadrinhos” e “ensino superior”, em ordem cronológica. No levantamento, deve-se destacar o item 05, por tratar-se de uma dissertação com proposta de pesquisa aproximada ao presente trabalho. Os principais pontos semelhantes na dissertação intitulado *As questões étnico- raciais nas histórias em quadrinhos: reflexões educativas na formação docente*, de autoria de Lívia Maria Serafim Duarte Oliveira (2016), foram a realização com discentes do curso de Pedagogia e o uso das narrativas gráficas para verificar qual a colaboração na formação teórica e prática educacional dos envolvidos. Ao final da pesquisa citada, a autora confirmou que a oficina pedagógica aplicada com a temática étnico-racial contribuiu para ampliação e promoção do conhecimento teórico e prático dos discentes participantes. O trabalho também mostrou o papel dos quadrinhos como fonte de representação da população afro-brasileira, quando utilizadas nos momentos de discussões no ambiente de ensino.

Destacam-se, ainda, duas dissertações desenvolvidas no âmbito do mesmo programa de mestrado (PPGCIMES) que utilizaram as histórias em quadrinhos como recurso pedagógico, conforme indicado nos itens 09 e 11 deste levantamento. Uma

delas apresentou a concepção da “HQ Criativa”, uma HQtrônica composta por quatro episódios e enriquecida com elementos de hipermídia, além de recursos como um *bullet journal* com propostas de atividades criativas para o Ensino Superior, visto que é uma competência essencial no século XXI. A outra pesquisa investigou as potencialidades da arte computacional para a aprendizagem criativa em programação científica, adotando uma política narrativa inspirada nas histórias em quadrinhos e na obra cinematográfica de *Star Wars*.

Na etapa de pesquisa bibliográfica deste estudo, os materiais encontrados foram selecionados de acordo com a pertinência do tema, para leitura e embasamento teórico. A busca textual considerou os seguintes descritores: educação antirracista, Lei nº 10.639/2003, relações étnico-raciais, branquitude, formação Pedagogia, e histórias em quadrinhos. As pesquisas foram realizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Tese e Dissertações (BDTD), Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, Plataforma Educapes, Google Acadêmico, e em acervo de bibliotecas físicas, livros e artigos em periódicos científicos na internet.

O levantamento documental foi realizado em fontes como *site* institucional da UFPA, vinculado ao curso de Pedagogia, Faculdade de Educação (FAED) do Instituto de Ciências da Educação (ICED) e no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA).

Esta segunda etapa da pesquisa bibliográfica foi fundamental para a construção do roteiro da oficina, pois esse momento possibilitou a definição das temáticas que irão orientar tanto a escolha das histórias em quadrinhos quanto a elaboração posterior das atividades. A escolha dos temas é um momento estratégico para acrescentar ao processo formativo o alinhamento dos objetivos da oficina a conteúdo relevantes no campo das relações étnico-raciais.

De acordo com Cavalleiro (2024, p.125), “realizar uma educação antirracista é transformar o cotidiano escolar, fazendo, impreterivelmente, uma reflexão profunda sobre o que sentimos e como agimos diante da diversidade”. A partir desse princípio e com apoio do referencial teórico lido, foram selecionadas três temáticas que abordam dimensões de valorização e reconhecimento da diversidade histórica e cultural da população negra no Brasil, incluindo os debates sobre a branquitude. A fundamentação nessa parte foi ancorada em autoras e autores como hooks (2017, 2021), Munanga (2015), Gomes (2011, 2019) Gomes, Silva e Brito (2021), Cavalleiro (2024), Bento (2022) e Trindade (2006).

Quadro 2 - Relação de Teses e Dissertações encontradas com as buscas por “Histórias em quadrinhos” e “ensino superior”.

(continua)

Nº	Autor (a)	Título	Nome do programa	IES	Ano
01	Maria Beatriz Furtado Rahde	Os universos de Raymund e Druillet: releitura de imagens e reflexões pedagógicas	Doutorado em Educação	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	1997
02	Maria Aparecida de Sousa	Afetividade: perspectiva dos formadores de professores de matemática	Mestrado em Educação	Pontifícia Universidade Católica de Campinas	2004
03	Rosemira Mendes de Sousa	As historietas como recurso para ensino de língua e de outros aspectos culturais nas aulas de espanhol	Mestrado em Letras	Universidade Federal de Rondônia	2012
04	Adriana Yumi Iwata	Alfabetização e Divulgação Científica de Química por Meio da Produção de Histórias em Quadrinhos e Atividades Educativas Não-formais	Mestrado em Química	Universidade Federal de São Carlos	2015
05	Livia Maria Serafim Duarte Oliveira	As questões étnico-raciais nas histórias em quadrinhos: reflexões educativas na formação docente	Mestrado Profissional em Formação de Professores	Universidade Estadual da Paraíba	2016
06	Vinicius Arantes de Souza	A Geografia em Quadrinhos Digitais: Análise de uma prática educativa	Mestrado em Educação	Universidade Federal do Triângulo Mineiro	2018
07	Andressa Torinelli	Conhecendo os princípios e concepções dos institutos federais: a história em quadrinhos como instrumento	Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná	2019
08	Marcelo Victor de Souza Moreira	Os desdobramentos do funcionalismo alemão no Brasil	Doutorado em Estudos da Tradução	Universidade de São Paulo	2019

(conclusão)

Nº	Autor (a)	Título	Nome do programa	IES	Ano
09	Andreza Jackson de Vasconcelos	HQ Criativa: uma HQtrônica para estimular docentes a trabalharem a competência criatividade por meio de histórias em quadrinhos em sala de aula	Mestrado Profissional em Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior	Universidade Federal do Pará	2020
10	Welber Eduardo Vaz	Educação e história em quadrinhos: análise das representações dos jovens do campo no gibi "Chico Bento Moço"	Mestrado em Educação	Universidade Federal de Mato Grosso	2021
11	Franco de Miranda Serio Neto	Arte de programar: um encontro criativo e inovador entre a programação científica e a arte computacional	Mestrado Profissional em Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior	Universidade Federal do Pará	2022
12	Jorciane Moreira de Campos	Jogos de Boardgames e RPG na Didática da História e sua relação com a África	Mestrado Profissional em Ensino de História	Universidade Federal de Mato Grosso	2022
13	Lilia Santos Gonçalves	História da matemática e quadrinhos: as ideias de infinitésimos desenvolvidas por Zenão, Eudoxo e Arquimedes Campina	Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática	Universidade Estadual da Paraíba	2023
14	Jéssica Cristina Goulart	Histórias em quadrinhos e o ensino de psicologia: uma proposta para a formação de professores	Mestrado Profissional em Ensino	Universidade Estadual do Norte do Paraná	2023
15	Marco Aurelio da Silva	A sala digital plural: uma proposta de ensino de bioquímica celular por meio da temática microbiota intestinal e das tecnologias digitais de informação e comunicação	Mestrado Profissional em Ensino de Ciências	Universidade Federal de Ouro Preto	2023
16	Milene Regina Medeiros Fernandes	Avaliação do conhecimento sobre hipertensão arterial sistêmica em trabalhadores do setor de petróleo e gás de Macaé	Mestrado Profissional em Ambiente, Sociedade e Desenvolvimento	Universidade Federal de Ouro Preto	2023

Fonte: elaborado pela autora de Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (2025)

2.2 Curadoria das histórias em quadrinhos na construção da oficina

Para iniciar a curadoria das histórias em quadrinhos, o primeiro critério adotado foi a escolha de títulos nacionais tendo a autoria de pessoas negras e com roteiro alinhado as temáticas mostradas. O sentido é ter as experiências a partir dessa perspectiva, conforme justificativa dada por Silva (2007, p. 501):

O desconhecimento das experiências de ser, viver, pensar e realizar de índios, de descendentes de africanos, de europeus, de asiáticos, faz com que ensinemos como se vivêssemos numa sociedade monocultural. Isto nos torna incapazes de corrigir a ilusão da democracia racial, de vencer determinações de sistema mundo centrado em cosmovisão representativa de uma única raiz étnico-racial. Impede-nos de ter acesso a conhecimentos de diferentes origens étnico-raciais, e ficamos ensinando um elenco de conteúdos tido como o mais perfeito e completo que a humanidade já teria produzido. (Silva, 2007, p.501).

Para a realização da curadoria, considera-se que a autora desta pesquisa é leitora e colecionadora de narrativas gráficas há mais de 10 anos, reunidos em um acervo físico pessoal. Também acompanha eventos do segmento, assim como os lançamentos de editoras nacionais de quadrinhos e publicações independentes. Desde 2016 já apoiou 36 campanhas de financiamento coletivo de títulos de quadrinhos pela plataforma Catarse⁴. Articulado à trajetória da pesquisadora, o aprofundamento teórico sobre a linguagem dos quadrinhos ocorreu ao longo do mestrado, com base em autores como Vergueiro (2006), Ramos (2023), Postema (2018) e Cagnin (1975).

A seleção dos títulos foi inicialmente realizada por meio de uma busca em dois perfis da rede social Instagram, dedicados à publicação de resenhas especializadas em histórias em quadrinhos: Afronerd e Fora do Plástico, quanto a publicações entre 2021 e 2024, conforme Quadro 3.

⁴ Plataforma conhecida por agregar projetos com a finalidade de arrecadar recursos para viabiliza - lós por meio de financiamento coletivo. Link de acesso: <https://www.catarse.me/>

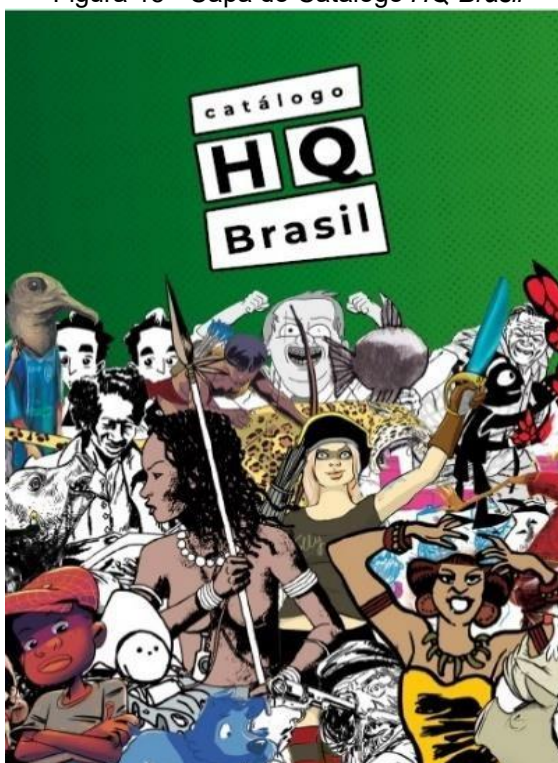
Quadro 3 - Etapa de curadoria das HQs

Nome do perfil	Link de acesso	Período da busca
Afronerd	https://www.instagram.com/afronerd_/	Março de 2024
Fora do Plástico	https://www.instagram.com/foradoplastico/	Março de 2024

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A consulta seguinte foi realizada no *Catálogo HQ Brasil* (Figura 15), lançado em 2019 por meio de uma parceria entre a Bienal de Quadrinhos de Curitiba e o Ministério das Relações Exteriores do Governo Federal do Brasil, bem como em suas versões atualizadas de 2020 e 2022.

Figura 15 - Capa do Catálogo HQ Brasil



Fonte: Bienal de Quadrinhos de Curitiba (2019).

A partir dos parâmetros definidos, foi realizado o agrupamento dos títulos dos quadrinhos de acordo com as temáticas definidas. O passo seguinte foi a escolha dos três títulos apresentados na Figura 16.

Figura 16 – Títulos das histórias em quadrinhos escolhidas para a oficina



Fonte: elaborado pela autora (2024).

2.2.1 Uso de imagens de quadrinhos: direitos autorais

No cenário de execução da oficina, o ideal seria todos os participantes realizarem a leitura dos títulos escolhidos para facilitar as atividades. Porém, surgem questões que refletem o mercado editorial brasileiro, no que diz respeito à aquisição das publicações de quadrinhos. Silva (2021), na dissertação *A nesga entre fronteiras: quadrinhos, ensino-aprendizagem e história em uma proposição metodológica*, pesquisa voltada para Educação Básica, faz o seguinte comentário:

“Houve uma acentuada modernização no mercado editorial brasileiro de quadrinhos ao fim dos anos 2000, o que tornou o consumo de alguns tipos de publicações mais custosas do que outras. Os quadrinhos de luxo têm invadido o mercado nacional com certa presença. Em termos editoriais, há certa preocupação em transformar estas publicações em peças artísticas completas, com extras, capa dura e outros elementos materiais que de fato contribuem para uma experiência mais ampla de leitura. No entanto, temo que o reflexo destas características nos preços de determinadas obras possa afastar o colega docente de se aventurar no contato com uma nova mídia (Silva, p.70, 2021).”

Com a possibilidade de os participantes não terem condições financeiras de arcar com essa aquisição, foi preciso refletir sobre como disponibilizá-las. Para isso, durante a oficina, em relação ao título *Mukanda Tiodora*, o trecho da página 01 a 84 foi digitalizado, e feito o compartilhamento do arquivo no local de armazenamento,

para leitura via dispositivo móvel ou *desktop*. Para a narrativa de *Confinada*, durante a atividade (Momento 02), foram utilizadas cópias impressas de algumas páginas. A narrativa completa foi previamente disponibilizada na rede social Instagram, por meio do perfil do artista Leandro Assis, antes de sua publicação em formato físico. Enquanto o quadrinho intitulado *Carolina*, foi exibida nos slides para os participantes, durante a realização da oficina. Além disso, os exemplares dos títulos pertencentes ao acervo pessoal da pesquisadora foram levados para a sala e disponibilizados ao grupo, a fim de possibilitar o acesso e conhecimento.

O Observatório de Quadrinhos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo mantém *site* em formato de blog, para divulgação de pesquisas, publicações, eventos e produção acadêmica relacionada com histórias em quadrinhos e áreas correlatas. A matéria publicada em novembro de 2023, *O uso de quadrinhos em trabalhos acadêmicos*, trata do compartilhamento em detrimento aos direitos autorais de autores e editoras:

Ao pretender utilizar imagens de histórias em quadrinhos em um texto acadêmico, deve-se estar atento aos objetivos de uso daquela imagem específica. Nesse sentido, é importante perguntar se ela é realmente necessária e o quanto contribui para os objetivos do texto. Se a resposta for positiva, inclui-se a imagem. Uma segunda questão envolve a quantidade e diversidade de figuras utilizadas. São todas de um mesmo autor, de uma mesma obra? A concentração em um autor ou obra é justificável quando ele ou ela são o objeto da pesquisa - um trabalho acadêmico sobre a personagem Mônica, de Maurício de Sousa, certamente vai pedir a inclusão de quadrinhos de que ela participe (Vergueiro, 2023, s.p)

Portanto, vale esclarecer que não houve disponibilização de nenhuma das obras em sua totalidade em formato digital ou em cópias, apenas de trechos que contextualizem o enredo e sirvam para serem relacionados à temática na oficina, respeitando os direitos autorais das obras e os aspectos éticos, para tanto, destaco que, a pesquisadora tendo feito a leitura de todas as histórias em quadrinhos selecionadas, considerou ser possível desenvolver os objetivos do PE no formato de disponibilização. Finalmente, recomendou-se aos participantes a aquisição dos títulos de interesse, com o objetivo de realizar a leitura integral.

2.1 Estruturação da oficina

O planejamento de uma oficina envolve diversos elementos que devem estar interligados e alinhados diretamente ao seu objetivo principal. Para o momento, será

utilizado como embasamento o produto educacional de Shirley dos Santos da Silva, egressa do PPGCIMES, intitulado Manual para Estruturação de Oficina Pedagógica (2020). A parte do material consultado, será considerado três etapas para a estruturação, descritas a seguir:

- **1ª Etapa: Organização das ideias:** Definição da questão foco, tema, objetivos, público-alvo, tempo, local, materiais, recursos teóricos, recursos tecnológicos, possibilidades de oferta, metodologia, e estudos sobre a temática.
- **2ª Etapa - Realização da oficina:** Organização do ambiente (limpeza, decoração, som, iluminação, climatização), testagem dos equipamentos, dinâmica de boas-vindas, apresentação do tema e objetivos, socialização de experiências (conhecimento prévio), estudos sobre o tema, debates, produção, estímulo para o desenvolvimento da criatividade, socialização das produções e feedback.
- **3ª Etapa de Avaliação:** Conhecer o que os participantes acharam da oficina referente aos aspectos: metodologia, tempo, recursos, conteúdo e aprendizagens.

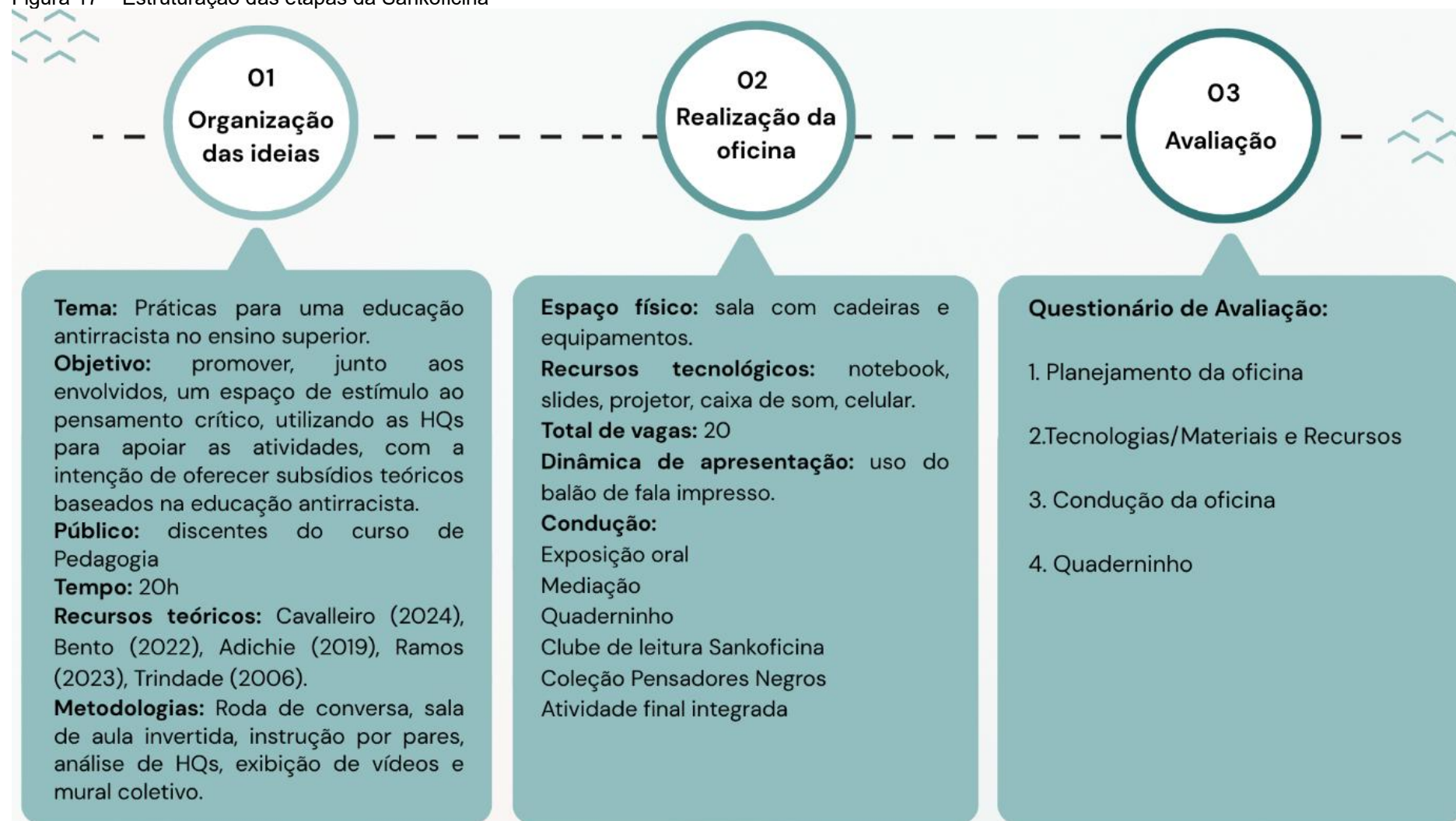
Após a etapa de curadoria, teve início a elaboração do roteiro detalhado das atividades, compondo a fase da pesquisa aplicada, com a oficina intitulada *Sankoficina: histórias em quadrinhos na construção de práticas educacionais antirracistas no Ensino Superior*, estruturada em momentos síncronos e assíncronos. As atividades foram inspiradas em modelos de metodologia ativa, ou seja, “dão ênfase ao papel protagonista do aluno, ao seu envolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo, experimentando, desenhando, criando, com orientação do professor” (Bacich; Moran, 2018, p. 41). Com a finalidade de contribuir no processo ensino e aprendizagem durante a oficina, foram incorporados recursos tecnológicos educacionais como a Nuvem de Palavras com auxílio da plataforma Mentimeter⁵, e um teste de perguntas aplicadas utilizando o Kahoot⁶

A Figura 17 apresenta um resumo das três etapas de estruturação da oficina, conforme o modelo proposto por Silva (2019).

⁵ Plataforma online de apresentações interativas, usada para engajar o público por meio de perguntas em tempo real, enquetes, nuvens de palavras e outros recursos participativos.

⁶ Plataforma digital de aprendizagem baseada em jogos e quizzes interativos, para contextos educacionais e corporativos.

Figura 17 – Estruturação das etapas da Sankoficina



Fonte: elaborado pela autora a partir de Silva (2019).

2.2 Instrumentos de geração de dados

A geração de dados em uma pesquisa requer a combinação de instrumentos e técnicas definidos conforme o tipo de informação desejada. Para tanto, é fundamental revisar o planejamento e as etapas da atividade. No caso de optar pela utilização de questionário, Gil (2011, p.121) atribui seu significado de “traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas”.

No caso desta pesquisa, foram construídos três questionários: um destinado a receber as inscrições dos interessados na formação ofertada, incluindo campos para dados de perfil e informações sobre experiências prévias com quadrinhos (Apêndice B); um para coletar junto aos participantes inscritos as percepções após a participação na oficina (Apêndice E); e um para validação na etapa do painel de especialistas (Apêndice H).

O primeiro questionário, intitulado como formulário de inscrição, ficou disponível no período de 21 de janeiro a 07 de fevereiro de 2025. As perguntas incluíam nome, gênero, idade, cor/raça, e-mail e alternativas para a experiência prévia de leitura dos quadrinhos. No final do mês de fevereiro de 2025, após a finalização da Sankoficina, foi disponibilizado o questionário de avaliação, com perguntas sobre o planejamento da oficina, tecnologia/materiais e recursos adotados, condução da oficina pela mediação e aspectos do material de apoio *Quaderninho*. Como instrumento de validação do PE, o questionário para o painel de especialistas foi liberado no período de 05 de abril a 09 de junho de 2025, com as seções de planejamento da oficina, *Quaderninho* e parecer final.

A plataforma Google Formulários foi adotada em todos os questionários, por ser considerada um formato adequado para a geração de dados ao permitir personalização e interatividade, visando proporcionar junto aos participantes uma experiência simplificada e intuitiva na coleta das respostas.

2.3 Público de interesse

Para a realização da oficina, definiu-se como grupo participante os discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia, no campus Belém da UFPA. Os aspectos descritos a seguir evidenciam a relevância de desenvolver a pesquisa com esse público, considerando as contribuições que a proposta pode oferecer ao longo de

sua formação acadêmica

Conforme relatado nas motivações da pesquisa, a pesquisadora teve contato com a ADIS durante o período de capacitação para a banca de heteroidentificação, em 2022. Posteriormente, ao ingressar no mestrado e iniciar a definição dos caminhos da pesquisa, retomou o diálogo com a professora Isabel Cabral, coordenadora de Diversidade Étnico-Racial dessa divisão no período. Na conversa, após a apresentação da proposta inicial, com a temática da educação antirracista e o uso das histórias em quadrinhos, a coordenadora indicou como possível público para a testagem do PE o curso de Licenciatura em Pedagogia da UFPA, campus Belém. À época, o levantamento bibliográfico identificou o trabalho de Amarante (2022), que apontava a ausência de uma disciplina obrigatória relacionada à Lei nº 10.639/2003 no referido curso. Após constatar que não houve alterações nos componentes curriculares desde a pesquisa citada, a mestranda, em conjunto com sua orientadora, sentiu-se confiante em definir como grupo participante os discentes do curso de Pedagogia da UFPA.

2.4 Lócus de pesquisa

O contexto definido para ser lócus da pesquisa foi o curso de Pedagogia, na Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal do Pará, vinculada ao Instituto de Ciências da Educação (ICED).

A história do Instituto de Ciências da Educação (ICED) da Universidade Federal do Pará (UFPA) teve início em 1954, no Colégio Sousa Franco, com a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Atualmente, o ICED é composto por três subunidades acadêmicas: a Faculdade de Educação, a Faculdade de Educação Física e o Programa de Pós-Graduação em Educação. A Faculdade de Educação oferece o Curso de Pedagogia, primeiro curso de licenciatura implantado no Estado do Pará, reconhecido pelo Decreto nº 35.456/1954 e pela Portaria Ministério da Educação (MEC) nº 771/1954 (UFPA, 2010).

Em 2010, foi realizada uma nova avaliação do Curso de Pedagogia, envolvendo a escuta de instituições empregadoras, sindicatos de profissionais da educação, egressos, docentes e discentes do curso. Esse processo avaliativo resultou na elaboração do novo Plano Pedagógico do Curso (PPC), e após 12 anos substituiu o anterior, que estava em vigor desde a Resolução nº 2669/1999.

No caso da busca nos componentes curriculares do curso citado no Plano Pedagógico do Curso (PPC), não foi encontrada disciplina obrigatória com a temática conforme previsto na Lei nº 10.639/2003 e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (DCNERER). Na Matriz Curricular disponível no *site* do ICED, a leitura das ementas revela que apenas a disciplina *História nos anos iniciais* faz referência ao conteúdo de “História e Cultura Afro-Brasileira”.

Na pesquisa de Amarante (2022), houve a menção de uma disciplina optativa denominada *Educação e relações étnico-raciais*, com carga horária de 68 horas (Apêndice I) Foi necessário realizar diversas buscas para localizar informações sobre a disciplina mencionada, uma vez que ela não constava na Matriz Curricular disponível no *site* do ICED. A busca direcionada para o SIGAA permitiu localizar a disciplina no Detalhes da Estrutura Curricular nos anos de 2011 e 2022.

A escolha do lócus da pesquisa envolve outros fatores relevantes. Primeiramente, enquanto servidora técnica desta instituição há 12 anos, a autora reconhece a possibilidade e a responsabilidade de contribuir com ações antirracistas no âmbito da UFPA. Ao longo de sua trajetória profissional, bem como a partir das reflexões suscitadas durante a capacitação para atuação em bancas de heteroidentificação, tornaram-se perceptíveis situações, tanto vivenciadas quanto relatadas, de discriminação racial envolvendo diferentes segmentos da comunidade universitária. Nesse sentido, o lócus da pesquisa foi definido a partir das justificativas apresentadas, relacionadas ao contexto do curso, e a trajetória profissional da autora, com a necessidade de fortalecimento de ações antirracistas no contexto institucional da UFPA.

3 PRODUTO EDUCACIONAL

3.1 Descrição inicial

O mestrado profissional em ensino abre espaço para a produção do produto educacional (PE), com a condição de ser atribuído para aplicação em um cenário real, conforme define Rizatti *et al* (2020). Sendo assim, esse capítulo dedica-se à apresentação do produto educacional intitulado *Sankoficina: histórias em quadrinhos na construção de práticas educacionais antirracistas no Ensino Superior*, produto da dissertação pertencente ao Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias no Ensino Superior (PPGCIMES), na linha de pesquisa Criatividade e Inovação em Processos e Produtos Educacionais (CIPPE).

O PE desenvolvido consiste no roteiro de oficina voltado para práticas em educação antirracista, testados com discentes do curso de Pedagogia em formação inicial. O planejamento considerou a estruturação descrita por Silva (2019), prevendo três etapas: a) 1ª Etapa: Organização das ideias. b) 2ª Etapa - Realização da oficina. c) 3ª Etapa de Avaliação. Como percurso formativo, a oficina teve o objetivo de promover, junto aos envolvidos, um espaço de estímulo ao pensamento crítico, utilizando as histórias em quadrinhos para apoiar as atividades, com a intenção de oferecer subsídios teóricos baseados na educação antirracista.

A preparação para os momentos que serão descritos adiante, leva em consideração o estímulo para uma prática pedagógica engajada e reflexão crítica sobre a prática, na perspectiva abordada por bell hooks (2021) e Freire (2021). Os discentes em formação têm a oportunidade de discutir o “pensar certo” quanto a futuras práticas. Partindo desse pensamento, a oportunidade de inclusão do diálogo diante das diferentes realidades reunidas foi incorporada às atividades por meio de rodas de conversa. Também contribuiu para o formato, a ótica de bell hooks (2017, p.174) “a prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar fronteiras”.

A prática engajada e significativa necessita de estratégias atrativas que incentivem a valorização do conhecimento já existente para direcionar o processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, também estimula o pensamento crítico e o potencial de transformação dos participantes, ao mobilizar a educação antirracista no enfrentamento de desafios em cenários de discriminação racial e demais

problemáticas envolvidas. Ou seja, uma prática capaz de sensibilizar e ainda construir novos conhecimentos na abordagem mostrada.

O educador, a educadora antirracista é, acima de tudo, uma pessoa consciente de si dentro dos sistemas de opressão que estruturaram a nossa sociedade. Ele/ela é aquele sujeito, em uma sociedade estruturalmente racista, que compreende que não há como fugir psicologicamente desse mal social se não destruímos o racismo em suas bases (Pinheiro, 2023, p.145).

A proposta inicial submetida pela pesquisadora na seleção de entrada no mestrado, previa a utilização das histórias em quadrinhos voltadas para a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira previsto na Lei nº10.639/2003. No decorrer das disciplinas obrigatórias do programa, “Criatividade” e “Métodos e Técnicas Inovadoras de Ensino e Aprendizagem”, novas ideias foram surgiram no sentido de aprimoramento do projeto. Incorporadas ao roteiro, foram mostradas na qualificação, e deu-se uma finalização com a intenção de somar ao potencial de transformação dos envolvidos na experiência.

3.2 Sankofa: os símbolos adinkra

Em diferentes locais no continente africano a oralidade se manifesta como uma forma de transmissão entre gerações. Dessa forma, história e identidade de um povo envolve a palavra falada nos momentos de partilha. Porém esse fato não retira o histórico como continente pioneiro no desenvolvimento da escrita, seja na forma dos sistemas pictográficos ou ideogramas.

De acordo com a história oral, o sistema dos adinkra tem origem numa guerra que Asantehene Osei Bonsu, rei dos asante, moveu contra Kofi Adinkra, rei de Gyaaman, região da Costa do Marfim. Este teve a audácia de copiar o banco real de Asantehene, o gwa, símbolo da soberania e do poder do Estado. Assim o rei de Gyaaman provocou a ira do poderoso soberano asante. O Asantehene venceu a guerra, e os asante dominaram a arte dos adinkra, ao mesmo tempo ampliando o espaço geográfico onde esse conjunto de ideogramas impunha sua presença. Antes disso, havia sido patrimônio dos mallam e dos denkyira, povos da África ocidental que desenvolveram esse sistema de escrita em um passado remoto (Nascimento, 2008, p. 29).

Ao observar esse resgate histórico, Nascimento (2008) comenta sobre a negação no campo acadêmico de reconhecer as criações de africanos, comumente atribuindo as atividades intelectual, científica e política a pessoas brancas da civilização ocidental, e classificando-os apenas na esfera do lúdico. Por conseguinte, para a cultura eurocêntrica e colonizadora, a África negra estava reduzida à suas florestas, animais, tribos e outros elementos obsoletos ou bestiais.

O conjunto de símbolos gráficos chamados de *adinkra* teve sua origem no povo akan da África ocidental (região de Gana e Costa do Marfim) e tem significados complexos para representar ditames ou fábulas que expressam conceitos filosóficos (Nascimento, 2008). No Brasil, Abdias Nascimento e Elisa Larkim do Nascimento promoveram a divulgação desses ideogramas de forma mais ampla e acessível por meio da criação do Instituto de Pesquisas e Estudos Afrobrasileiros (IPEAFRO)⁷ no ano de 1981 (Ipeafro, s.d).

Nesse conjunto de símbolos, o ideograma *sankofa* é representado por um pássaro com o pescoço e cabeça voltados para as costas e um ovo no bico, com o significado de “voltar e apanhar de novo aquilo que ficou para trás”, conforme representado na Figura 18. Representa a sabedoria de retornar ao passado, como maneira de melhorar o presente e construir o futuro (Ipeafro, s.d).

Figura 18 - Representação do ideograma *sankofa*.



Fonte: Carvalho (2022).

Os provérbios e as imagens africanas são fontes de duplicidade. E talvez até de uma “multiplicidade” de conhecimentos, em que sociedades e grupos étnicos construíram frases a partir de fundamentos filosóficos, que foram guardados por séculos nas memórias de mestres da tradição e de seus aprendizes (Oliveira, 2016, p. 28).

⁷ Associação sem fins lucrativos com sede no Rio de Janeiro, que exerce ação em quatro áreas: ensino, pesquisa, cultura e documentação”, que tem como seus objetivos: “cooperar com a população afrodescendente na recuperação de sua história e na manutenção e expansão de seus valores culturais de origem e do respeito à sua identidade, integridade e dignidade étnica e humana”.

Na concepção do PE foi escolhido o ideograma *sankofa* pelo seu significado atribuído ter relação com a proposta da oficina, com a intenção de, a partir da história da população negra, consolidar novos conceitos junto aos participantes, associados ao objetivo formativo das atividades. Para nomear o PE, foi feita a combinação de *sankofa* com a palavra **oficina**, resultando em **Sankoficina**.

3.2.1 Identidade Visual para Sankoficina

Para compor o PE, inicialmente foi idealizado pela pesquisadora uma ilustração para remeter ao contexto dos discentes no Ensino Superior, no caso uma pessoa adulta com características fenotípicas de pessoa negra, manuseando um quadrinho. Em tempos recentes definidos com a popularidade de ilustrações geradas por Inteligência Artificial (IA), houve a escolha de priorizar por um trabalho autoral com a criatividade contida no processo artístico do processo. Na ocasião, a artista visual Gyselle Kolwsak, foi responsável por criar a ilustração a partir das referências entregue pela pesquisadora (Figura 19). Vale ressaltar que ela é uma mulher negra nascida em Belém, com a trajetória de trabalho envolvendo quadrinhos, exposições e produção audiovisual, e atualmente mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA.

Figura 19 – Identidade visual para a Sankoficina



Fonte: elaborado por Gyselle Kolwsak (2024).

Após a definição do título Sankoficina, encaminhou-se a inclusão do símbolo *adinkra* para compor as instruções do desenho. Com a combinação de aquarela e lápis aquarelável, o resultado entregue mostra uma jovem negra, de cabelos cacheado e volumoso, com a cor castanho escuro. Está sentada com as pernas cruzadas e mostra de perfil o corpo curvilíneo com tamanho grande. Nas mãos segura um quadrinho e acima tem-se a ilustração do símbolo *sankofa*, que remete ao significado de buscar conhecimentos no passado, nesse caso utilizando os quadrinhos. Os traços pontilhados coloridos formam círculos que se encontram ao redor do desenho, inspirado na representação dos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros, criado por Azoilda Trindade.

3.3 Sankoficina – O Roteiro

A oficina descrita fundamenta-se na articulação de dinâmicas e materiais cuidadosamente selecionados e organizados de forma estratégica, com o intuito de sensibilizar os discentes em um ambiente de aprendizagem colaborativo. As narrativas gráficas foram escolhidas com a finalidade de construir novos conhecimentos da temática racial pautadas na educação antirracista.

O direcionamento é defendido por Vergueiro (2006), que aborda o uso das narrativas gráficas no ensino como um motivador para os estudantes, por aguçar a curiosidade e desafiar o senso crítico. O autor também aponta que “a inclusão dos quadrinhos na sala de aula possibilita ao estudante ampliar seu leque de meios de comunicação, incorporando a linguagem gráfica às linguagens oral e escrita, que normalmente utiliza” (Vergueiro, 2006, p. 22).

A condução para realização ocorreu a partir do roteiro da oficina definido na primeira versão. A estruturação perfaz quatro momentos síncronos de três horas cada, e três momentos assíncronos, totalizando com a carga horária de 20 horas. O planejamento sintetizado de todos os momentos pode ser visto na Figura 20 e está disponível completo no Apêndice A.

Figura 20 - Resumo da primeira versão do roteiro Sankoficina

SANKOFICINA: HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO SUPERIOR

	MOMENTOS	TEMÁTICA	OBJETIVO	TEMPO PREVISTO
Assíncrona	Momento 01	Confirmação de inscrição e material assíncrono	Disponibilizar aos participantes as instruções iniciais para participação na oficina.	3H
Síncrona	Momento 02	Qual o narrador da história?	Conhecer a história do povo negro brasileiro a partir de uma visão afrocentrada.	3H
Síncrona	Momento 03	A branquitude nas relações étnico-raciais	Compreender as características da branquitude no contexto brasileiro.	3H
Síncrona	Momento 04	Revirando memórias - a jornada de reconhecimento e valorização da história negra	Apresentar a diversidade histórica e cultural do povo negro no Brasil.	3H
Assíncrona	Momento 05	Clube de leitura - Sankoficina	Proporcionar ao grupo a experiência da leitura de uma história em quadrinhos.	3H
Síncrona	Momento 06	Práticas com histórias em quadrinhos na educação antirracista	Entender formas de utilização das HQs para a resolução de problemas na temática racial.	3H
Assíncrona	Momento 07	Avaliação da oficina	Avaliar diferentes aspectos na aplicação da oficina como participante.	2H

Fonte: elaborado pela autora (2025).

A Figura 20, com a descrição do roteiro, serviu de base para a elaboração da materialidade do Caderno de Mediação no PE. Esse caderno foi estruturado em três partes integradas:

- Elementos de introdução: capa, ficha técnica e apresentação.
- Apresentação da proposta: recomendações para mediação, princípios norteadores, temáticas, seleção das histórias em quadrinhos, planejamento geral e apresentação do *Quaderninho*.
- Roteiro de aplicação: cada momento com respectivo objetivo, descrição das atividades, tempo previsto, indicação de recursos e material de apoio.

Na elaboração do roteiro da oficina, foram considerados os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros apresentados no referencial teórico, servindo como inspiração para a condução das atividades, conforme destacado os principais no Quadro 4.

Quadro 4 - Ações previstas no PE

Valor Civilizatório Afro-brasileiro	Ação prevista no roteiro do Produto Educacional (PE)
Circularidade	(a) A organização dos participantes no espaço físico em círculo para as diversas atividades, o formato de roda de conversa, leva em consideração que começo e fim se interligam. Trindade (2006, p.17) explica que “a energia transita num círculo de poder e saber que não se fecha, nem se cristaliza, mas gira, circula, transfere-se...”
Oralidade	(a) Os momentos previstos para relatos orais sobre as experiências e reflexões dos participantes. A condução para haver a valorização da fala e da escuta de todos e todas.
Memória	(a) A história da população negra brasileira a partir da trajetória de Tiodora e Carolina Maria de Jesus, contadas nas HQs selecionadas.
Ancestralidade	(a) Ao apresentar as histórias do livro <i>Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis</i> , de Jarid Arraes, inspirados na biografia de mulheres negras ao longo da história e seus legados.

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Para confecção do PE foi utilizado a plataforma de design gráfico online na versão Canva PRO. A edição contou com modelos pré-elaborados customizados pela pesquisadora, como nas alterações de cores e acréscimo de elementos. Os *slides* usados em cada temática também foram criados na plataforma.

Para facilitar o acesso dos conteúdos, foram criados *QR Code* a fim de serem inseridos na montagem, e auxiliar no momento de consulta da mediação aos materiais disponibilizados. O arquivo do PE está disponibilizado no formato de arquivo editável

Portable Document Format (PDF), que oferece vantagens como a praticidade de acesso via dispositivo móvel e a possibilidade de editar para anotações ou possíveis ajustes, além de ser uma opção alternativa a necessidade de impressão. Conforme sustenta Rizzatti, *et al.* (2020, p. 2), sobre o formato digital permitir as devidas adaptações para cada espaço e perfil de participação:

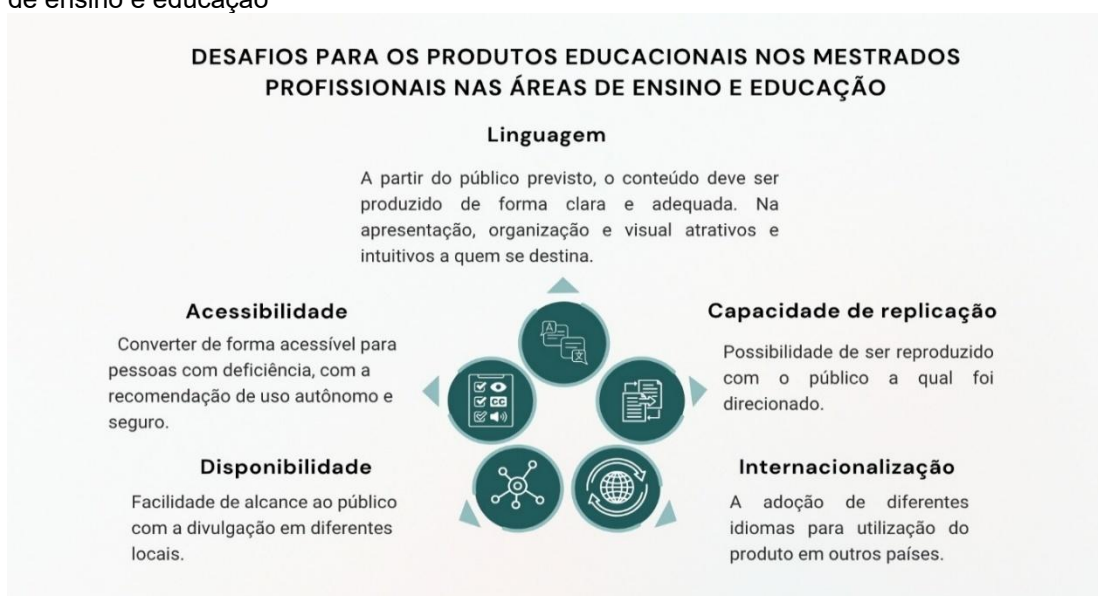
Professores e professoras podem reusar (liberdade de usar), revisar (adaptar, modificar, traduzir), remixar (combinar dois ou mais materiais), redistribuir (compartilhar) e reter (ter a própria cópia) os diferentes produtos gerados nos MP [Mestrado Profissional] de modo crítico, adaptando-os às necessidades de suas diferentes turmas de alunos e devolvendo à sociedade novos PE num continuum (Rizzatti, *et al.*, 2020, p. 2).

Como resultados, esperava-se que ao final de execução da oficina, os discentes estejam estimulados à autonomia do pensamento crítico, com a adoção de posturas dialógicas e sensíveis diante de situações desafiadoras na temática racial, a partir da compreensão das temáticas abordadas.

3.3.1 Aspectos de Avaliação do PE

Para investigar alguns dos desafios relacionados aos produtos educacionais elaborados na área de Ensino e Educação, Gonçalves *et al.* (2022) realizou uma investigação com as etapas de coleta quantitativa e qualitativa, e chegou aos resultados da análise com a consideração dos cinco principais desafios que potencializam o efetivo alcança proposto aos PE, conforme conceituado na Figura 21.

Figura 21 – Resumo dos desafios para os produtos educacionais nos mestrados profissionais na área de ensino e educação



Fonte: Adaptado de Gonçalves *et al* (2022).

Nesse ponto, o PE desta pesquisa foi avaliado a partir dos aspectos que lhe constituíam, em relação aos desafios indicados por Gonçalves *et al.* (2022).

- **Linguagem:** A pesquisadora buscou em ambos as materialidades do PE, mediação e participante, adequar a linguagem para o público destinado. No primeiro, fez-se uso descrições detalhadas em cada etapa da oficina, buscando usar uma linguagem clara e acessível aos diferentes perfis. No contexto visual, buscou-se a utilização de cores e elementos atrativos, e um *layout* com propósito de ser intuitivo e autônomo.

No *Quaderninho*, destinado aos participantes, houve a preocupação de pensar nos discentes que não conheciam as histórias em quadrinhos, suporte metodológico da oficina, com a elaboração teórica de forma sucinta e evitando linguagem acadêmica excessivamente elaborada. Na parte das atividades personalizadas, levou-se em consideração a criação de textos de viés imaginativos unidos ao andamento do plano. Na linguagem visual foi adotado elementos com cores contrastantes, criação de diagramas e inserção de trechos de quadrinhos exemplificativos, com a finalidade de ser atrativo.

- **Capacidade de replicação:** A indicação disposta no PE com as recomendações para mediação, prevê alguns cenários para realização da oficina com a finalidade de facilitar a replicação. No espaço de sala de aula, as orientações do caderno de mediação são descritivas e com sugestão de material de apoio destinados a ajudar o público. Ainda como exemplo, no PE existe a sugestão de aplicar a oficina ou partes dela, em ambientes não formais de ensino⁸. Tal contexto colabora para os efeitos de replicação.
- **Internacionalização:** Não foi possível atender ao requisito neste PE. Para isso, Gonçalves et (2022) ressalta essa característica como um diferencial no PE, porém considera a necessidade de os programas de pós-graduação viabilizarem parcerias para a efetiva superação do desafio.
- **Disponibilidade:** Nesse ponto, deve-se atentar para a previsão do PE ser disponibilizado no site do PPGCIMES após o depósito da versão final. Os outros locais previstos são o Repositório Institucional da UFPA e Portal

⁸ Exemplos de ambientes não formais de ensino: bibliotecas, museus, feiras, organização não-governamental (ONG), praças e espaços religiosos.

EduCapes. A pesquisadora pretende apresentar a pesquisa realizado em eventos científicos futuros, assim como publicações em periódicos científicos.

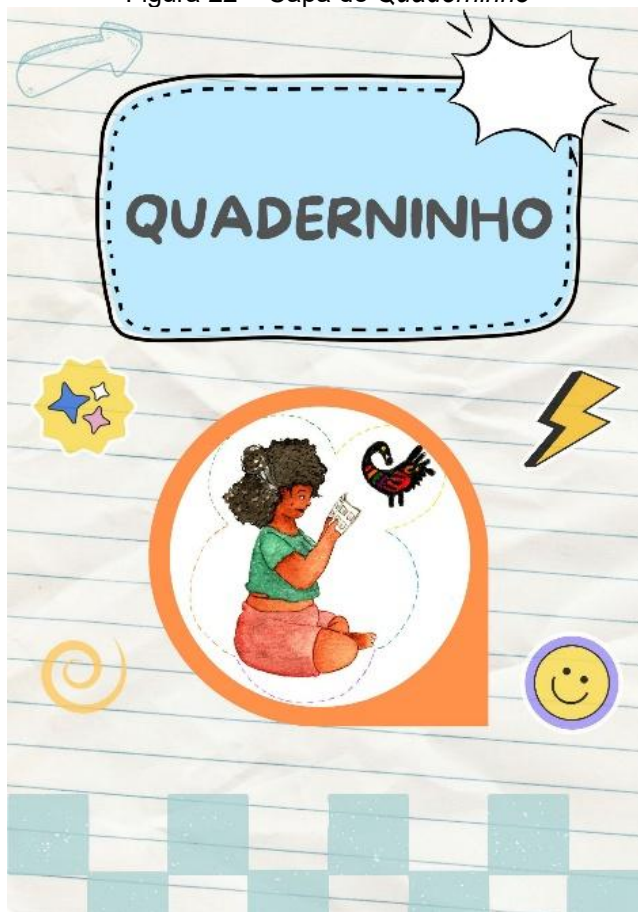
- **Acessibilidade:** O PE tem providenciado uma versão de arquivo no formato OCR (*optical character recognition*, em tradução “reconhecimento de caractere óptico”). Tal tecnologia disponibiliza a geração automática do texto digitalizado no arquivo PDF em áudio. Essa ação permite as pessoas com deficiência visual (cegas e baixa visão), acessar os textos com dispositivo móvel como leitor de telas. No caderno de mediação contém a indicação do projeto HQs Sinalizadas, metodologia criada professora Kelly Priscilla Lódido Cezar, docente na Universidade Federal do Paraná. Trata-se da criação de histórias plurilíngues, associando a narrativa visual a vídeos sinalizados em Língua Brasileira de Sinais (Libras). Além disso, as obras criadas no projeto contam com sinalários (registros em libras dos principais conceitos apresentados nas narrativas visuais) (Murakami, 2021).

3.4 *Quaderninho*

Para viabilizar a execução da oficina, foi desenvolvido, como materialidade do produto educacional, um caderno de instruções destinado aos participantes. A proposta consistiu em estruturar esse material de maneira criativa, reunindo orientações e recursos a serem utilizados durante a etapa de testagem. A escolha do título *Quaderninho* alude a combinação das palavras “caderno” e “quadrinhos”.

Na etapa de organização das ideias, o roteiro da oficina serviu como guia para a definição dos elementos essenciais que deveriam ser incluídos, visando ao acompanhamento adequado dos participantes.

A capa (Figura 22) e contracapa montada na plataforma Canvas PRO, inclui elemento visual de fundo com imitação de uma folha de caderno, fazendo alusão ao título. No centro a ilustração da identidade visual emoldurada na cor laranja, o título *Quaderninho* centralizado na parte superior em uma moldura azul, e alguns elementos como *smile* e raio distribuídos na montagem.

Figura 22 – Capa do *Quaderninho*

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Ao longo das 46 páginas, o *Quaderninho* expõe texto de apresentação, ficha técnica, sumário e referências. O restante do material foi dividido em três partes, elaborado com a intenção de ter uma abordagem reflexiva e participativa. A seguir a descrição de cada uma:

- **Parte 01:** O trecho da página 05 a 13, foi elaborado com atividades personalizadas com foco em estimular o pensamento crítico e criativo dos envolvidos. Algumas ideias foram inspiradas no Almanaque TUDUM, uma publicação do *streaming* Netflix, na versão 2021.
- **Parte 02:** Intitulado “A linguagem dos quadrinhos”, como parte teórica está disponível nas páginas 14 a 27. Com a disposição de textos conceituais elaborados a partir de Vergueiro (2006). Postema (2018), Ramos (2023) e Cagnin (1975). Incluído como tópicos estão os gêneros dos quadrinhos, personagens, balão de fala, legenda ou recordatório, onomatopeias, vinheta, sarjeta e tipos de plano. Na página final exhibe oito pontos indicados por Vergueiro (2006), sobre o uso de histórias em quadrinhos no ensino.

- **Parte 03:** A condução de cada momento da oficina ficou colocado nas páginas 28 a 42. De forma organizada e cronológica, cada etapa síncrona e assíncrona com as temáticas e os materiais dos respectivos momentos listados. Optou-se por criar um diagrama para ilustrar os conceitos dos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiro. Na parte do itinerário para curadoria das histórias em quadrinhos, cada material indicado foi acrescentado o *QR Code* de acesso.

3.5 Aspectos de criatividade e inovação do produto educacional

A criatividade, compreendida como uma competência essencial para o século XXI, desempenha um papel central no enfrentamento de desafios em diferentes contextos sociais e educacionais. Segundo Nakano e Wechsler (2018), a criatividade deve ser vista como um construto multidimensional, envolvendo aspectos cognitivos, sociais e culturais que se manifestam na geração de ideias diante dos diferentes níveis de problemas.

Em relação ao PE desta pesquisa, os aspectos inovadores e criativos são apresentados na ótica da psicologia cultural da criatividade por Glaveanu e Neves-Pereira (2019). Diante da diversidade de concepções sobre criatividade e inovação, a literatura especializada oferece um conjunto de dimensões e critérios que podem auxiliar na avaliação desses aspectos em produtos e processos. Para a realização desta pesquisa, tomamos como referência os estudos de Besemer e Treffinger (1981) e de Moraes (2005), que apresentam parâmetros e critérios quantificáveis e aplicáveis a diferentes contextos.

Ao discutir o conceito de criatividade com enfoque na psicologia cultural, destaca-se que envolve uma concepção não estática, dinâmica e em constante evolução, pois nesse caso, ao unir-se à prática, se reforça e retroalimenta (Glaveanu; Neves-Pereira, 2019). Sendo assim, o roteiro da oficina se coloca como experiência piloto, possibilitando com sua concretização a inclusão de ajustes para melhoria de sua estrutura. A participação ativa dos discentes nas atividades planejadas, cria um ambiente acolhedor para as sugestões de mudança indicadas no percurso.

Considerando o público destinado a realização do PE, a concepção dos momentos aborda a temática racial com a finalidade de uma transformação reflexiva dos envolvidos. Tal ideia encontra apoio na descrição de criatividade feita por Glaveanu e Neves-Pereira (2019, p. 148) como “uma forma de fazer ou realizar, e uma

forma de se relacionar com o mundo acontecendo entre pessoas, objetos e lugares no decorrer do tempo”.

Ao abordar a criatividade produzida nas margens, compreendidas como espaços periféricos, Kilomba (2019) enfatiza que não se trata de uma romantização dessas produções, mas do reconhecimento de sua potência como forma de enfrentamento à autoridade colonial do centro e aos discursos hegemônicos. Essa perspectiva dialoga com as concepções de criatividade propostas por Glaveanu e Neves-Pereira (2019), que a entendem como resultante do encontro entre dimensões sociais e culturais. Nessa direção, alinha-se à afirmação de Kilomba (2019, p. 68) de que “a margem é um local que nutre a capacidade de resistir à opressão, de transformar e imaginar mundos alternativos e novos discursos”.

De acordo com Nakano e Wechsler (2018, p. 239), “o termo ‘inovação’ está sempre ligado à inserção, implantação ou desenvolvimento de uma ideia, produto ou serviço com a finalidade de utilidade na sociedade”. Nesse sentido, o roteiro da oficina é considerado inovador ao ser prototipado com a função de mostrar sua funcionalidade ligado a uma temática relevante para as relações sociais. Trata-se da educação antirracista destinada a formação e inserção nos espaços de ensino, especialmente no enfrentamento do racismo presente no cotidiano educacional nas instituições.

À luz da perspectiva de Nakano e Wechsler (2018), a inovação desta proposta reside no uso das histórias em quadrinhos articuladas à temática da educação antirracista, com foco em sua aplicação no Ensino Superior. Tal abordagem, embora já mencionada anteriormente, reafirma-se diante da lacuna apontada por Presser, Braviano e Gonçalves (2015) e dos achados desta pesquisa, referentes a necessidade de estudos diversificados e aprofundados sobre o uso dos quadrinhos com esse público, especialmente no contexto brasileiro.

O processo criativo descrito por Glaveanu e Neves-Pereira (2019) apresentado na Figura 23, representa o momento de assimilação de posicionamentos do outro em meio a ação criativa. Explica como em ambientes colaborativos, quando as ideias são compartilhadas e entram em contato com outras perspectivas, pode acontecer uma mudança ou integração de diferentes visões. Assim, esta oficina é um espaço que favorecer o trabalho em grupo, ao oferecer momentos de partilhas e reflexões a partir das experiências individuais. É um movimento primordial quando falamos da temática racial, ao propor metodologias partindo da autorreflexão.

Figura 23 – Concepção do processo criativo



Fonte: adaptado de Glaveanu e Neves-Pereira (2019).

Desse modo, os títulos indicados para leitura integram o processo criativo descrito por Glaveanu, pois, ao serem lidos pelos participantes, os quadrinhos acionam a combinação entre imagem e texto e possibilitam diferentes formas de interpretação. Esse movimento favorece o reposicionamento, permitindo que cada pessoa reconheça sua própria história no espaço que ocupa e, ao mesmo tempo, observe as vivências e trajetórias dos personagens apresentados nas narrativas.

Os quadrinhos têm um caráter globalizador – por serem veiculadas no mundo inteiro, as revistas de histórias em quadrinhos trazem normalmente temáticas que têm condições de ser compreendidas por qualquer estudante, sem necessidade de um conhecimento anterior específico ou familiaridade com o tema, seja ela devida a antecedentes culturais, étnicos, linguísticos ou sociais. Além disso, exatamente por seu caráter globalizador, as histórias em quadrinhos possibilitam, com seu uso, a integração entre as diferentes áreas do conhecimento, possibilitando na escola um trabalho interdisciplinar e o com diferentes habilidades interpretativas (visuais e verbais) (Vergueiro, 2006, p.24).

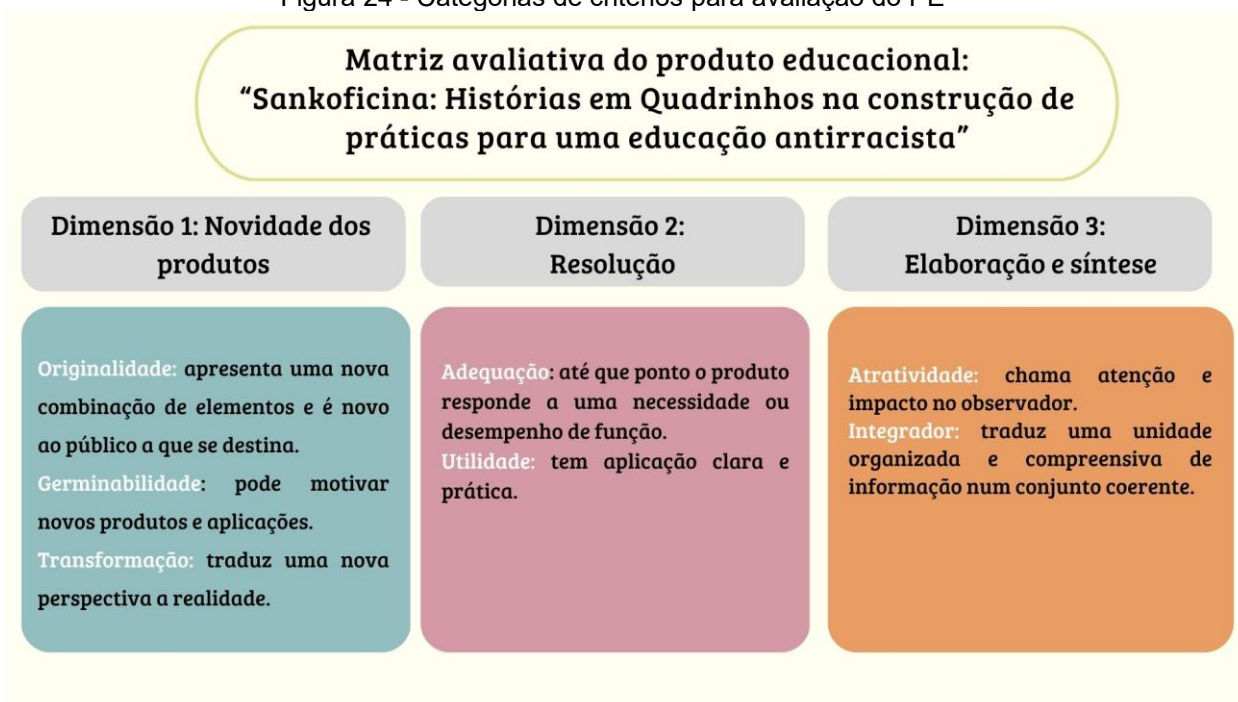
Apesar da psicologia cultural ter contribuições importantes no campo do estudo da criatividade, ela também realiza autorreflexão sobre suas limitações, por exemplo

sobre os recursos metodológicos que buscam mensurar a criatividade. Glaveanu e Neves-Pereira (2019) apontam que ela não se opõe a isso, porém vê com ceticismo os resultados que consideram mensurações estáticas ou com pretensões universalizantes. E para esse passo, será considerado o texto "A avaliação da criatividade: a opção pelos produtos criativos" de Morais (2005), a partir do "Modelo de Análise Criativa de Produtos (CPAM)" proposto por Besemer e Treffinger (1981), com parâmetros e critérios quantificáveis para avaliar aspectos criativos e inovadores. A seguir, a apresentação das três dimensões que integram um produto criativo segundo Morais (2005) e Besemer e Treffinger (1981):

- **Dimensão 1 – Novidade do produto:** atende aos novos processos, técnicas, materiais ou conceitos envolvidos em uma tarefa criativa. As categorias são: originalidade, germinabilidade e transformação.
- **Dimensão 2 – Resolução:** aponta se a resposta do produto está de acordo com seu objetivo. As categorias são: lógica, adequação, apropriado, utilidade e validade.
- **Dimensão 3 - Elaboração e síntese:** avalia a categoria de qualidades estéticas ou estilísticas. As categorias são: expressividade, atratividade, complexidade, aperfeiçoamento, integrador e elegância.

Considerando as dimensões, Figura 24 descreve as categorias de critérios que estão presentes no PE, e dessa forma resulta em uma matriz avaliativa aplicada na pesquisa. Na sequência, a Figura 25 destaca-se o detalhamento conforme os critérios da matriz presente no PE.

Figura 24 - Categorias de critérios para avaliação do PE



Fonte: adaptado de Moraes (2015).

Figura 25 – Detalhamento dos critérios de inovação e criatividade do PE

CRITÉRIOS DE INOVAÇÃO E CRIATIVIDADE DO PE		
Dimensão 1	Dimensão 2	Dimensão 3
<p>Originalidade (a) O uso de HQs no ensino superior e com público adulto. (b) A temática educação antirracista combinada com as HQs.</p> <p>Germinabilidade (a) O roteiro da oficina pode ser aplicado em outros contextos educacionais com as adaptações necessárias.</p> <p>Transformação (a) Oferece um processo formativo reflexivo, baseado na educação antirracista, para promover novas perspectivas e ampliar a compreensão sobre as relações étnico-raciais.</p>	<p>Adequação (a) Na construção do produto, busca-se atender à necessidade demandada para o público destinado e o seu contexto.</p> <p>Utilidade a) As temáticas relacionadas a educação antirracista são necessárias, principalmente ao considerar o ambiente educacional e a Lei nº 10.639/2003.</p>	<p>Atratividade (a) Os temas e momentos da oficina foram planejados com intuito de serem motivadores e manter o engajamento.</p> <p>Integrador (a) A definição de temas ligados à temática racial que estão inseridos no ambiente educacional. (b) Ambiente de interação entre os participantes, onde a fala e a escuta são valorizadas.</p>

Fonte: elaborado pela autora (2025).

A partir dessas contribuições teóricas relacionados ao PE, consolidam-se os fundamentos de criatividade e inovação que orientam a análise apresentada, abrindo caminho para o relato da aplicação da oficina no tópico seguinte.

4 RELATO DA REALIZAÇÃO – SANKOFICINA

Nesta seção, apresentamos a descrição e análise do processo de realização da oficina, inicialmente com a organização e divulgação, até a realização das atividades síncronas e assíncronas com os participantes. Relatamos quais pontos do roteiro inicial foram efetivamente desenvolvidos durante a aplicação, no sentido de apontar os aspectos positivos, assim como a identificação dos possíveis ajustes para melhoria da proposta. No decorrer do texto, utilizamos trechos retirados dos formulários, gravações de áudio e vídeo, e materiais produzidos durante a oficina. Para manter o anonimato dos participantes, conforme garantido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado, optamos por referir aos discentes por “participante”, seguido de uma numeração (exemplo: participante 01), sendo no total 12 participantes.

4.1 Organização e divulgação

O roteiro piloto da oficina recebeu os ajustes após a qualificação, com as escolhas a partir das sugestões indicadas pelos membros da banca, ocorrida em junho de 2024. Para a realização, foi contactada a professora doutora Celi da Costa Silva Bahia, diretora adjunta no Instituto de Ciências da Educação (ICED) na UFPA, localizado no campus Belém, que acolheu a proposta do projeto de pesquisa. Na ocasião ocorreu as orientações sobre as turmas e horários de aulas, no sentido de adequar a oferta à disponibilidade dos discentes. Com a autorização, foi possível reservar a sala 204, localizada no pavilhão F do bloco básico, para os dias dos encontros síncronos. As datas foram definidas considerando o novo calendário acadêmico após o período de greve da instituição em 2024, e ainda para não coincidir com o fim do semestre letivo. No cronograma os encontros presenciais (síncronos) foram marcados para os dias 11, 13, 18 e 20 de fevereiro de 2025, no horário das 14h às 17h. Para prosseguimento, houve a divulgação com visitas realizadas em turmas do curso e a entrega de panfleto contendo *QR Code* para o *link* da inscrição (

Figura 26), e afixação de cartazes no mural da Biblioteca Central e Centro Acadêmico de Pedagogia.

Figura 26 - Panfleto de divulgação

Gosta de histórias em quadrinhos?

SOU UMA CLAYTONA DAS TELEVISÃO ATOLMENTADA PELA CULPA E PELA LÉZINGA!

EU ALEGO INSANIDADE TEMPORÁRIA!

SANKOFICINA: HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO SUPERIOR

Ilustração: Gyselle Kukulak

Olá! Meu nome é Kátia Anaiane Soares Passareli e faço parte como mestranda no Programa de Pós-Graduação em Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior (PPGCIMES), da Universidade Federal do Pará (UFPA), sendo orientada pela Professora Dra. Netília da Silva dos Anjos Seixas.

O que é?
A oficina é destinada aos discentes de Pedagogia com o objetivo de proporcionar aos participantes reflexões e aprendizagem que contribuam na abordagem da temática racial em futuras práticas educacionais pautadas na educação antirracista. As atividades são inspiradas em metodologias ativas. As histórias em quadrinhos são apresentadas como recurso metodológico para as discussões sobre a temática.

Data: 11, 13, 18 e 20 de fevereiro de 2025
Horário: 14h às 17h
Local: Sala profissional
Carga horária: 20h

Inscrição até 07 de fevereiro de 2025

20 vagas

Fonte: elaborado pela autora na plataforma Canvas (2025).

O *link* disponibilizado acessava o questionário no Google Forms, dividido em duas sessões: na primeira sessão, o informe com as datas e horários e um campo para dar ciência sobre a condição da frequência mínima de 75%. Na segunda sessão, na intenção de obter o perfil dos inscritos, mostrava 15 perguntas para dados pessoais, experiência com histórias em quadrinhos e expectativas da formação. As inscrições foram confirmadas via e-mail, e os participantes receberam uma mensagem de acolhimento contendo orientações sobre a oficina e reiterando as informações de local, data e hora. Na véspera do início da oficina, foi preparado pela mediadora um kit para entrega aos inscritos, mostrado na Figura 27, com pasta adicionado o *Quaderninho* impresso, bloco adesivo, caneta e impressão do infográfico

Figura 27 – Kit distribuído aos participantes



Fonte: acervo da autora (2025).

Durante a oficina, o material foi entregue a cada participante com a finalidade de estimular o engajamento nas atividades propostas. Esses materiais também foram concebidos como suporte de referência para uso posterior, para a continuidade das reflexões iniciadas ao longo da experiência formativa.

4.2 Descrição das etapas

Etapa assíncrona 01 – dia 08 de fevereiro de 2025

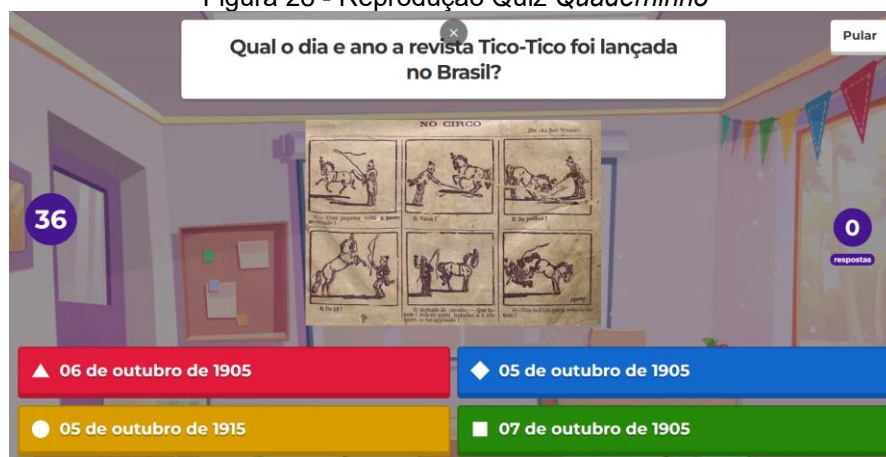
A lista de inscritos recebeu no e-mail informado os seguintes itens: termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), um trecho do título em quadrinhos *Mukanda Tiodora* e o material teórico sobre a linguagem dos quadrinhos (*Quaderninho* pág. 14 a 27), com a recomendação de leitura. No intuito de ajudar na comunicação e tirar dúvidas durante a sua realização, foi criado um grupo no WhatsApp com os inscritos e o título de “Sankoficina”.

Momento 01 (síncrono) - dia 11 de fevereiro de 2025

O primeiro encontro da oficina ocorreu na sala reservada pela diretora adjunta do ICED, localizada no pavilhão F do bloco básico da UFPA – Campus Belém. A pesquisadora apresentou a temática “Qual o narrador da história?” e teve como objetivo conhecer a história da população negra brasileira a partir de uma visão afrocentrada. Para iniciar, a pesquisadora entregou o kit preparado para os 13 inscritos que compareceram, e em seguida apresentou com ajuda dos slides, o cronograma (encontros síncronos e assíncronos) e as temáticas a serem trabalhadas durante a oficina. Os participantes realizaram a assinatura do TCLE, que já havia sido enviado por e-mail. Para conhecê-los, foram distribuídos a impressão de um balão de fala em branco, além do sorteio de um número correspondente a cinco perguntas previamente planejadas e de cunho descontraído. As cadeiras foram dispostas em semicírculo e a apresentação aconteceu com o auxílio do balão preenchido de forma individual.

A próxima dinâmica foi a execução do Quiz *Quaderninho*, com questões elaboradas pela pesquisadora e baseadas no material enviado por e-mail na Etapa 01. Utilizando a plataforma *Kahoot*, todos foram convidados a responder 10 questões utilizando o aparelho celular para leitura do *QR Code* projetado. Após o acréscimo de um *nickname*, deu-se início ao questionário na plataforma, no qual a formação de ranking considera a resposta certa ou errado e o tempo de resposta de cada pessoa. Na finalização do jogo, os três primeiros colocados receberam brinde como premiação (itens de papelaria). A forma de exibição das perguntas com as alternativas está exposta na figura 28.

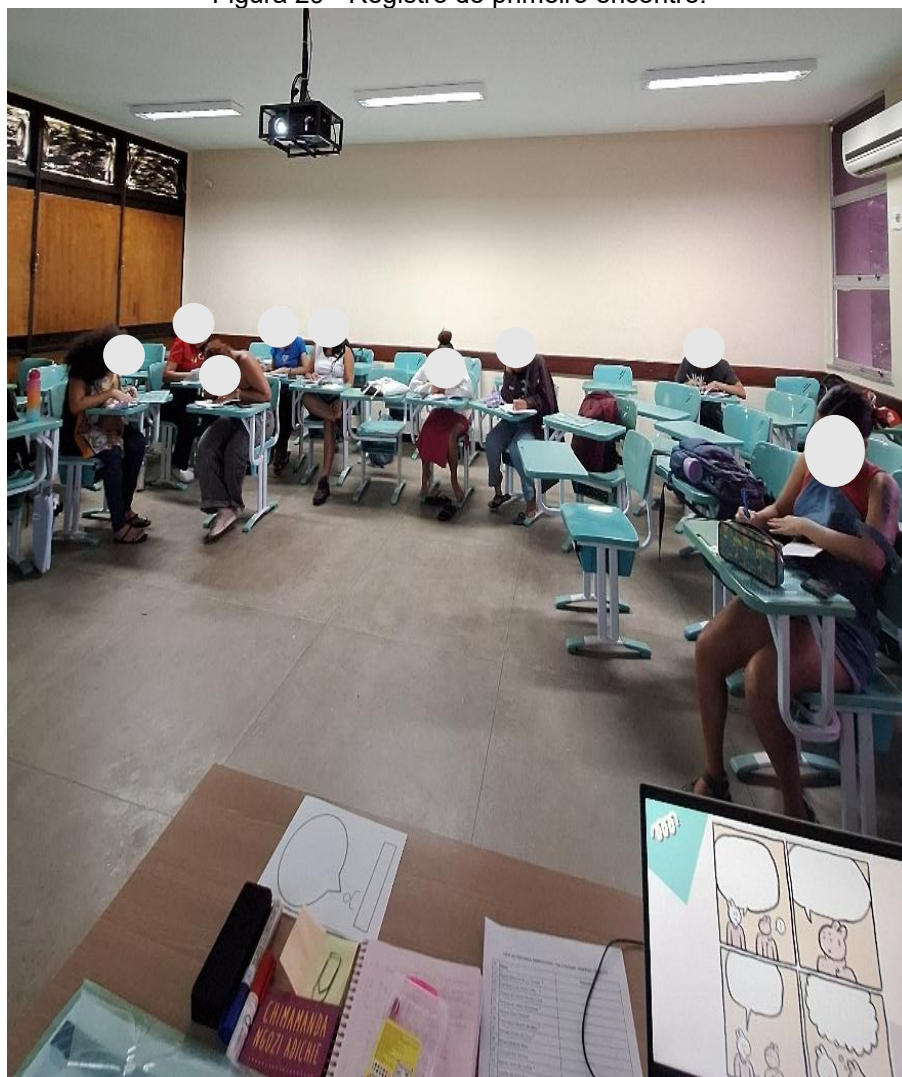
Figura 28 - Reprodução Quiz *Quaderninho*



Fonte: reprodução Kahoot! (2025).

Com o tempo disponível de 15 minutos, houve o direcionamento do grupo (Figura 29) para preencher os balões da tirinha disponível no material impresso (*Quaderninho*, p. 11), com a finalidade de criar um diálogo entre dois personagens. Ao compartilhar a leitura das falas criadas, a turma teve um momento de interação animado.

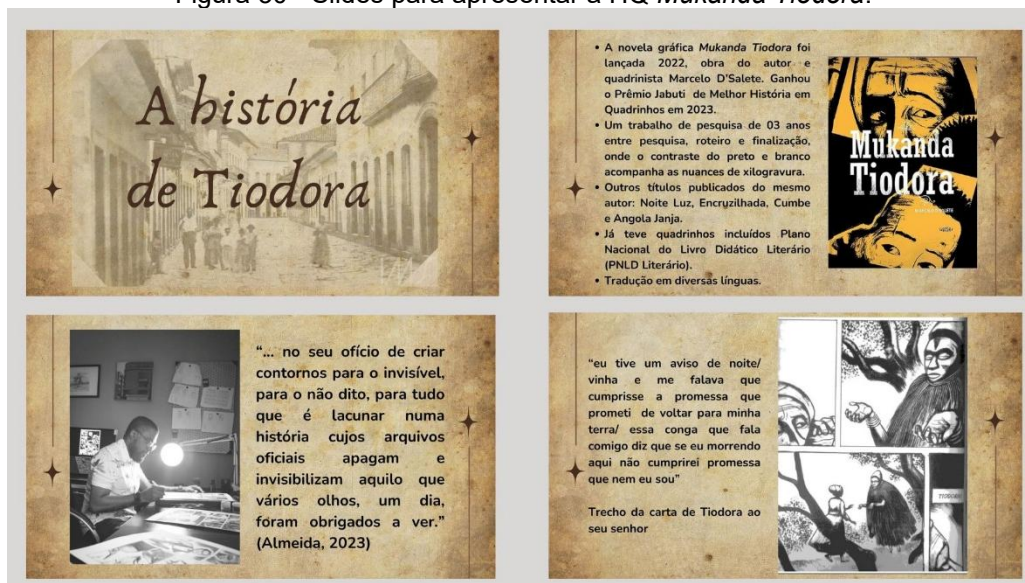
Figura 29 - Registro do primeiro encontro.



Fonte: acervo da autora (2025).

Novamente os slides foram utilizados como recurso na etapa de mostrar a história do título de *Mukanda Tiodora* de Marcelo D'Saete, com exibição de fotos, contexto histórico e trechos retirados do livro (Figura 30). O grupo se mostrou interessado ao fazer diversos questionamentos sobre a história. Conforme o roteiro programado, a última parte expositiva foi para apresentar os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros, sendo possível acompanhar o conteúdo no *Quaderninho*.

Figura 30 - Slides para apresentar a HQ *Mukanda Tiodora*.



Fonte: elaborado pela autora (2025)

Para finalizar o primeiro encontro, a pesquisadora conduziu a atividade prática, que consistia na reflexão individual para indicar quais dos valores apresentados poderiam ser associados a narrativa da HQ *Mukanda Tiodora*. Com o auxílio do aparelho celular, cada participante acessou o *site Mentimeter* e gerou uma nuvem de palavras com as respostas, exibida na Figura 31.

Figura 31 - Resultado da nuvem de palavras



Fonte: acervo da autora (2025)

Com a proximidade do horário de finalização, não foi possível abrir para debater sobre o resultado da dinâmica, conforme previsto no roteiro. Em geral, mesmo sendo

o primeiro encontro e começado com atraso de 30 minutos, as etapas foram produtivas com a participação efetiva dos presentes.

Momento 02 (síncrono) - dia 13 de fevereiro de 2025

No primeiro momento do dia foi realizado o acolhimento para a chegada dos participantes, e devido aos atrasos, só foi possível iniciar no horário de 14:30h (previsto para 14h). O segundo encontro teve como temática “A branquitude nas relações étnico-raciais” com o objetivo de reconhecer algumas características da branquitude no contexto brasileiro. A partir da narrativa de *Confinada*, foram realizadas impressões de algumas páginas a serem analisadas pela turma. Divididos em duplas, deu-se o tempo de 15 minutos para diálogo sobre as cenas da novela gráfica. Ainda como parte dessa etapa, foi exibido o vídeo *Branquitude vs Antirracismo*, disponível no Youtube (link no *Quaderninho*). A pesquisadora conduziu a roda de conversa com a abertura para cada dupla expressar os comentários sobre o entendimento do conceito de branquitude, considerado os materiais vistos. Para registro, as falas foram gravadas e a transcrição do áudio de duas participantes são mostradas a seguir:

Me chamou a atenção no vídeo, quando ela direciona a palavra para o grupo branco e pergunta assim. E pede para levantar qual gostaria que acontecesse a mesma coisa que acontece com os negros e ninguém levanta. Então isso significa que o branco ele tá ali dentro da bolha de conforto dele, e ele sabe o que ele está fazendo com todo sentimento e sente o grande mal que ele tá fazendo, né? E aí eu me pergunto, assim que acabaram de falar alguma coisa assim em relação à parte e também ter essa que eu falo que é um meio termo, que tem um branco, negro e o pardo, e muitas vezes nós enquanto pardo, porque eu também me considero uma pessoa parda, eu me considero negra, mas lá na identidade é parda, então muitas vezes a gente mesmo reproduz esse discriminação e preconceito com as pessoas que tem a pele mais escura que a nossa. Então, assim, acho que é muito confortável, realmente, para as pessoas que têm a pele mais clara, um pouco mais branca e os pardos, e às vezes dentro da nossa própria casa, foi citado também aí, né, pra gente ter um protagonista dentro da nossa casa que não permite que esse tipo de coisa aconteça, porque nossa casa no seio da nossa comunidade acontece, né? E quando eu venho de uma realidade, por exemplo, também sou do interior de Mocajuba. E eu venho, eu quando adentrei a universidade em 2023, mas anteriormente eu já tenho uma formação em Pedagogia. Me formei em 2018 pela UNIP e em 2023 eu consegui passar para Ciências Sociais. E hoje assim eu vejo o quanto muitas vezes eu mesma reproduzi isso, porque dentro das nossas comunidades do interior é muito comum as pessoas até apelidarem um ao outro, entendeu? E para eles isso é uma coisa natural, que não tem maldade alguma. Mas aí quando você entra para a academia, você vê se deparar com esse, eu confesso para vocês que eu não sabia o que é esse tema da branquitude. Eu fui me deparar com ele a partir do momento que eu entrei, que a gente tá estudando, inclusive esse tema da branquitude nas ciências sociais. Então, assim, eu me remeto a ir para lá. Gente, quantas vezes eu mesma fui preconceituosa com as pessoas? E aí eu para assim para nosso interior é um desafio para a gente levar essa etapa dessa

conscientização lá dentro da nossa comunidade, para aquele povo que justamente não tem acesso, porque tem muitas comunidades que não tem nem energia elétrica. Como é que as pessoas vão ter acesso à internet? Como essas pessoas vão ter acesso a esses conteúdos para de alguma forma, mudar a vida delas? (Participante 01, 2025)

Tem uma questão que eu tava pensando agora porque eu já tive essa educação racial no boom de 2013, 2014 quando tava falando muito da bell hooks, o feminismo tava naquele momento auge e aí eram muitas conversas, tanto sobre feminismo quanto as pautas raciais. E aí a gente sempre diz que é cíclico porque a gente passa por um período de educação, avaliação e depois de volta ao conservadorismo. Quando a gente tem um contato muito cedo com educação antirracista, vem essa percepção de coisas que a gente não percebe tanto o racismo velado quanto o nosso próprio racismo. Ontem a gente estava conversando sobre o pardo, se considerar pardo, se considerar negra. E aí sempre tem aquela pessoa que diz: você tu é tão clarinha. Eu lembro uma vez que eu falei que eu era negra e a pessoa “não disse isso”. A pessoa parda já é um pouco rejeitada, a pessoa de traços finos também. Então, dentro a gente é um pouco desorganizado nessa pauta de agregar pessoas. E a gente fala muito do racismo, da violência no racismo. E eu estava pensando num livro que eu li que ele não é, ele é Herdeiras do Mar, sobre a Guerra das Florestas. Muito bom, muito triste, muito querido mesmo. E no livro fala da palavra han. É uma palavra que abraça o significado de todo o sofrimento, ou eu compartilhar do mesmo sofrimento que tu. Então, quando eles falam do passado, do período das mulheres de consolo, apesar de que é um lugar extremamente conservador, mas a dor que que uma mulher sente quando ela lê sobre uma outra mulher que foi estuprada nesse período, eles dão esse nome. E eu pelo menos ainda não sei o que a gente, algo como expressar o sentimento que a gente tem quando um carro com uma família inteira é metralhada porque confundiram com traficante ou quando os jovens estão ali vivendo a vida deles e vem aquela abordagem policial. Eu acho que a falta da palavra, de significar o sofrimento também no português, faz com que ainda fique aquela coisa de falar sobre racismo é sempre uma coisa muito, muito, muito. (Participante 02, 2025)

Em seguida, disponibilizamos mais 15 minutos para o preenchimento da lista “Top dos Tops”, incluída no *Quaderninho*. Cada participante pode compartilhar no grupo os cinco nomes escolhidos das personalidades negras inspiradoras, como exposto na Figura 32.

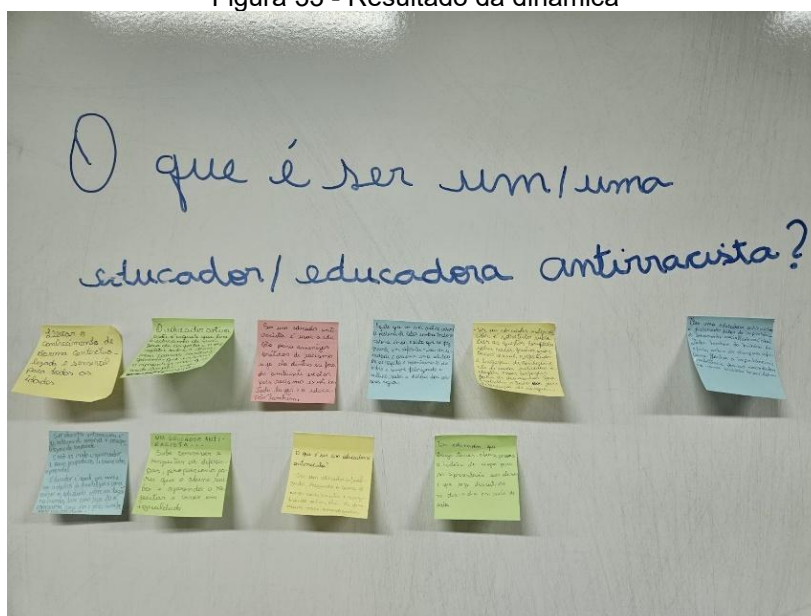
Figura 32 - Listas preenchidas pelos participantes



Fonte: acervo da autora (2025).

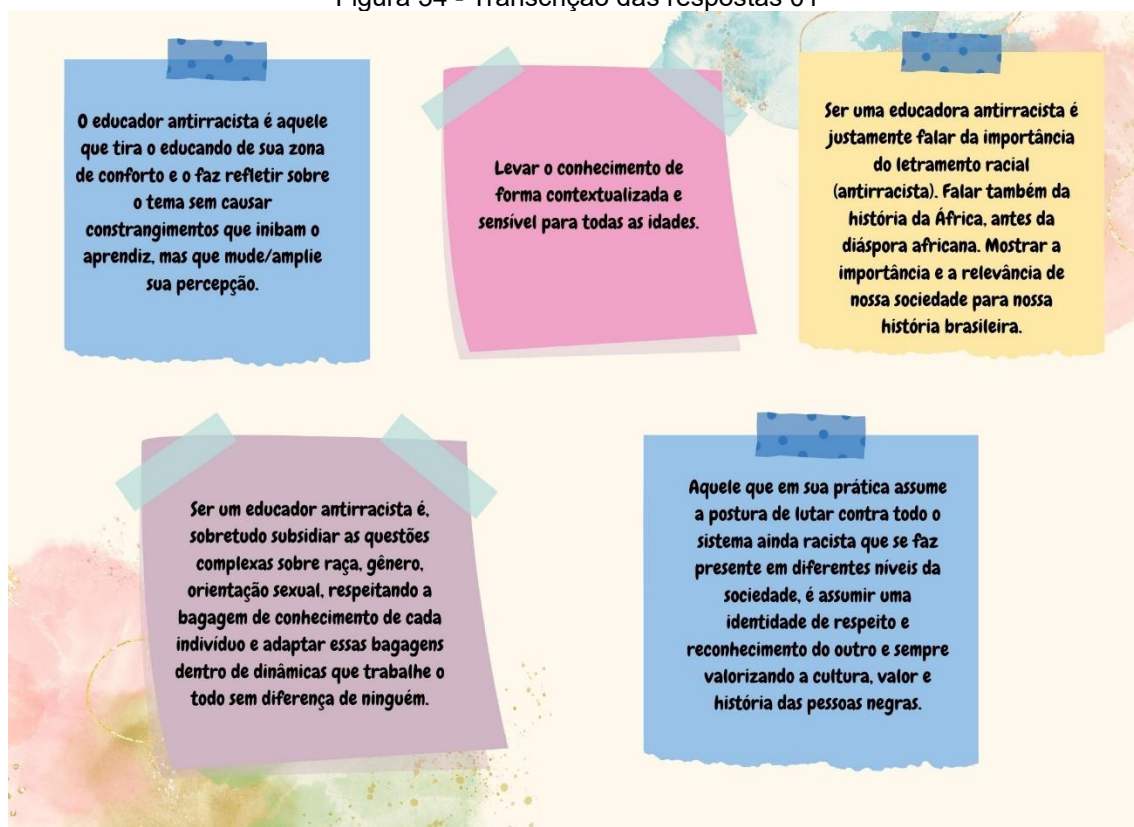
Na próxima parte do encontro, a pesquisadora fez o questionamento: “O que é ser um/uma educador/educadora antirracista?”, para ser respondido em papel adesivo de forma individual. Nesse caso, optou-se por não haver explicação prévia, pois a intenção era observar as percepções preliminares de cada quanto ao assunto. As respostas foram lidas de forma individual e a pesquisadora complementou ao mostrar as características da educação antirracista propostas por Cavalleiro (2024), exibidas via slide (*Quaderninho*, p. 33). A Figura 33 mostra o resultado da proposta e nas Figuras 34 e 35 são apresentadas as transcrições referentes as repostas entregues.

Figura 33 - Resultado da dinâmica



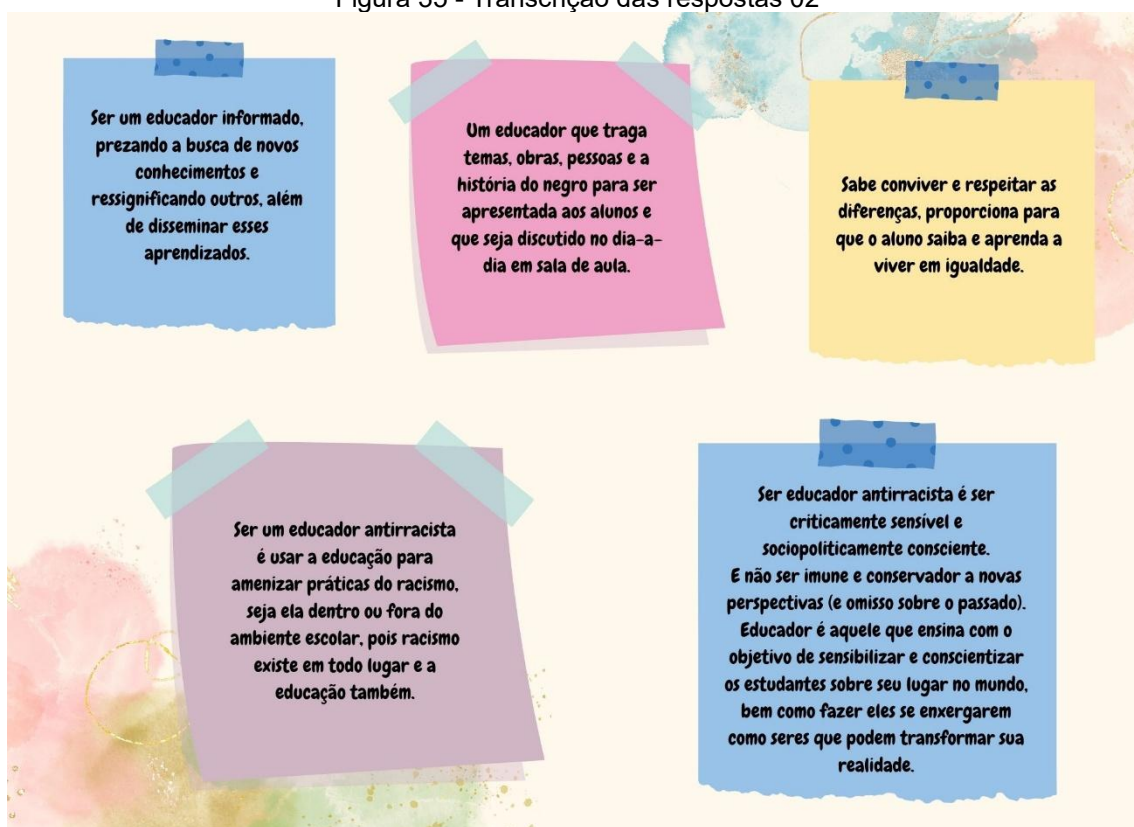
Fonte: acervo da autora (2025).

Figura 34 - Transcrição das respostas 01



Fonte: acervo da autora (2025).

Figura 35 - Transcrição das respostas 02



Fonte: acervo da autora (2025).

Diferentemente do previsto inicialmente no roteiro, não foi possível fazer a abertura para discussão prevista no roteiro, assim como exibir os slides para conhecer as legislações de políticas para uma educação antirracista (*Quaderninho*, p. 34 a 35). Ainda na discussão sobre a branquitude, devido ao atraso, a mediadora pulou a parte de analisar o infográfico impresso e entregue no kit. Na finalização houve a indicação para completarem esses pontos ausentes de forma assíncrona. De modo geral, na tarde desse segundo encontro a turma se mostrou aberta para as trocas, principalmente ao revelar seus questionamentos sobre o contexto da branquitude apresentado.

Momento 03 (síncrono) - dia 18 de fevereiro de 2025

Nesse dia, a proposta previa a exibição dos materiais organizados pela pesquisadora no espaço da sala, no formato de uma exposição. Para isso, os cartazes (Figura 36) foram fixados na parede, houve a disponibilização de acervo com histórias em quadrinhos e em outro espaço a exibição dos zines⁹. De acordo com Andraus e Magalhães (2021, p.9) os zines “são revistas produzidas autoral e independentemente, de maneira individual, em dupla, ou coletivamente, que dissertam sobre todos os temas possíveis, mixando textos, entrevistas, resenhas com desenhos, etc.

Figura 36 - Cartazes com trechos de cordéis da escritora Jarid Arraes



Fonte: adaptado pela autora (2025).

⁹ Os zines foram produzidos pelos discentes de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda – UFPA, durante o Estágio Supervisionado da pesquisadora, no segundo semestre de 2023. A atividade foi intitulada *A identidade como prática antirracista na universidade*.

Na entrada, os participantes eram recebidos e convidados a visitar os espaços e explorar os itens dispostos com tranquilidade. Foi dado o tempo de 40 minutos, e a pesquisadora ficou presente para esclarecer as dúvidas e comentar alguns detalhes. O resultado desse momento está nas Figuras 37, 38 e 39. O terceiro encontro síncrono teve como tema “Revirando memórias: a jornada de reconhecimento e valorização da história negra”, com o objetivo de apresentar a diversidade histórica e cultural da população negra no Brasil

Figura 37 - Os participantes explorando os materiais expostos.



Fonte: acervo da pesquisadora (2025).

Figura 38 - Participantes no espaço com cartazes.



Fonte: acervo da pesquisadora (2025).

Figura 39 – Exposição de títulos de autores negros



Fonte: acervo da pesquisadora (2025).

A narrativa gráfica escolhida foi Carolina, que conta parte da biografia da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus. Os slides exibidos continham fotos e alguns fatos relevantes sobre a sua trajetória. Foi mostrado algumas páginas selecionadas do título para leitura e reflexão, assim como sugestões de outras biografias no formato de quadrinhos. Na sequência, houve a atividade prática intitulada “Baú da memória”. Consistia na divisão em duplas para realizar a leitura de trechos dos e-books sorteados sobre as seguintes personalidades: Abdias Nascimento, Lélia Gonzalez, Lima Barreto, Luiz Gama e Milton Santos. O material estava impresso e foi entregue com o tempo disponibilizado de vinte minutos.

A Figura 40 apresenta alguns dos slides utilizados nessa etapa. Logo a pesquisadora conduziu uma roda de conversa para a exposição oral de cada dupla sobre os pontos principais das histórias lidas, relacionando ao tema do dia. Com o tempo reduzido devido os atrasos do início, no decorrer da tarde, não foram possíveis realizar duas atividades previstas no roteiro, referentes as páginas 12 e 13 do *Quaderninho*.

Figura 40 – Slides com a história de Carolina



Fonte: elaborado pela autora (2025)

Etapa assíncrona 02

A orientação para etapa assíncrona ocorreu no final do encontro do momento 03. Foi entregue como doação para cada participante, títulos pertencentes à coleção “HQ Para Todos” da editora Conrad (Quadro 5), juntamente com três cartões.

A proposta intitulada “Clube do livro: Sankoficina”, consistia na leitura da história em quadrinho e preenchimento dos cartões de forma assíncrona. Ainda para a etapa assíncrona 02, houve o sorteio entre os participantes dos nove indicadores contidos na “dimensão 01: atitudes e relacionamentos”, parte do material “Qualidade na Educação - Antirracismo em Movimento”, para a leitura assíncrona (disponível QR Code no *Quaderninho*). Optou-se por indicar ao grupo a elaboração do diálogo pedido no *Quaderninho* (pág. 08 e 09), até o próximo encontro síncrono.

Os três cartões impressos incluíam os textos conforme mostrado:

- **Cartão 01:** Quais aspectos da experiência de leitura da sua HQ se relacionam com os aprendizados obtidos nas discussões sobre as outras histórias em quadrinhos trabalhadas na oficina?
- **Cartão 02:** De que forma a narrativa da HQ que você leu pode contribuir para o seu processo de formação crítica durante a graduação?
- **Cartão 03:** A partir da experiência dessa leitura, você considera que a utilização de HQs pode ajudar a engajar os discentes no processo de ensino e aprendizagem no contexto educacional universitário? Comente sua resposta.

Quadro 5 – Lista de títulos distribuídos da coleção “HQ Para Todos” da editora Conrad

Nº	Título	Autoria
01	A Noite dos Palhaços Mudos	Laerte
02	Primo	Eduardo Medeiros
03	HQ de Fato - Luto é lugar que não se vê e O novo sempre vem	Gabriela Gullich e Carol Ito
04	Feliz Aniversário, Feliz Obituário	Jefferson Costa e Rafael Calça
05	A sala de espera da Europa	Aimée de Jongh
06	Ato 5	Andre Diniz e José Aguiar
07	O menino de ouro e A Caixa de Alcebias	Greg Stella e Bianca Pinheiro
08	A insustentável leveza do ser e outras histórias	Laerte
09	Mayara & Annabelle e Carreta Fantasma	Pablo Casado e Talles Rodrigues
10	Pré - O drama da escolinha	Max Andrade
11	Amarelo Seletivo	Ricardo Tayra e TalessaK
12	9mm de distância	Paulo Bruno

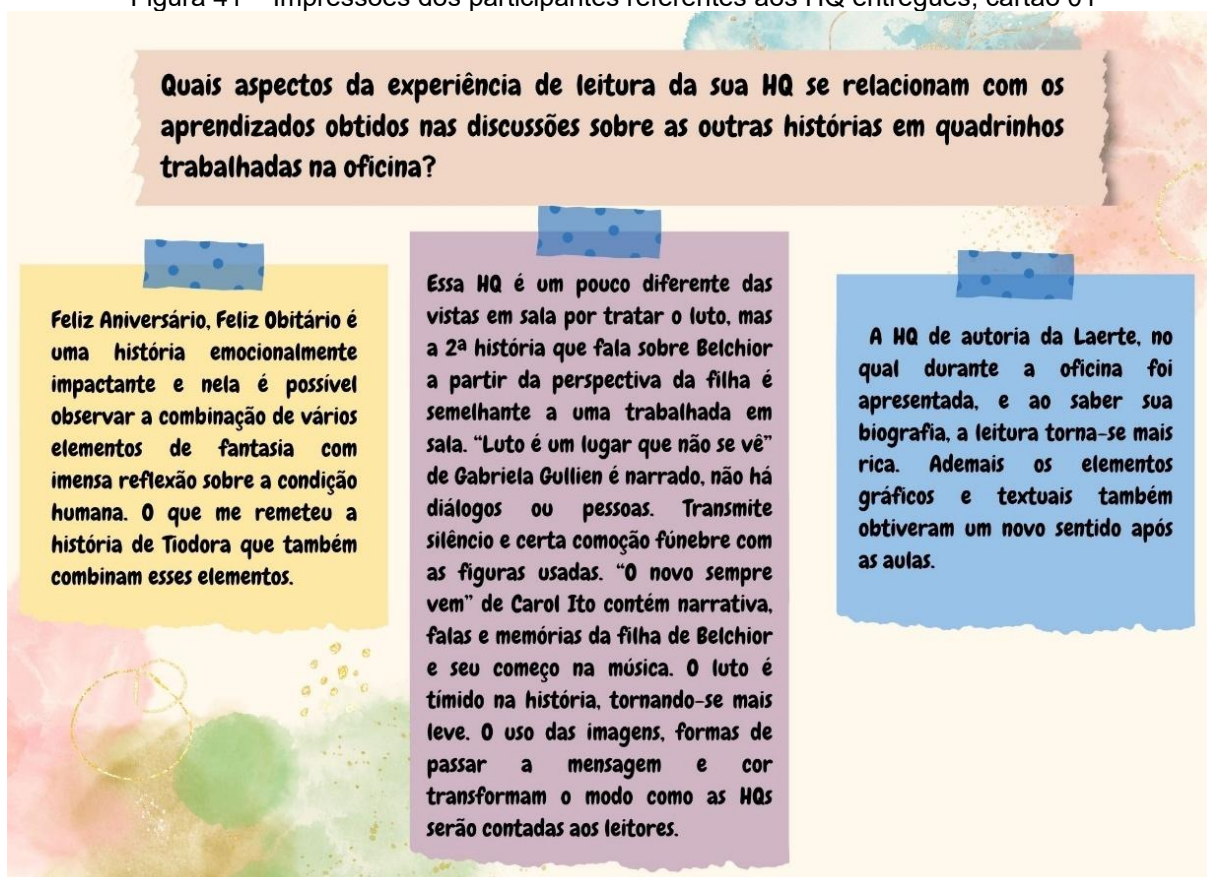
Fonte: elaborado pela autora (2025).

Momento 04 (síncrono) - dia 20 de fevereiro de 2025

No último encontro síncrono, foi levado para trabalhar a temática “Práticas com histórias em quadrinhos na educação antirracista”, com o objetivo de conhecer fontes das histórias em quadrinhos para a discussão de pontos na temática racial. O primeiro momento foi dedicado a compartilhar as impressões sobre a leitura dos quadrinhos doados no encontro anterior, e em seguida, a entrega dos três cartões preenchidos de forma assíncrona.

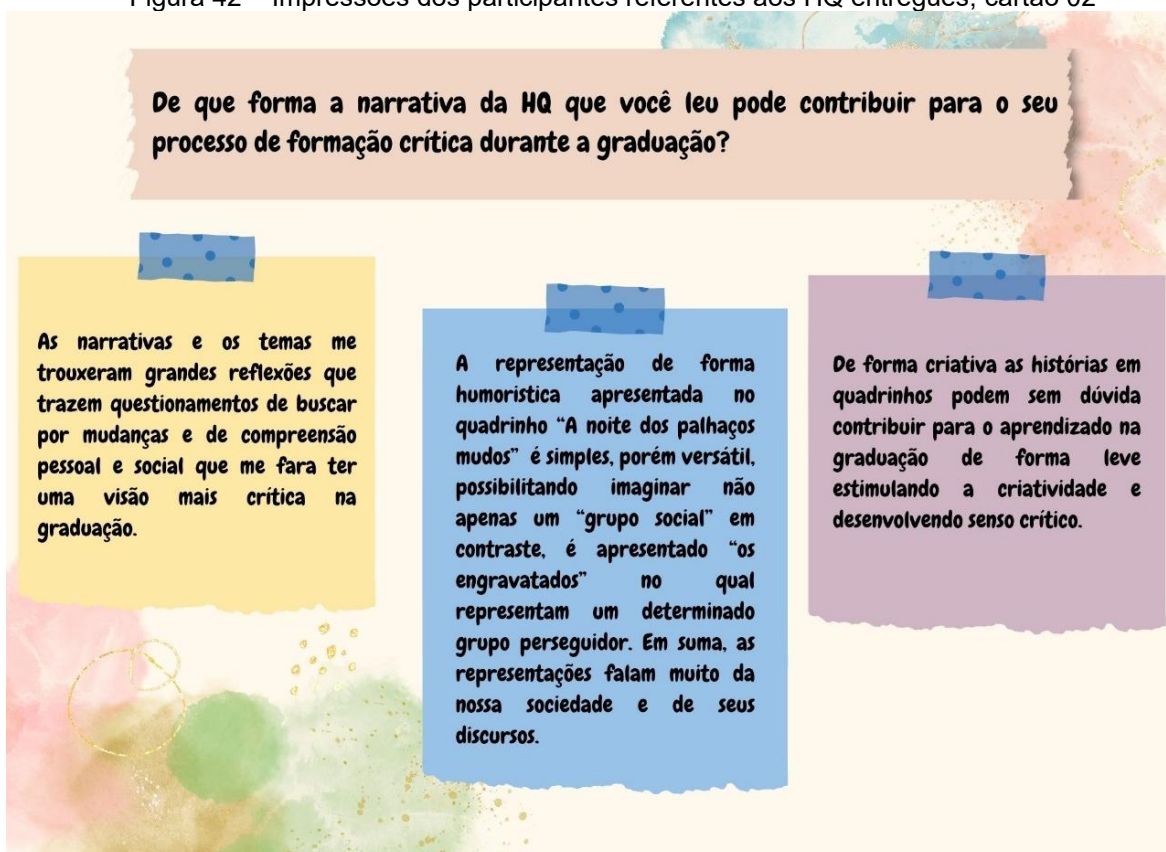
Nas Figuras 41, 42 e 43, são apresentados alguns trechos das impressões que os participantes tiveram em relação ao quadrinho entregue.

Figura 41 – Impressões dos participantes referentes aos HQ entregues, cartão 01



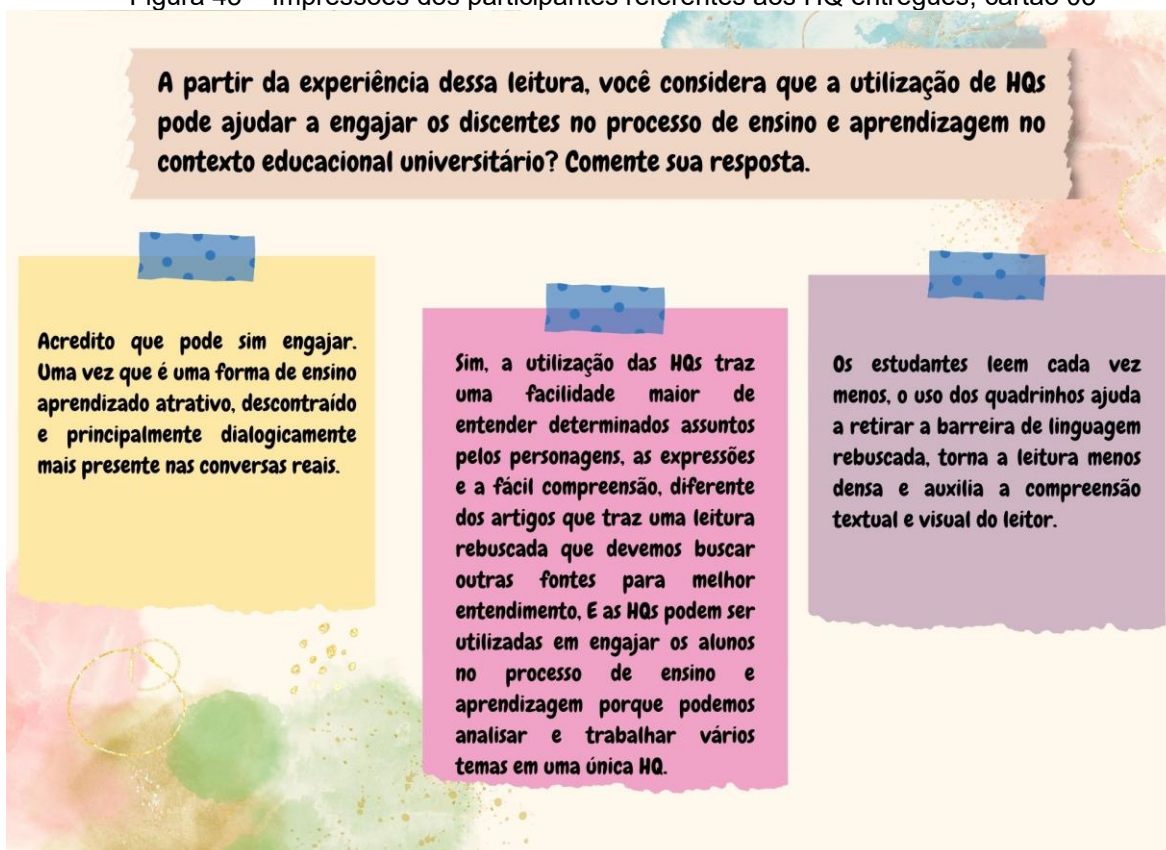
Fonte: elaborado pela autora (2025).

Figura 42 – Impressões dos participantes referentes aos HQ entregues, cartão 02



Fonte: elaborado pela autora (2025).

Figura 43 – Impressões dos participantes referentes aos HQ entregues, cartão 03



Fonte: elaborado pela autora (2025).

Nesse ponto, houve a necessidade de uma adaptação no roteiro proposto, pois foi percebida a partir das trocas nos encontros anteriores, que a maioria do grupo não havia lido o material teórico dos quadrinhos enviado para etapa assíncrona 01. Antes de iniciar a próxima parte, foi incluída uma apresentação com alguns elementos que compõem as histórias em quadrinhos. Finalmente foi iniciado a parte de demonstrar como buscar histórias em quadrinhos utilizando diferentes fontes: *Catálogo HQ Brasil*, aplicativo *Funktoon* e perfis em redes sociais com resenhas sobre quadrinhos. Também foi inserido os coletivos paraenses, os eventos nacionais e regionais de quadrinhos. O período foi intercalado por vários questionamentos sobre os conteúdos mostrados. Como no último dia somente 10 pessoas puderam comparecer, dividiu-se em dois grupos com 05 integrantes para a atividade final integrada.

A pesquisadora começou mostrando notícias envolvendo¹⁰ a formação de docentes em relação à Lei nº10.639/2003. Cada grupo recebeu materiais para confecção de cartazes com a criação de uma persona a partir das respostas do mapa da empatia. Ambas as tarefas foram explicadas de maneira sucinta antes do início. Ainda houve a exposição da questão de foco “Como você, enquanto graduando(a), avalia a preparação oferecida pela sua formação universitária para desenvolver práticas antirracistas e trabalhar a temática racial por meio da história e cultura afro-brasileira?”, para ser respondida a partir da persona criada. Durante a execução, foi possível observar junto aos grupos que o excesso de etapas estava dificultando a efetivação. Nesse momento foi repassado novamente as orientações com formas de simplificar a atividade.

Para finalizar foi preciso um tempo extra antes das apresentações. O horário previsto de saída era 17h, porém prorrogou até às 19h. O primeiro grupo apresentou a persona chamada Rubens: rapaz negro, universitário da UFPA cursando o 8º período de licenciatura em Química, natural de uma comunidade quilombola em Moju, atualmente morando no bairro Jurunas, e realiza estágio na Escola de Aplicação da UFPA. Uma característica interessante foi o fato de o Rubens gostar e desenhar quadrinhos, o destaque para a capa da revista criada pelo grupo para integrar a persona criada. Em relação ao mapa da empatia, as questões levantadas foram em

¹⁰ <https://www.geledes.org.br/por-que-o-brasil-ainda-falha-em-implementar-a-lei-que-obriga-o-ensino-da-historia-e-da-cultura-afro-brasileira-nas-escolas/>
<https://www.brasildefato.com.br/2023/04/18/mais-de-70-dos-municipios-nao-aplicam-lei-que-determina-ensino-de-historia-afro-brasileira/>

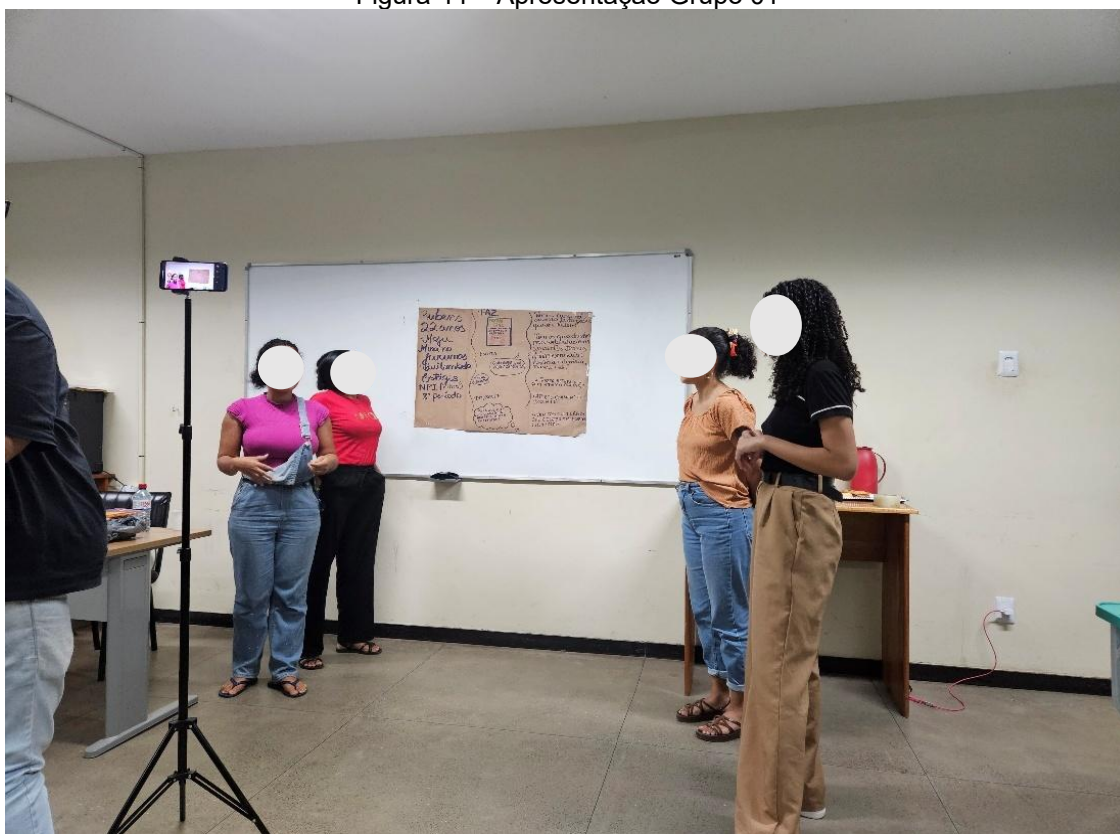
relação a projeções sobre vida acadêmica, como a realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e formas de mudar a sua realidade depois de formado. A sugestão relacionada a questão-foco foi a partir da constatação da ausência de questões raciais em seu curso. O grupo é mostrado na Figura 44, durante a apresentação oral, onde a participante 09 realizou o comentário citado:

Por que a gente não aprende como falar de racismo na prática? Tu só vai falar disso quando tu vivencia, ou então quando tu de fato vê alguém passando. Então, na teoria tu não vai aprender isso no meio acadêmico, tu vai aprender na prática. Então é isso, a gente ter esse letramento, é da gente buscar temáticas que resgatam essa valorização mesmo, voltada para a cultura, funciona como deveria já começar com alunos da Pedagogia na Educação, porque é dali que já deveria começar essa educação racial mesmo.

A Figura 45 revela o segundo grupo no momento de mostrar a persona Letícia: uma jovem quilombola da cidade de Moju, cursando o 4º período de Letras/Espanhol na UFPA no campus Belém, mãe solo e recebe bolsa estudantil. A narrativa do mapa da empatia inclui o fato da discente não gostar do curso, porém necessita da bolsa estudantil para seu sustento na cidade, contudo tem sentimentos que irá fracassar, mesmo com incentivo de outras pessoas para não desistir. As propostas criadas pelos dois grupos na apresentação estão organizadas na Figura 46.

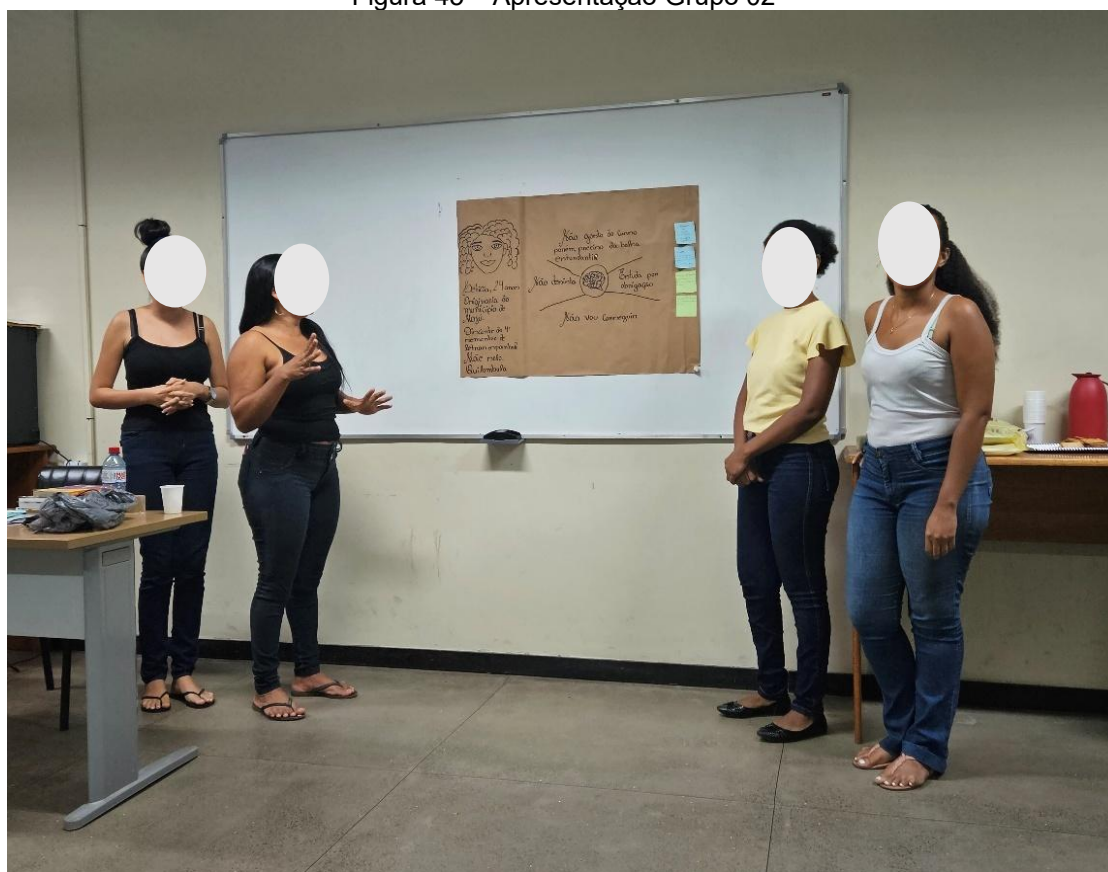
A frequência dos participantes ao longo da oficina apresentou variações, contudo, registrou-se a maioria presente nos encontros síncronos. Todas as faltas foram devidamente justificadas, e os poucos atrasos observados estiveram relacionados, principalmente, a questões de deslocamento até a UFPA. De modo geral, a participação manteve-se satisfatória, possibilitando o desenvolvimento das atividades com as devidas adaptações do planejamento.

Figura 44 – Apresentação Grupo 01



Fonte: Acervo da Autora (2025)

Figura 45 – Apresentação Grupo 02



Fonte: Acervo da Autora (2025)

Figura 46 - As propostas criadas pelos dois grupos na apresentação



Fonte: elaborado pela autora (2025)

Etapa assíncrona 03

Ao final da apresentação, a pesquisadora solicitou aos participantes o preenchimento do questionário de avaliação da oficina de forma assíncrona. O *link* enviado no grupo de whatsapp direcionava para o formulário via Google Formulários. As respostas foram coletadas até dia 27 de fevereiro de 2025.

4.3 Perfil dos participantes

As inscrições para a oficina iniciaram no dia 21 de janeiro e seguiram até 07 de fevereiro de 2025. Foram ofertadas inicialmente 20 vagas, porém no total foi recebido 22 inscrições. Pelo quantitativo ter excedido apenas em 2 pessoas, foi possível fazer a confirmação de inscrição de todas considerando o espaço e material extra necessário. No primeiro encontro, dia 11 de fevereiro de 2025, compareceram quantitativo de 13 pessoas. Por motivo de saúde houve uma desistência e tivemos 12

concluintes. A partir dos dados coletados no formulário de inscrição, houve a confecção do painel com o curso de graduação, período em andamento e idade de cada participante, conforme mostra o Quadro 6.

Quadro 6 - Relação de participantes da oficina

Participante	Curso	Período	Idade
01	Pedagogia	6º	23
02	Pedagogia	6º	22
03	Pedagogia	2º	19
04	Pedagogia	5º	25
05	Pedagogia	7º	23
06	Pedagogia	5º	40
07	Pedagogia	6ª	30
08	Pedagogia	7º	24
09	Ciências Sociais	4º	22
10	Ciências Sociais	4º	31
11	Ciências Sociais	4º	42
12	Biblioteconomia	6º	24

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Em relação ao gênero, onze graduandas declararam o sexo feminino, ou seja, a maioria pertence ao público feminino. Enquanto temos a presença de apenas um integrante do sexo masculino. No que diz respeito à faixa etária, a maioria dos participantes teve entre 19 e 25 anos, totalizando 8 pessoas do grupo. Apenas 4 participantes estavam na faixa etária de 30 a 42 anos.

A oferta de vagas foi inicialmente destinada aos discentes do curso de Pedagogia. No entanto, foram registradas 3 inscrições oriundas do curso de Ciências Sociais e 1 inscrição do curso de Biblioteconomia, todos discentes da UFPA, campus Belém. A pesquisadora, em conjunto com a orientadora, decidiu manter esses participantes na oficina. Para compreender as motivações que os levaram a se inscrever, foi realizado um questionamento específico, conforme descrito no Quadro 7.

Quadro 7 – Relação das motivações dos participantes de outros cursos.

Participante	Curso	Motivação
09	Ciências Sociais	A motivação da inscrição na oficina foi pelo tema proposto que é de extrema relevância.
10	Ciências Sociais	Meu curso é licenciatura em Ciências sociais, e o interesse pela oficina veio por causa da temática, pois é uma temática atual e o quadrinho é visto como uma epistemologia diferente!
11	Ciências Sociais	Sou estudante de licenciatura em ciências sociais, o meu interesse em participar da oficina surgiu a partir de um post que minha professora colocou em um grupo de whatsapp. Quis participar por causa da temática abordada, pois é uma temática que a gente está tratando neste semestre.
12	Biblioteconomia	Sou pesquisador e criador de um projeto com quadrinhos.

Fonte: elaborado pela autora (2025)

As proporções referentes à autodeclaração de raça ou cor dos participantes, indicam que 50% se declararam como pardos, seguidos por 41,7% como pretos e 8,3% como indígenas. Apesar de terem sido registradas três inscrições de participantes autodeclarados brancos, no total de 22 inscritos, nenhum deles compareceu à oficina.

O Quadro 8 exibe as respostas à pergunta 11 do formulário, que diz: “Qual a sua experiência com leitura de histórias em quadrinhos?”. O objetivo foi compreender, a partir da trajetória dos inscritos, quais experiências eles já tiveram com histórias em quadrinhos. A Turma da Mônica foi mencionada em cinco respostas, refletindo a popularidade dos personagens criados por Maurício de Sousa entre o público brasileiro. Destaca-se também o depoimento do participante 12, que relatou ter relação com pesquisa e mediação de leitura de quadrinhos, além de conduzir um clube de leitura de HQs em Belém.

Quadro 8 - Respostas à pergunta 11 do formulário

Participante	Respostas
01	Aprendi a ler com os quadrinhos da Turma da Mônica.
02	Tive no ensino médio.
03	Tenho pouca relação com esse modelo de material, mas estou muito interessada pela proposta desse curso.
04	Meu pai comprava muitas revistas da turma da Mônica para meu irmão e eu quando éramos crianças e alguns mangás também.
05	Pouco contato durante a primeira infância, depois foi principalmente turma da Mônica.
06	Minhas experiências foram poucas, porém as oportunidades que tinha eram com as histórias da turma da Mônica.
07	Na minha infância sempre lia com minha mãe ela quem nos apresentou pra mim e meus irmãos e desde daí sempre gostei de ler quadrinhos.
08	Leitura na infância.
09	Eu costumava ler histórias em quadrinhos na infância, eu gostava de ler em todo lugar.
10	Me ajudou no meu processo de alfabetização.
11	Apenas na infância que minha irmã imitava a Mônica.
12	Faço pesquisa referente as histórias em quadrinhos e sou criador/coordenador do clube HQ Belém (espaço de leitura e diálogo sobre quadrinhos).

Fonte: acervo da autora (2025)

O resultado das alternativas da pergunta 12 do formulário, que diz: “Em relação a leitura das histórias em quadrinhos, como você se considera atualmente:” ficou com a maioria (58,3%) escolheu a opção “Já li alguns títulos na infância e não continuei.”, o que se conecta com as respostas anteriores citando a Turma da Mônica. No entanto, quando a questão é voltada para a inclusão de HQs nas leituras atuais, apenas 8,3% marcaram essa opção, enquanto 16,7% afirmaram que não têm o hábito de ler quadrinhos.

O Quadro 9 apresenta as expectativas dos participantes em relação à oficina. Esses dados são importantes para compreender as motivações que os levaram a se inscrever e como essas expectativas poderão ser atendidas ao longo das atividades.

Quadro 9 - Expectativas dos participantes em relação à oficina

Participante	Respostas
01	Boas expectativas.
02	Espero aprender as práticas pedagógicas para se trabalhar a questão racial dentro de sala de aula.
03	As mais entusiasmadas.
04	Não sei ainda.
05	Espero desenvolver um conhecimento que eu já acho interessante e pode agregar na minha graduação
06	Conhecer mais sobre esse tipo de literatura.
07	Aprender mais e poder passar para meus alunos quando for pra sala de aula.
08	De uma formação diferenciada e enriquecedora para minha profissão.
09	Espero aprender bastante com a oficina.
10	As melhores.
11	Despertar o desejo para essa leitura.
12	Espero conhecer mais sobre os quadrinhos e suas potencialidades no âmbito acadêmico.

Fonte: acervo da autora (2025)

5 AVALIAÇÃO DOS PARTICIPANTES EM RELAÇÃO A OFICINA

Nesta seção, discutiremos os resultados obtidos a partir das respostas fornecidas pelos participantes no questionário de avaliação, após a execução da Sankoficina. A partir dessa análise, pode-se indicar os pontos fortes e de adaptação para melhoria da proposta.

O questionário foi disponibilizado contendo 14 questões, cada uma acompanhada de espaço para justificativa da resposta dada. Os aspectos para observação foram divididos em quatro partes: planejamento da oficina, tecnologias/materiais e recursos, condução da oficina e *Quaderninho*.

5.1 Planejamento da oficina

A seguir será mostrado os quadros de respostas acompanhados de análise da pesquisadora. As opções para marcação oferecidas foram: Sim, totalmente; Sim, parcialmente; Não.

- **Pergunta 01:** O tempo de duração da oficina dividido em 04 momentos síncronos e 02 assíncronos foi adequado?

De acordo com o Quadro 10 as respostas indicam uma avaliação de maioria positiva quanto a quantidade de divisões no formato da oficina. Os participantes relataram que essa organização permitiu melhor aproveitamento dos conteúdos e aprendizagem, além de destacar a relevância dos momentos assíncronos para revisão. Apenas um participante sugeriu que a oficina poderia ter mais encontros devido à complexidade e interesse gerado no assunto, demonstrando o entusiasmo com a experiência. Em síntese, a divisão se mostrou adequada e vantajosa.

Quadro 10 – Planejamento da oficina: respostas da pergunta 01

Participante	Respostas
01	Sim, pois possibilitou melhor aprendizagem.
02	Eu achei que o objetivo foi atingindo com os encontros que tivemos, mas por ser um assunto tão extenso podiam ser mais encontros (e porque irei sentir falta).
03	Acredito que as expectativas para as atividades foram todas atendidas.
04	A oficina foi muito organizada com cada momento de atividade e respeitando a fala de cada um o que achei muito interessante.
05	Excelentes, tantos os momentos em sala quanto os fora dela foram proveitosos e bem pensados pela professora.
06	Os encontros foram proveitosos e adequados.
07	Sim, o tempo em sala foram bem proveitosos e importantes.
08	Deu para acompanhar.
09	Sim, pois o plano que a professora apresentou para a turma, ela cumpriu.
10	Foi bem trabalhado a divisão dos momentos da oficina.
11	O horário da aula foi bem utilizado todos os dias, e as atividades "para casa também".
12	Os momentos assíncronos são ótimos para revisão e práticas de fixação.

Fonte: acervo da autora (2025)

- **Pergunta 02:** O formato com a divisão em momentos síncronos e assíncronos favoreceu a oficina?

A partir da experiência dos participantes, a combinação entre momentos síncronos e assíncronos foi favorável e com isso pertinente para promover o engajamento. Nas respostas, percebe-se que a estrutura possibilitou maior interação e troca de vivências durante os encontros presenciais, favorecendo a compreensão dos conteúdos. Ao mesmo tempo, os momentos assíncronos foram valorizados por permitir flexibilidade para as revisões necessárias e facilitar a participação ao reduzir a barreira de tempo disponível dos graduandos. Também foi destacado a experiência com a tecnologia de forma positiva, ao comparar com outras experiências em

momentos de aprendizagem. No Quadro 11 são apresentadas respectivas considerações.

Quadro 11 - Planejamento da oficina: respostas da pergunta 02

Participante	Respostas
01	Pois permite melhor interação com as diferentes pessoas, bem como no entendimento das propostas mediadas pela responsável do mini curso.
02	Os momentos assíncronos deixavam um tempo maior para refletir sobre os temas que eram mais corridos durante a aula.
03	A troca de vivências é experiências garantiram possibilidades de reflexão para atender demandas futuras.
04	Acredito que sim pelo fato de que conseguimos ler e responder os materiais e ao mesmo tempo compartilhar com os demais o que havíamos respondido.
05	Sim, o material forneceu um material muito bom pra estudos em casa e me aprofundar na pauta. a tecnologia as vezes e pouco usada nas salas de aula e sinto que seria de grande ajuda como foi nessa oficina.
06	Favoreceu dando um suporte no tempo e locomoção para participar da atividade.
07	Sim ficou bem dividido o tempo onde podemos ter mais tempo de entender e ler com mais calma.
08	No sentido de poder ser flexível.
09	Sim, pq dessa forma a comunicação e participação nas atividades ficaram melhor. E nós pudemos interagir melhor um com o outro.
10	Possibilitou um aprendizado mais profundo sobre a temática.
11	Foram atividades que ajudaram ao melhor entendimento e desenvolvimento do tema.
12	Os momentos assíncronos são ótimos para revisão e práticas de fixação.

Fonte: acervo da autora (2025)

- **Pergunta 03:** As temáticas e reflexões na oficina irão contribuir para seu processo formativo no Ensino Superior?

A observação das respostas revela que as temáticas e reflexões apresentadas na oficina tiveram um impacto significativo e enriquecedor no processo formativo dos discentes do Ensino Superior. Com frequência, teve destaque a forma que oficina ampliou o olhar crítico sobre as questões estudadas, e ainda na utilização dos quadrinhos como apoio no aprofundamento dos temas relacionados à educação antirracista e cultura afro-brasileira.

Os participantes ressaltaram a relevância de discutir essas temáticas para a formação de educadores para enfrentar desafios sociais, especialmente no contexto da lei 10.639/2003. Além disso, destaca-se a importância do contato com as narrativas gráficas, no sentido de proporcionar um aprendizado inovador, inclusive capaz de suavizar temas complexos e emocionais. Houve também o reconhecimento das contribuições para o desenvolvimento acadêmico, com ampliação do repertório teórico e reflexivo. No Quadro 12 são apresentados os comentários de cada participante.

Quadro 12 - Planejamento da oficina: respostas da pergunta 03

(continua)

Participante	Respostas
01	Permitiu um novo olhar mediante a todos o universo de informações que estão presentes na universidade.
02	Pensar o uso de quadrinhos para acessar temas é algo que não havia passado na minha cabeça até começar a oficina, ainda mais em um período que as pessoas leem cada vez menos.
03	A oficina foi um aprendizado incrível, me revelou coisas que até então eram invisíveis para mim. E a HQS trouxe uma nova epistemologia de aprendizado, o que torna uma temática tão forte e carregada de emoções, mais suave possibilitando melhor compreensão para o leitor.

(conclusão)

Participante	Respostas
04	Quando falamos sobre práticas para uma educação antifascista e pensamos nos HQs é mais uma possibilidade de trabalhar tais questões e não parecerem tão complexas. Em se tratando do curso de pedagogia não vemos estas práticas sendo discutidas em nosso currículo, no curso temos apenas uma disciplina que ainda é optativa para tratar tais questões sendo que segundo a lei 10.639/2003 torna obrigatório a discussão da temática sobre história e cultura afro-brasileira, mas como os educadores irão discutir esta temática se nem ao menos tiveram formação para isso? Daí a importância da oficina e de tantos outros projetos que tratam sobre tais questões.
05	Bastante, renovou meu interesse por quadrinhos e me mostrou novas formas de abordar diferentes assuntos.
06	Os conhecimentos adquiridos serão úteis no sentido acadêmico (com o conhecimento de novos autores, termos e narrativas que enriquecem nossa visão de mundo).
07	Sim, me ajudaram a entender melhor a questão da importância da educação africana e antirracista na escola e vai refletir na minha convivência com outras pessoas, nas minhas atitudes e me fazer ter um novo olhar sobre como é importante discutir temas como esses e conhecer mais sobre nossa cultura nossas raízes.
08	Contribuí para citações e referências.
09	Irá contribuir pois são temáticas que estão dentro do meu curso, e que são técnicas que nos fazem refletir sobre nossas realidades, também nos ajudam a ter uma visão crítica dos problemas que há em nossa sociedade.
10	Com toda a certeza, pois abriu um campo para novas perspectivas que tangem essa temática.
11	Apreendi muitas coisas e tive um olhar diferenciado para os assuntos que já conhecia.
12	Ajuda a refletir no tipo de educador que gostaria de me tornar e que tipo de ações de resistência desejo participar.

Fonte: acervo da autora (2025)

- **Pergunta 04:** A oficina ofertada atendeu suas expectativas iniciais?

O Quadro 13 resultado das respostas mostra que a oficina atendeu positivamente as expectativas dos participantes, inclusive até excedendo em relação as impressões iniciais. As participantes 01, 02, 03, 04, 07 e o participante 12 citaram as HQs, destacando como elas possibilitaram novas perspectivas aos envolvidos,

desde graduandos em seu primeiro contato até aqueles que passaram a ver novas formas de usá-las em estratégias de ensino. Muitos destacaram o caráter acolhedor e respeitoso das conversas, que possibilitou reflexões em um ambiente descontraído. Houve ainda um destaque para o impacto da oficina na formação de uma visão crítica, especialmente no contexto da educação antirracista. O fato de os inscritos serem de outros cursos além da Pedagogia, mostrou a relevância da troca de experiências sobre áreas distintas em espaços de formação. No Quadro 13 são apresentadas as impressões relacionadas às expectativas iniciais.

Quadro 13 - Planejamento da oficina: respostas da pergunta 04

Participante	Respostas
01	Sim, mesmo não tendo tanta proximidade com a temática, mas as estratégias de ensino utilizadas me permitiram um novo olhar mediante a própria HQ e ainda o seu caráter mediador do próprio ensino.
02	Além do que foi ofertado com êxito, a oficina conseguia manter os momentos de conversas leves com o devido respeito.
03	Na verdade esse foi o primeiro contato direto com as HQS, sendo assim, um novo horizonte se abriu para meus conhecimentos.
04	Eu esperava ver como trabalhar a educação antirracista através da HQs e eu me surpreendi com o resultado, achei maravilhoso cada momento. Conheço uma nova ferramenta para combater o racismo.
05	Sim, irei usar o material e buscar as referências dadas em sala de aula que foram muito boas.
06	Atendeu sendo uma oficina prática e lúdica, transmitido informações de forma única.
07	Sim, foi muito melhor q imaginava as conversas sobre os temas e a utilização dos quadrinhos me surpreendeu sobre os diversos temas existentes que não conhecia.
08	A temática foi abordada de forma descontraída de maneira que o grupo pode interagir e sair com mais ser instigada a me aprofundar no assunto.
09	Faço ciências sociais, e dentro do curso nós abordamos bastante temáticas parecidas com a da oficina, e meu objetivo ao participar da oficina era justamente adquirir conhecimento, e poder trocar ideias com outras pessoas de outros cursos. E a oficina superou minhas expectativas iniciais.
10	Foi muito além. Foi excelente.
11	Esperava algo diferente e me surpreendi positivamente.
12	Ela atendeu minhas expectativas em aprender sobre HQs e lugares de onde ter acesso a elas.

Fonte: acervo da autora (2025)

- **Pergunta 05:** Gostaria de acrescentar sugestões em relação ao planejamento da oficina?

A maioria dos participantes consideraram o planejamento da oficina bem estruturado, a ponto de a maioria não ter sugestões a acrescentar (respostas 1, 3, 4, 5, 7, 8, 9 e 11). Alguns destacaram especificamente a clareza e a organização das atividades, reforçando a percepção de que a oficina foi conduzida de maneira eficaz e cuidadosa. No entanto, algumas respostas (2, 6, 10 e 12) sugerem que a oficina poderia ser estendida com tempo maior, como em uma "parte 2" ou com mais encontros. Surgiu também a observação da inclusão de mais jogos, a exemplo do Quiz *Quaderninho* com auxílio da plataforma Kahoot. No Quadro 14 são apresentadas as respostas dos participantes.

Quadro 14 - Planejamento da oficina: respostas da pergunta 05

Participante	Respostas
01	Digo que não, pois a oficina estava impecável e possibilitou uma aprendizagem tranquila, mas com uma gama de conhecimento muito valioso. Amei a oficina em todos os seus aspectos, uma vez que trouxe o melhor para os que estavam buscando conhecimento.
02	Eu gostei do formato, acrescentaria mais jogos, mas também porque acrescentaria mais tempo hahahahah.
03	Não há necessidade de sugerir algo.
04	Acredito que foi tudo muito bem elaborado.
05	foi muito proveitosa, gostaria que fossem ofertadas mais oficinas assim.
06	A oficina teve um ótimo planejamento.
07	A oficina me proporcionou bastante conhecimento e aprendizado e me fez querer que fosse por mais tempo.
08	A forma que foi planejada foi excelente.
09	Pois a oficina foi bem elaborada.
10	Não.
11	Mais aulas, se possível parte 2 dessa oficina.
12	Não gostaria de acrescentar.

Fonte: acervo da autora (2025)

5.2 Tecnologias/Materiais e Recursos

As próximas explanações abordam o tópico das tecnologias, materiais e recursos disponibilizadas durante a realização da oficina. Nas três questões disponibilizadas houve concordância positiva de todo grupo, com 100% na opção

“Sim, totalmente”. Nesse caso, será mostrado apenas os quadros com as respostas de cada pergunta.

- **Pergunta 06:** Os materiais disponibilizados na oficina foram suficientes e acessíveis?

Conforme a análise, os materiais e recursos de apoio utilizados na oficina, selecionados pela pesquisadora, foram amplamente reconhecidos como relevantes e de alta qualidade para a aprendizagem dos participantes. Muitos destacaram a riqueza e a diversidade dos materiais, que incluíam quadrinhos, vídeos, infográficos e textos, apresentados de maneira acessível e organizada (respostas 1, 5, 7, 9 e 12). Menciona-se a facilidade de acesso aos materiais, no caso dos disponibilizados via *QR Code*, o que contribuiu para tornar os conteúdos mais atrativos (resposta 9). Também foi referido a relevância do contato com a temática antirracista através da apresentação de HQs que abordam a cultura negra e a história afro-brasileira (resposta 5). Um ponto interessante é o destaque para o desejo de um tempo maior para conhecer os quadrinhos, reforçando a atratividade no uso desse tipo de recurso (resposta 2). No Quadro 15 são apresentados os comentários da pergunta 06.

Quadro 15 – Tecnologias/Materiais e Recursos: respostas da pergunta 06

(continua)

Participante	Respostas
01	Materiais riquíssima em conteúdo, excelente organização e metodologia.
02	Sim, trazem as informações principais com uma linguagem simples e objetiva, mas também traz informações extras. As HQs deixam na vontade porque o tempo é curto para ler tudo.
03	Obras citadas no decorrer da oficina, estavam fisicamente no ambiente.
04	Amei o <i>Quaderninho</i> e todos os materiais que foram disponibilizados.
05	diversos e ricos, o contato com os quadrinhos expostos pela professora foi muito bom pra mim que não conhecia quadrinhos que falassem que contassem história de negros, principalmente histórias antigas
06	Todos poderão ter acesso aos materiais.
07	Sim, foram bem acessíveis e de fácil aprendizagem.
08	Pois não tive dificuldade em usar.
09	Todos os materiais disponibilizados pelo professora Katia foram bem acessíveis, pois eram materiais que tinham na Internet, e também a forma de acessar os materiais eram bem fáceis, porque eram através de <i>QR Code</i> .

(conclusão)

Participante	Respostas
10	Teve bastante materiais que proporcionou melhor o ensino aprendizagem.
11	Dava pra perceber que os materiais foram bem pensados e produzidos com carinho.
12	Muito acessíveis, diversos e divertidos de trabalhar.

Fonte: acervo da autora (2025)

- **Pergunta 07:** Os materiais e recursos de apoio escolhidos foram relevantes para sua aprendizagem?

Ao longo das respostas, constatou-se que os materiais e recursos de apoio se mostraram eficazes para o aprendizado durante a oficina. Houve reconhecimento do uso adequado da tecnologia, na forma que foi oferecida. Novamente mencionado, a utilização do *QR Code* como aliado para ajudar no acesso aos conteúdos digitais.

Além disso, destacaram o acesso a materiais inéditos ou desconhecidos anteriormente, como artistas, obras e eventos (respostas 2, 5 e 7). O *Quaderninho* e os títulos oferecidos, foram bem recebidos como recursos físicos na experiência formativa. O Quadro 16 disponibiliza os comentários relativo à questão.

Quadro 16 - Tecnologias/Materiais e Recursos: respostas da pergunta 07

(continua)

Participante	Respostas
01	A utilização tecnologia foi utilizada da maneira correta como promissora ao longo de toda a oficina.
02	Trouxeram rostos e nomes que eu não conhecia, recomendações de obras, artistas, eventos, sites, etc. Um guia para como entrar no nicho dos quadrinhos
03	Materiais preservados e recurso tecnológico atualizado
04	Achei legal que a gente pode ficar com o caderno que tem várias coisas legais e também o livro com algumas histórias em quadrinhos, eu amei.
05	a apresentação a diferentes pautas que eu não conhecia
06	Os materiais foram bem planejados e superimportantes
07	Sim, na oficina teve muitos materiais, sites e redes sociais de pesquisas, livros que podemos manusear ver de perto, foi divulgado lugares que podemos buscar e mais sobre os HQs e a diversidades de temas que são discutidos me proporcionou um universo que não conhecia gostei muito
08	Foram didáticos e dinâmicos

(conclusão)

Participante	Respostas
09	Sim, pois os materiais eram de uma linguagem bem simples de entender.
10	Com toda certeza.
11	sim, abordaram diferentes pontos de vista e contextos históricos diferentes. a diversidade favoreceu as discussões e reflexões.
12	Principalmente os qrcodes.

Fonte: acervo da autora (2025)

- **Pergunta 08:** Em relação aos materiais ofertados, foram adequados à proposta da oficina?

Em relação a pergunta 08, teve consenso positivo em relação as respostas sobre a adequação dos materiais para a oficina, conforme Quadro 17. Outra vez os participantes destacaram o uso dos quadrinhos alinhados a proposta e com uma contribuição efetiva no entendimento dos conteúdos e nas atividades. O kit entregue com o *Quaderninho* e demais elementos, foram mencionados como úteis e condutores na imersão. A diversidade e o cuidado na escolha dos materiais também foram reconhecidos como fatores que tornaram a oficina interativa e divertida (respostas 5 e 11). Em destaque a resposta do participante 12, como o contato com as HQs despertou o interesse em utilizar em práticas futuras, tanto no espaço formal e ainda no informal de ensino.

Quadro 17 - Tecnologias/Materiais e Recursos: respostas da pergunta 08

(continua)

Participante	Respostas
01	Pois estavam bem ilustrados o que possibilitou a mim, por exemplo, que não tenho tanto acesso a este mundo da literatura.
02	Ter o nosso " <i>Quaderninho</i> " ajudou na imersão do conteúdo, já que o conteúdo apresentava informações e as atividades estimulavam essa criatividade de montar quadrinhos, diálogos, desenhos e outros.
03	Sim, tudo em conexão
04	Tudo estava muito bem alinhado ao tema e a proposta da oficina.
05	o caderno, a pasta foram materiais de apoio muito bons e bem utilizados durante as aulas.
06	Sim, pois trouxe uma proposta divertida para a aprendizagem.
07	Sim, os materiais foram bem adequados e me proporcionou entendimento do que foi proposto.

(conclusão)

Participante	Respostas
08	Acredito que sim pois foram apresentados materiais literários que nós trouxe base para que serviram para próximos estudos.
09	Sim, pois a oficina era voltada as HQs, e todos os materiais foram adequados pois estavam dentro da temática da oficina.
10	Com certeza.
11	Principalmente a exposição de diferentes quadrinhos, não conhecia e fiquei muito interessada nas possibilidades do uso pedagogicamente e socialmente.
12	Tornou-se uma oficina mais interativa.

Fonte: acervo da autora (2025)

5.3 Condução da oficina

No aspecto relacionado a condução da oficina, as duas perguntas receberam aceitação afirmativa de todos os envolvidos, com 100% na opção “Sim, totalmente”. Dessa forma, serão exibidos apenas os quadros contendo as respostas para cada questionamento. No caso, a pesquisadora tornou-se também a facilitadora durante a aplicação da oficina.

- **Pergunta 09:** Em relação a facilitadora, conseguiu realizar apresentações claras e organizadas nos encontros?

O desempenho da facilitadora foi avaliado com uma atuação combinada de competência no domínio do tema com uma linguagem clara e acessível, o que favoreceu as apresentações. A organização das atividades com elementos de reflexivos foram destacadas. Além disso, a abertura para o diálogo e a criação de um ambiente seguro e confortável incentivaram a participação, mesmo diante de temas sensíveis como cita a participante 02: “apesar de falar sobre violências que afetam corpos negros e outras minorias ao final saíamos conversando sobre o assunto, mas sem a sensação de impotência, deprimidos”. O Quadro 18 disponibiliza os comentários relativo à questão.

Quadro 18 – Condução da oficina: respostas da pergunta 09

Participante	Respostas
01	Sempre apta em ajudar no melhor desenvolvimento dos discentes e compromissada com aquilo que se propôs a realizar.
02	Com certeza, a roda de conversa deixava a conversa aberta e democrática e as dinâmicas traziam leveza. Apesar de falar sobre violências que afetam corpos negros e outras minorias ao final saíamos conversando sobre o assunto, mas sem a sensação de impotência, deprimidos.
03	As apresentações foram realizadas de formas clara, organizada e foi possível observar o nível de conhecimento da facilitadora em relação a temática. Ela sabe tanta coisa!
04	A apresentadora conduziu muito bem a atividade, organizando os materiais e facilitando nossa participação nas atividades sem perder a noção do horário.
05	Provocava reflexões, dava boas referências quanto a livros quadrinhos, respondia as perguntas com atenção e cuidado. foi excelente na minha visão
06	As orientações foram adequadas e sempre disposta a tirar dúvidas.
07	Sim foram bem dinâmicas as aulas, clima bem descontraído que podemos ficar livre para dialogar e aprender com mais facilidade.
08	Uma linguagem onde facilitou nosso aprendizado.
09	A professora Katia é uma excelente professora, consegui executar a oficina de uma forma leve, clara e objetiva.
10	Com certeza.
11	Criou um ambiente seguro e confortável.
12	A facilitadora foi divertida e objetiva em suas apresentações.

Fonte: acervo da autora (2025)

- **Pergunta 10:** Como a condução das atividades estimulou o interesse em participar?

As respostas indicam de forma unânime que a condução das atividades estimulou a participação. Os aspectos mencionados como fundamentais foram a organização e uso das HQs. As participantes 07 e 09 revelaram a vontade de continuar pesquisando sobre o tema das histórias em quadrinhos. Novamente houve destaque para a forma descontraída e acolhedora na condução, que colaborou no engajamento. Foi reconhecido a apresentação de novidades em materiais e atividades, para manter o interesse ao longo dos encontros. As participantes 05 e 11 relataram sobre turma reduzida ter colaborado para um espaço íntimo e seguro para troca de ideias, em especial nas rodas de conversa. Acredita-se que o entusiasmo visto nas respostas

sobre esse aspecto tem efeito no interesse de participar em futuras oficinas semelhantes. O Quadro 19 disponibiliza os comentários relativo à questão.

Quadro 19 - Condução da oficina: respostas da pergunta 10

Participante	Respostas
01	Pois a mediadora permitiu uma articulação muito bem preparada para todos os conhecimentos que ao longo dos dias foram apresentados. Foram atividades, metodologias e proposta muito bem organizadas.
02	Nem acredito que acabou porque estava sendo meu momento de lazer entre estágio e aula.
03	Sim ela sabe estigar o participante.
04	Gostaria de ser tão organizada como a apresentadora foi, simplesmente arrasou.
05	As rodas de conversas eram leves e sem a pressão o que me fazia querer interagir mais. Acho que o fato de ser uma turma pequena também colaborou.
06	Sim, sempre trazendo novidades e curiosidades dentro do tema.
07	Sim, me fez buscar mais sobre os HQs e irá me fazer divulgar para meus amigos e me estimular a trabalhar em sala de aula futuramente
08	Estímulo nossa criatividade.
09	Fiquei com um gostinho de quero mais rsrs. E quero muito poder participar de futuras oficinas como essas, e dentro dessa temática de HQs.
10	Fez ficar cada vez mais interessante a cada encontro.
11	Acho que o fato de a turma ser relativamente pequena criou também um espaço de intimidade e segurança pra debatermos temas também pessoais.
12	Estimulou visto que sempre havia algo novo e interessante a se fazer.

Fonte: acervo da autora (2025)

5.4 Quaderninho

Quaderninho foi um produto educacional construído para utilização dos discentes durante a oficina. Dos Quadros 21 a 24, teremos a exposição da avaliação desse material, com a concordância de 100% na opção “Sim, totalmente” nas quatro questões.

- **Pergunta 11:** A linguagem do caderno é atrativa e facilita o entendimento?

A análise das respostas revela um consenso positivo em relação à qualidade na elaboração do material de apoio denominado *Quaderninho*. A maioria dos participantes destacou que a linguagem utilizada para os conteúdos e atividades eram simples, clara, objetiva e acessível. Além disso, vários comentários mencionaram a organização e a estrutura do material como elementos que contribuíram para torná-lo ainda mais interessante. Outros pontos ressaltados incluem a inclusão de links, materiais extras, referências e sugestões para aprofundamento.

No Quadro 20 as respostas são apresentadas referente a questão.

Quadro 20 - *Quaderninho*: respostas da pergunta 11

Participante	Respostas
01	Linguagens muito bem utilizadas e de uma construção que só é digna de admiração pelo nível de organização e praticidade.
02	O material tem uma linguagem simples, objetiva, com links para aprofundar, material extra e várias atividades para exercitar, para mim excelente para diferentes idades.
03	A mistura de visual e oral é muito interessante
04	A leitura e entendimento do <i>Quaderninho</i> foi muito acessível, uma linguagem clara e objetiva, além de trazer outros materiais para lembrar do que podemos ver no caderno.
05	Sim.
06	Amei, mega organização e com uma diagramação e estrutura superlegal.
07	O <i>Quaderninho</i> foi bem pensado e facilitou bastante nas aulas.
08	Bem clara.
09	Sim, pois a maioria das HQs tinham uma narrativa muito boa, as imagens eram coloridas e tinham bastante efeitos especiais.
10	Com certeza.
11	Muito boa, vou olhar pesquisar as referências.
12	Todas eram de fácil entendimento e com bons comandos.

Fonte: acervo da autora (2025)

- **Pergunta 12:** O design é satisfatório quanto às cores, as imagens, a tipografia, a distribuição nas páginas entre outros elementos visuais?

A avaliação do conjunto de elementos de design do *Quaderninho* foi positiva. Os participantes destacaram que o trabalho visual foi bem executado, com uma combinação de planejamento harmonioso e organizado, tornando-se atrativo. Vários elogiaram as imagens e ilustrações escolhidas, inclusive com influência favorável no processo de aprendizagem. A escolha do formato de navegação no material foi indicada por tornar a leitura mais leve, interessante e intuitiva.

As respostas estão expostas no Quadro 21.

Quadro 21 - *Quaderninho*: respostas da pergunta 02

01	Todo o trabalho foi muito bem articulado desde a escrita, quanto as ilustrações. As imagens permitiram uma viabilização e possibilitaram um ensino transformador.
02	Satisfatório, visualmente intuitivo e bem recheado de informações
03	Acredito que existe combinações entre eles
04	Achei muito bem planejado.
05	Lindo.
06	Tudo organizado.
07	Sim ficaram bem interessantes comparando com a proposta da oficina dos HQs foi bem elaborado e de fácil visualização
08	Atrativa que desperta a curiosidade
09	Os designers disponíveis na aula nos ajudaram bastante durante a oficina.
10	Com certeza.
11	Muito bonito.
12	Tornou mais leve e interessante o contato com o caderno.

Fonte: acervo da autora (2025)

- **Pergunta 13:** A estrutura do *Quaderninho* dividido em três partes: atividades personalizadas para criatividade e reflexão, teórico da linguagem dos quadrinhos e roteiro da oficina com os respectivos conteúdos, ajudaram no acompanhamento da oficina?

Em sua maioria, entendeu-se como uma percepção positiva sobre a estrutura do *Quaderninho*. Muitos participantes elegeram como ponte forte a organização e montagem, inclusive aliado a execução. Vários comentários destacaram o planejamento que contribuiu para explicar detalhadamente cada etapa dos encontros. A divisão foi apontada como um recurso útil para acompanhar a proposta da oficina. Por outro lado, a participante 11 mencionou não perceber tanto essa divisão, o que pode indicar que o formato de segmentação do material não foi um aspecto tão evidente no acompanhamento.

O Quadro 22 exhibe a opinião dos participantes sobre essa a escolha da estrutura.

Quadro 22 - *Quaderninho*: respostas da pergunta 13

Participante	Respostas
01	Trabalho feito de qualidade e sempre de estratégias que promoveram uma educação de qualidade.
02	Estruturou o nosso conhecimento para que terminar a oficina com maior repertório sobre HQs.
03	Até porque a facilitadora é perfeccionista em explicar cada momento, cada detalhe.
04	Todos os encontros foram muito bem planejados e organizando o que facilitou no desenvolvimento da leitura e entendimento do que veríamos em cada encontro.
05	Sim.
06	A divisão foi boa para o aprendizado.
07	Sim ajudou bastante acompanhar as propostas da oficina.
08	Gostei bastante.
09	A professora Katia soube montar e executar muito bem a oficina e as dinâmicas.
10	Com certeza.
11	Não senti tanto essa divisão.
12	Acredito que facilitou também o trabalho com a programação da oficina.

Fonte: acervo da autora (2025)

- **Pergunta 14:** As atividades realizadas na parte 1 (p. 06 a 14) proporcionaram estímulos na sua atividade?

No caso, o momento com intuito de exercitar a criatividade foram tidos como válidos pelos participantes. A maioria relatou que, mesmo aqueles que no início estavam com dificuldades ou sentiam falta de ideias, conseguiram depois desenvolver enredos e participar, o que demonstra uma evolução significativa. O ambiente acolhedor e incentivos foram tidos como estímulos para expressar a criatividade e mostrar que todos são capazes de usá-la. Além disso, destacam a importância das propostas que incentivavam a pensar de forma não convencional, o famoso “fora da caixinha”, levando a exercitar o lado criativo. Há ainda a menção de que as atividades despertaram não apenas a criatividade, mas também a capacidade de escrita e reflexão. As percepções dos discentes nessa perspectiva estão no Quadro 23.

Quadro 23 - *Quaderninho*: respostas da pergunta 14

Participante	Respostas
01	Tomo desse momento para expor as minhas sinceras admirações pelo trabalho e carinho para com aqueles inscritos no projeto. Foi uma experiência surreal de incrível. As atividades possibilitaram melhor assimilação com os conteúdos e um novo ver e refletir sobre a importância da criatividade. Todas as atividades selecionadas foram apresentadas e ilustradas da maneira mais incrível.
02	No dia da primeira atividade estava completamente sem ideia de como fazer, sem criatividade, no último dia já consegui criar uma história com o uso dos elementos dos quadrinhos.
03	Pois é possível observar que todos ser humano é capaz de criar sua própria história, imaginar e refletir sobre ela.
04	Achei instigante ter que pensar em algo bem rápido para expor para os colegas e ouvir coisas como "você consegue" "vai dar certo" "escreva do seu jeito" foi muito importante para nós deixar confortável e mais calma pra escrever e pensar no que escrever.
05	Sim.
06	Fazer as atividades estimula a criatividade no sentido de usar o raciocínio para elaborar resposta que nos tiram do pensamento óbvio, nesse sentido, as atividades foram essenciais nesse processo de ensino.
07	Sim me fez despertar meu lado criativo e analisar a importância de se ter personalidades negras que representem nos negros e refletir situações de falas/attitudes racistas que ainda permanecem em nossa sociedade.
08	Um estímulo a escrita em conjunto com os assuntos abordados além de estigar a criatividade.
09	Me ajudou a pensar e me ajudou a criar vários enredos.
10	Com certeza.
11	Ótimas propostas.
12	Sim. São ótimos exemplos de como trabalhar com quadrinhos e refletir sobre questões de combate ao racismo.

Fonte: acervo da autora (2025)

6 VALIDAÇÃO - PAINEL DE ESPECIALISTAS

Ao longo das etapas para desenvolver o roteiro da oficina como PE, foi incluído um processo de validação denominado painel de especialistas. Essa parte é realizada com o objetivo de contribuir para seu aperfeiçoamento a partir da avaliação de docentes com expertise e experiência no Ensino Superior, e suas áreas atreladas ao contexto e elementos da proposta. Para isso, foi elaborado um instrumento de validação contendo questões de aspectos do PE.

Conforme previsto na metodologia, o questionário contém as seções de planejamento da oficina, *Quaderninho* e parecer final (Apêndice H). A partir dessa coleta, foi possível analisar aspectos relevantes, conforme destacado por Rizzatti *et al.* (2020) “pode se dar a partir de instrumentos qualitativos e/ou quantitativos para avaliar a adequação da utilização, interpretação e resultados da sua aplicação”.

O formulário foi disponibilizado por meio do Google Forms e a primeira seção foi destinada à coleta de dados para traçar o perfil do grupo, incluindo informações como idade, sexo e área de atuação. Em seguida, apresentaram-se 20 questões de múltipla escolha; no entanto, todas as respostas só eram consideradas válidas mediante a apresentação de uma justificativa, conforme configuração definida pela autora deste trabalho. A escolha por esse formato possibilita coletar quais são as reflexões ao optar por determinada resposta, permitindo uma melhor análise sobre a recepção do produto proposto por parte dos docentes especialistas.

Todos os participantes do painel receberam a orientação para antes de responder o formulário de avaliação, realizar uma apreciação completa dos materiais enviados. As opções de respostas disponíveis na marcação de múltipla escolha foram: Sim, plenamente; Parcialmente; Não atende. Na ocasião, foi encaminhado por e-mail, os seguintes itens listados:

- **Arquivo 01 – Sankoficina:** inclui texto do convite, guia com informações gerais e orientação para preenchimento, link de acesso ao formulário e quadro descritivo com momentos síncronos e assíncronos da oficina (Apêndice F).
- **Arquivo 02:** Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice G).
- **Arquivo 03 – *Quaderninho*:** material de apoio para os participantes da oficina.

6.1 Perfil dos especialistas

Na conclusão do processo, as respostas obtidas na etapa de validação podem ser compreendidas como uma oportunidade de articular um diálogo estratégico a partir do olhar dos diferentes componentes. Sendo assim, foi necessário indicar os integrantes do painel de especialistas, conforme critérios estabelecidos e mostrados no Quadro 24. Cada docente foi nomeado como a letra “E”, inicial de especialista, seguido de uma numeração.

Quadro 24 – Critérios para os docentes selecionados no painel de especialistas

Critérios	1. Título de doutorado	2. Atuar como docente no Ensino Superior com experiência mínima de 3 anos	3. Atuar como docente em cursos no Ensino Superior na área de licenciatura	4. Possuir experiência na área de estudos com histórias em quadrinhos	5. Possuir experiência na área de estudos com temática de Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER)
E1	S	S	S	S	N
E2	S	S	N	S	N
E3	S	S	N	S	N
E4	S	S	S	N	S
E5	S	S	N	N	N

Fonte: elaborado pela autora (2025).

O grupo de docentes tem como critério comum obrigatório os itens 01 e 02, respectivamente ter a titulação de doutorado e a atuação mínima de três anos no Ensino Superior. Em relação a atuação em licenciaturas, pertencem o E1 e E4, enquanto a experiência com estudos de HQs ficou com E1, E2 e E3. Para finalizar, a E4 contempla o requisito de atuação na temática de Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER). Com base nesses critérios, foram obtidas cinco avaliações por meio do formulário, todas realizadas por respondentes vinculados à UFPA. No Quadro 25 uma síntese das características dos participantes, contendo os dados de idade, sexo, área e curso de atuação.

Quadro 25 – Dados de perfil dos docentes participantes

Sigla	Idade	Sexo	Área de atuação	Curso de atuação
E1	49	M	Linguagens	Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens
E2	55	M	Audiovisual, Artes visuais, Design, Multimídia e Quadrinhos	Cinema e Audiovisual/Artes Visuais/Produção Multimídia/Museologia
E3	59	F	Criatividade, Metodologia, Introdução à Programação, Educação a Distância	Sistemas de Informação/Ciência da Computação/PPGCIMES
E4	52	F	Educação	Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens
E5	36	F	Ensino	Mestrado e Doutorado em Ensino do Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior

Fonte: Acervo da autora (2025).

6.2 Planejamento da oficina

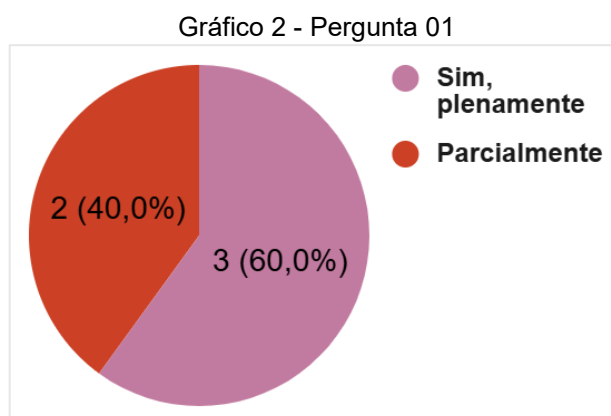
O objetivo desta seção foi avaliar o PE em relação seu planejamento, considerando os seguintes aspectos: objetivo geral, temáticas abordadas, divisão em momentos síncronos e assíncronos, tempo disponível para cada atividade, materiais disponibilizados, aspectos da utilização das histórias em quadrinhos, adaptabilidade e realização em ambientes não formais.

A seguir, são apresentados os resultados referentes às perguntas dos aspectos considerados do planejamento da oficina.

- **Pergunta 01:** O roteiro da oficina atende o objetivo geral a que se propõe?

Segundo o Gráfico 2, 60% dos docentes consideraram que o roteiro atende plenamente ao objetivo proposto e 40% consideraram que atende parcialmente. Após a análise das justificativas apresentadas, observa-se que o E2 sugeriu a inclusão da temática relacionada às religiões de matriz africana. Embora a pesquisadora reconheça a importância e pertinência do tema, no planejamento optou por priorizar aqueles para os quais já dispunha de maior embasamento teórico, a fim de garantir uma abordagem consistente na proposta.

A E3 apontou: “O roteiro atende ao proposto considerando a própria pesquisadora facilitando a oficina. Se for outro facilitador, há questões a meu ver que precisariam estar mais bem detalhadas”. Diante desse comentário, compreende-se que o material enviado ao painel, referente à estrutura da oficina, carecia de orientações específicas para futuras mediações. Essa lacuna foi suprida na versão final do PE, que passou a incluir essas recomendações, contribuindo para a replicabilidade e a adaptação da oficina por outros facilitadores.



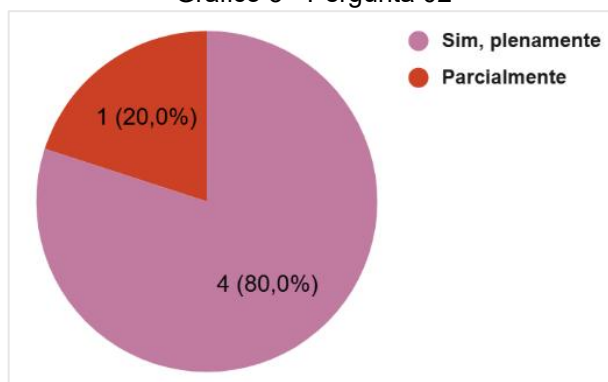
Fonte: acervo da autora (2025).

- **Pergunta 02:** As quatro temáticas abordadas no roteiro da oficina estão adequadas para promover discussões de forma reflexiva e crítica nos discentes participantes?

O Gráfico 3 revela que apenas E2 (20%) optou pela resposta atende parcialmente, e comenta novamente sobre a inclusão de religiões de matriz africana, nesse caso já respondido no texto da pergunta 01. Em relação as repostas de 80%, os docentes concordam plenamente sobre as temáticas serem adequadas para discussões reflexivas e críticas, destacamos o comentário da E5:

“Muito pertinente trabalhar a educação antirracista a partir dos eixos selecionados, evidenciando o protagonismo do povo negro na construção da história brasileira e discutindo paralelamente a problemática da branquitude e o papel das pessoas brancas na luta antirracista”.

Gráfico 3 - Pergunta 02



Fonte: acervo da autora (2025).

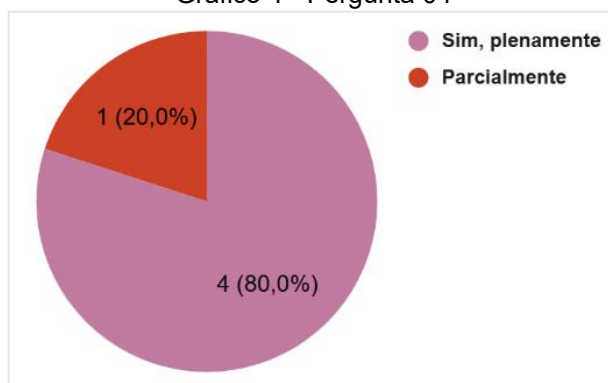
- **Pergunta 03:** Os momentos divididos em síncronos e assíncronos favoreceram as atividades propostas?

Constatou-se que 100% dos docentes consultados concordaram que a divisão em momentos síncronos e assíncronos estão plenamente em acordo com as atividades propostas. A escolha foi valorizada pelos avaliadores por possibilitar que cada participante tivesse o tempo necessário para realizar uma leitura reflexiva, promovendo um maior aprofundamento antes das atividades síncronas. Ao garantir o acesso prévio às leituras, os debates nos momentos síncronos se fortalecem e incentivam o engajamento dos participantes.

- **Pergunta 04:** No roteiro da oficina, o tempo previsto para cada atividade e respectivas estratégias é adequado?

Em relação ao tempo disponibilizado no roteiro para as atividades (Gráfico 4), 80% optaram por parcialmente adequado e 20% plenamente adequado. Segundo os docentes, etapas como as leituras exigem a disponibilidade de um tempo maior, assim como os momentos dedicados à reflexão e à interação por meio de perguntas. O E2 destacou, especificamente, que o tempo destinado às atividades de criação no *Quaderninho* foi curto. A E5 comentou “Tive a impressão de que são previstas muitas atividades para os três momentos síncronos. Dependendo do engajamento do grupo participante, o tempo previsto pode não ser suficiente, pois cada atividade tem grande potencial de gerar discussões”. A pesquisadora está em acordo com os comentários, e no relato de execução da oficina descreveu a dificuldade de cumprir as ações previstas no roteiro devido o tempo disponibilizado. Para isso, os momentos foram reavaliados e uma nova divisão de tempo foi proposta no PE final.

Gráfico 4 - Pergunta 04

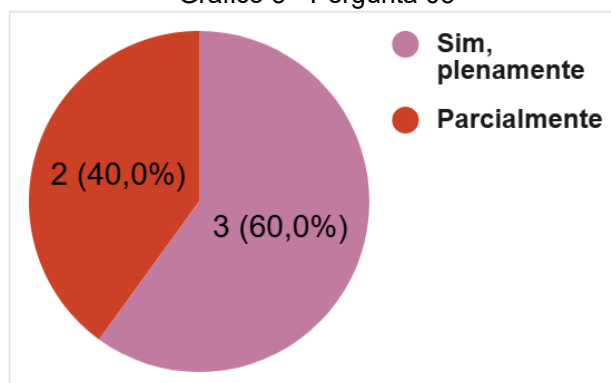


Fonte: acervo da autora (2025).

- **Pergunta 05:** Os materiais disponibilizados na oficina foram suficientes e acessíveis?

Durante a aplicação da oficina, os participantes tiveram acesso a diversos materiais relacionados aos conteúdos abordados. A questão 05 foi elaborada com o objetivo de conhecer a percepção dos especialistas do painel sobre a quantidade de materiais disponibilizados e a facilidade de acesso a eles, no sentido de localizá-los de forma eficiente. Nas respostas obtidas (Gráfico 5), 40% dizem que esse quesito foi parcialmente atendido, porém na leitura das justificativas percebemos que a palavra “acessíveis” na pergunta foi percebida com sentido ambíguo. A docente E3 acrescenta “Quanto à acessibilidade, há que verificar pois eu não tenho leitor de tela para verificar”, enquanto a E4 “Houve a preocupação em disponibilizar os links e/ou Qrcode”. As duas consideraram “acessíveis” com sentido de acessibilidade, e suas observações comprovam o sentido diferente do proposto. A pesquisadora compreende a situação e acolhe o ocorrido nesse momento. A E5 comenta “Os materiais disponibilizados atendem às propostas de atividades. Contudo, senti dificuldade em conectar o roteiro da oficina ao *Quaderninho*, pois este não é autoinstrucional; exige que o comando seja dado”. Tal lacuna foi respondida na pergunta 01 com comentário semelhante, e constatou-se a carência de orientações específicas para futuras mediações, já contemplado no PE final. O participante E2 sugere o livro *O negro nos quadrinhos no Brasil*, de Nobu Chinen, como aporte teórico. No entanto, a pesquisadora informa já conhecer a obra e tê-la incluído no referencial teórico desta dissertação.

Gráfico 5 - Pergunta 05



Fonte: acervo da autora (2025).

- **Pergunta 06:** As histórias em quadrinhos utilizadas como suporte metodológico na oficina favorecem a compreensão da temática racial para o público no Ensino Superior?

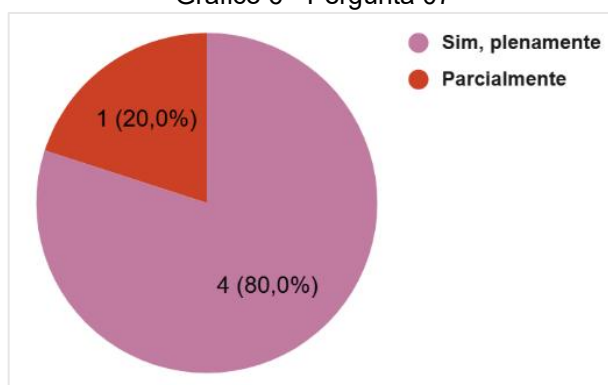
Os títulos associados à temática racial foram reconhecidos por (100%) dos docentes como plenamente eficazes para favorecer a compreensão do tema abordado com o público definido. Todas as justificativas incluídas foram positivas em relação a sua utilização como suporte metodológico. A pesquisadora desta dissertação considerou desafiador a utilização das histórias em quadrinhos no contexto de Ensino Superior, porém nesse caso foram selecionados títulos com uma linguagem acessível para colaborar no aprendizado.

- **Pergunta 07:** Os títulos das histórias em quadrinhos selecionadas (*Mukanda Tiodora*, *Confinada* e *Carolina*) contribuem para a compreensão dos objetivos propostos em cada momento?

Antes de apresentar os resultados, é importante destacar que o Arquivo 01, enviado por e-mail aos especialistas, continha uma breve descrição de cada título de quadrinhos utilizado na oficina (figura 16, p. 51). No quadro com o roteiro, cada ação envolvendo os títulos escolhidos estavam sinalizadas de acordo com a respectiva temática. O Gráfico 6 revela que 4 docentes (80%) consideram que os títulos escolhidos atendem plenamente aos objetivos propostos para cada etapa da oficina. No caso dos especialistas E2 e E4, houve comentários sobre não conhecer os quadrinhos selecionados, porém indicam acreditar que atendem os objetivos de acordo com a sinopse mostrada, e ainda considerando o conhecimento e a pesquisa

realizada pela mestranda. Segundo a E5, a opção de escolher o não atende no formulário tem como justificativa “Pelos títulos, apenas, não é possível associar as histórias aos objetivos de cada momento”. A pesquisadora reconhece que a leitura completa das histórias em quadrinhos selecionadas não é necessariamente obrigatória para compreender toda a história, nesse sentido, acolhe o ponto de vista apresentado pela docente.

Gráfico 6 - Pergunta 07

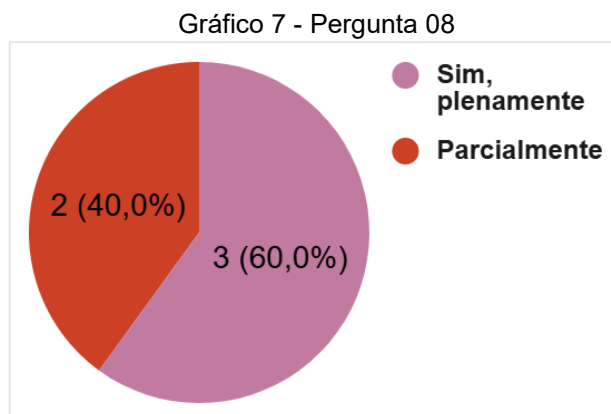


Fonte: acervo da autora (2025).

Pergunta 08: Relacionado a adaptabilidade, as temáticas e atividades de cada momento da oficina podem ser aplicados de forma independente, como atividade extracurricular, ou mesmo como parte de uma disciplina curricular ou optativa, dentro de um curso de graduação?

A discussão relacionada as perguntas 08 e 09 abrange a dimensão de aplicabilidade do PE, comentada por Rizzatti *et al.* (2020) “relaciona-se à facilidade de acesso e propriedade de aplicação do PE, para que seja acessado e utilizado de forma integral e/ou parcial em diferentes sistemas”. A aplicabilidade foi considerada por 60% dos docentes como plenamente possível, enquanto 40% optaram por parcialmente. Na resposta, a participante E4 convidou a pesquisadora para aplicar a oficina junto aos discentes da graduação em que atua. A E5 manifestou o comentário “As atividades, apesar de serem encadeadas pelo roteiro da sankoficina, têm potencial de serem utilizadas em diversos contextos formativos, inclusive em outros cursos de graduação”. Conforme mencionado pelo docente E2, algumas atividades certamente demandarão um tempo maior, o que tornaria inviável a realização da oficina como apenas uma parte de uma disciplina. Nesse caso, é importante salientar a

possibilidade de adaptação das atividades do roteiro junto as possibilidades do ambiente educacional da aplicação.



Fonte: acervo da autora (2025).

Pergunta 09: A oficina tem possibilidade de ser trabalhada em ambientes não formais de aprendizagem?

A sugestão de realização da oficina em ambientes não formais partiu da banca de qualificação da pesquisadora. Nesse caso, todas as respostas (100%) estão plenamente de acordo com a proposta da pergunta. A docente E4 sugeriu uma gama de locais: “Pode e deve ser trabalhada em ambientes religiosos, sindicais, partidários, clubísticos, etc”. A análise da E5 diz “Pela sua própria proposta, a oficina não está atrelada a uma disciplina curricular e possui bastante potencial de ser trabalhada em ambientes não formais de aprendizagem.” No PE está descrito a possibilidade de aplicação nesses ambientes, com as devidas adaptações.

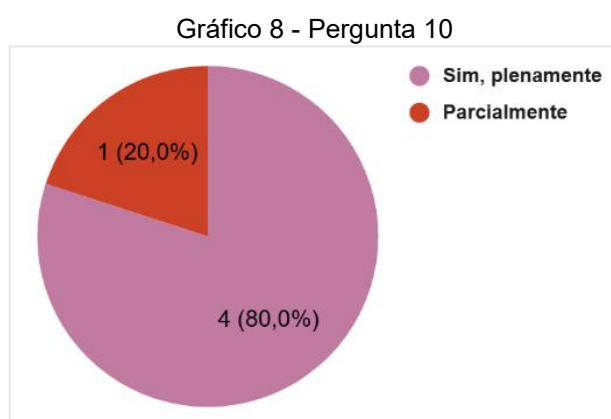
6.3 *Quaderninho*

Para realização da oficina, o *Quaderninho* foi elaborado como material de apoio aos participantes. Portanto, esta seção avalia o material em relação aos conteúdos escolhidos, apoio teórico, linguagem adotada nos textos, elementos de design, atividades para criatividade e a sequência/divisão dos assuntos.

A seguir, são apresentados os resultados referentes às perguntas dos aspectos considerados do *Quaderninho*.

- **Pergunta 10:** O título *Quaderninho* é explícito e adequado para sua finalidade?

Nesse aspecto, as respostas de 80% dos especialistas indicam concordância plena de que o título cumpre adequadamente sua finalidade (Gráfico 8). Como destaca a E5 “O neologismo agrega intuitivamente a proposta de um caderno de atividades com a temática dos quadrinhos”. Foi percebido críticas nos comentários do E2 e E3, em relação a pouca utilização da linguagem dos quadrinhos na elaboração desse material, e essa ausência ter como consequência a pulverização das atividades com outros recursos. Em relação aos pontos mencionados, a pesquisadora menciona que na concepção do *Quaderninho*, não havia a intenção de desenvolvê-lo no formato de quadrinhos, uma vez que esse processo envolveria diversas etapas, demandando tempo e investimento em artistas para as ilustrações. Desse modo, a finalidade das histórias em quadrinhos como suporte metodológico foi atendida com os três títulos indicados no roteiro, além das atividades com as fontes de pesquisa para conhecer novos títulos.

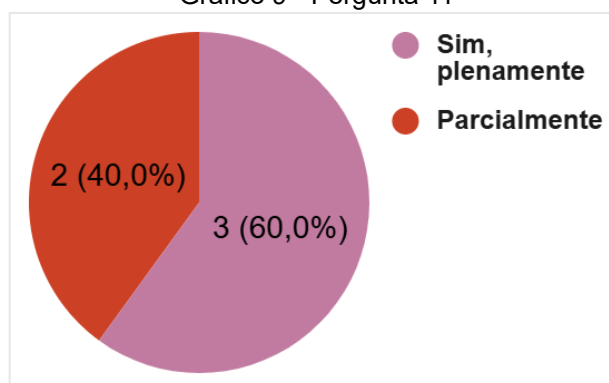


Fonte: acervo da autora (2025).

- **Pergunta 11:** Os conteúdos selecionados para o *Quaderninho* atendem a proposta de roteiro da oficina?

O *Quaderninho* está dividido em três partes com finalidades distintas que se complementam no objetivo de ser o suporte ao participante. Para isso, houve a atenção da pesquisadora na busca de conteúdos alinhados a proposta do roteiro. Para 60% dos especialistas (Gráfico 9), essa atribuição foi plenamente atendida pela abrangência da seleção feita. O restante, 40% optaram por parcialmente atendido, com comentários sobre a fonte do vídeo utilizado ser uma instituição financeira e a necessidade de acrescentar o entendimento de “mapa da empatia”, esse último acrescentado no PE final.

Gráfico 9 - Pergunta 11

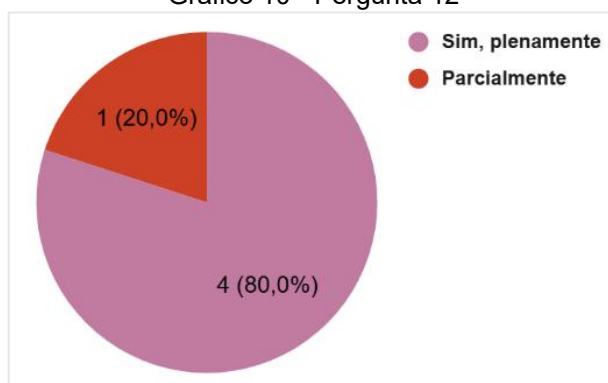


Fonte: acervo da autora (2025)

- **Pergunta 12:** O apoio teórico escolhido como referência está apropriado às temáticas trabalhadas na oficina?

A pergunta objetivou saber se o material teórico definido, necessita de mudanças ou acréscimo de informações. Assim, 80% optaram por plenamente atendido, e parcialmente atendido ficou com 20% (Gráfico 10). O E2 destacou “Foi reservado um espaço menor para o desenvolvimento de personagens (que é de extrema relevância) do que para os tipos de balões de fala. A abordagem dos arquétipos junguianos, por exemplo, o que poderia até auxiliar nas discussões temáticas”. Quanto ao comentário, compreende-se que a escolha da pesquisadora ao elaborar o conteúdo teórico sobre a linguagem dos quadrinhos, levou em conta a diversidade do público: tanto aqueles que já têm familiaridade com o tema quanto os que estão em contato pela primeira vez. Por essa razão, buscou-se produzir o material com uma linguagem acessível, evitando aprofundamentos como o sugerido, que demandam um tempo maior para leitura e reflexão. A docente E4 notou a ausência de autores paraenses, e nesse caso, na qualificação havia referencial com texto da professora Zélia Amador de Deus que seguirá na dissertação. Sobre isso, vamos acrescentar a indicação de texto da autora como material de apoio no *Quaderninho* e em orientações da mediação.

Gráfico 10 - Pergunta 12



Fonte: acervo da autora (2025)

- **Pergunta 13:** A linguagem utilizada nos textos é atrativa e facilita o entendimento?

No caso da linguagem adotada no *Quaderninho*, todos os docentes (100%) concordaram com a opção de atende plenamente. A seguir os comentários de aprovação dos especialistas, no caso a E3 “A linguagem é dialógica e de simples entendimento”, e E4 “Bastante adequada, leve e instigante”. Houve uma observação da E5 referente a ausência de descrição em cada *QR Code*. Porém, as indicações de destino do *QR Code* estão presentes no produto.

- **Pergunta 14:** O *design* é satisfatório quanto às cores, às imagens, à tipografia, à distribuição nas páginas, entre outros elementos visuais?

No processo de criação do *Quaderninho*, as escolhas da pesquisadora para o design foram pensadas na intenção de produzir algo atrativo ao público destinado. O resultado no formato do *Quaderninho*, foi utilizado pelos participantes da oficina de forma impressa. Nesse quesito, todos os docentes do painel (100%) afirmam que as opções feitas foram adequadas e atendem plenamente ao propósito. Os comentários estão listados no Quadro 26.

Quadro 26 - Lista de comentários

Especialistas	Comentário
E1	Sim, design é atraente aos olhos do leitor.
E2	Sim, o design é agradável e de fácil leitura.
E3	O material é graficamente bonito e atraente,
E44	Já quero esse designer na minha vida!
E5	O material está bem formatado e diagramado. A estética remete a um caderno de atividades manuais/colagens, o que dialoga com a proposta da oficina.

Fonte: acervo da autora (2025).

- **Pergunta 15:** As atividades elaboradas na parte 01 (p. 06 a 14) são diversificadas e proporcionam estímulos a criatividade?

Na preparação das atividades da Parte 01, a pesquisadora buscou construir propostas divertidas e reflexivas, com intuito de obter respostas ligadas ao processo criativo dos envolvidos. Quanto ao material enviado, 100% dos avaliadores consideram atender plenamente o estímulo a criatividade. A seguir, são apresentados os comentários favoráveis dos especialistas, a E4 “Contemplam diferentes e distintos aspectos da criatividade em um mundo tão control C-control V” e a E5 “As atividades aliam a proposta mão na massa aliada à reflexão crítica”. Apesar de concordar com a pergunta, oE2 fez a observação sobre dependência da mediação nas atividades. A E3 observou que foram poucos quadrinhos considerando a motivação para o nome do caderno. Conforme falado na análise da pergunta 10, ao verificar a estrutura da oficina, os três títulos indicados no roteiro, além das atividades com as fontes de pesquisa para conhecer novas narrativas gráficas, contemplam a utilização na proposta formativa de acordo com objetivo de cada temática.

6.4 Parecer final

Para finalizar do painel de especialistas, foi acrescentado duas perguntas direcionadas ao momento conclusivo da avaliação. O grupo de especialistas respondem sobre as possibilidades do roteiro em suas aulas e a possível recomendação para outros docentes.

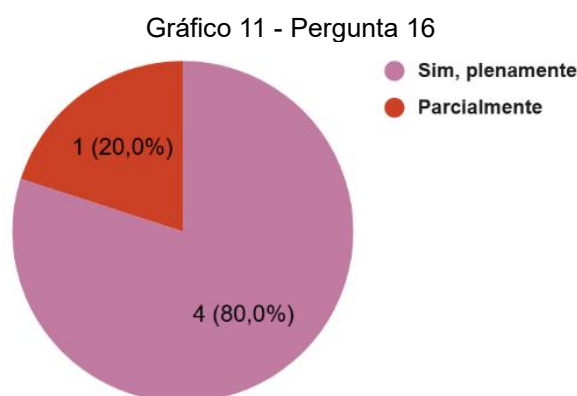
A seguir, são apresentados os resultados referentes às perguntas dos aspectos considerados ao parecer final.

- **Pergunta 16:** Usaria o roteiro da oficina ou algum dos momentos propostos em suas aulas?

Os docentes participantes do painel atuam no Ensino Superior em suas respectivas áreas, e o questões surgem diante das possibilidades de aplicação do roteiro nesse contexto. Para isso, a resposta de 80% reflete as chances de serem plenamente aplicado, e 20% escolheram com parcialmente possível (Gráfico 11). Foram reveladas intenções concretas de execução, com o comentário a seguir:

“Inclusive pretendo utilizá-la, assim que aprovada, nas aulas da disciplina Estágios Temáticos em Alfabetização e também convidar a mestranda para apresentar essa proposta no I Seminário Diversidade e Inclusão do IEMCI, a ser realizado no segundo semestre deste ano” (Docente E4, 2025)

No caso o E5 também acrescentou seu desejo “Já imaginei como usar e/ou adaptar atividades em aulas do PPGCIMES, sobretudo porque neste semestre estamos trabalhando com a perspectiva decolonização nas disciplinas obrigatórias do mestrado e do doutorado”. Para finalizar, houve o questionamento da E3, sobre concordar com a relevância do tema, porém não se sente preparada para usar o material. Nesse caso, a pesquisadora lança a proposta de conhecer o PE final com o refinamento das recomendações para mediação e material de apoio.



Fonte: acervo da autora (2025).

Pergunta 17: Recomendaria o roteiro da oficina ou algum dos momentos propostos para outros(as) professores(as)?

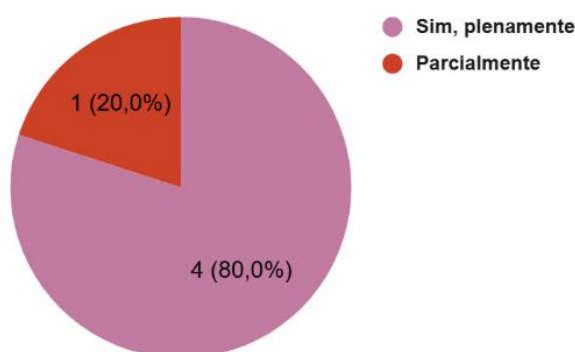
Nessa situação, o docente participante do painel foi convidado a responder sobre possíveis indicações do PE para outros professores. Quanto a essa possibilidade, 80% responderam estar plenamente de acordo com a indicação, enquanto 20% demonstraram concordância parcial na mesma situação (Gráfico 12).

A educação antirracista é urgente e precisa envolver todas as etapas de formação formal, além de estar na variedade de ambientes não formais de aprendizagem. A sankoficina é um excelente roteiro e fornece recursos didáticos bastante flexíveis para uso em diferentes contextos de ensino-aprendizagem. Parabéns pela proposta.

Comentário E5

No caso E2, mesmo entendendo a necessidade dos estudos com a educação antirracista, o fato de não atuar na formação de professores dificulta indicar para os colegas docentes com proximidade.

Gráfico 12 - Pergunta 17



Fonte: acervo da autora (2025).

6.5 Adequações do produto educacional

Durante a testagem da oficina, a partir das validações realizadas tanto pelos participantes quanto pelo painel de especialistas, foi possível constatar a viabilidade das estratégias propostas. Esse processo identificou os aspectos que demandariam ajustes, os quais orientaram as adaptações e modificações incorporadas à proposta final, utilizada como referência para a elaboração das materialidades do produto educacional. Destaca-se que a pesquisadora realizou um período cuidadoso de análise, e com base na experiência no desenvolvimento da pesquisa e trajetória formativa, assumiu um posicionamento reflexivo nas escolhas pedagógicas e metodológicas, considerando criticamente as sugestões apresentadas e as possibilidades efetivas de aplicação da oficina.

A partir desse processo, serão apresentadas brevemente as adaptações e modificações realizadas para a adequação da proposta final:

- Elaboração do Caderno da Mediação, com orientações necessárias para a realização do roteiro em cenários diversos.
- Revisão do tempo destinado a cada atividade do roteiro, uma vez que o tempo anteriormente previsto se mostrou insuficiente para o andamento satisfatório das propostas. A ampliação das etapas considerou as indicações do painel de especialistas.
- Redistribuição das atividades do Momento 04, visando uma aplicação eficaz e proveitosa.
- No Caderno da Mediação, o detalhamento do Caso Empático como metodologia inovadora para a atividade integradora final.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo fomentar a formação em educação antirracista para futuras práticas profissionais dos discentes do curso de Pedagogia da UFPA - *Campus* Belém, por meio de oficina utilizando história em quadrinhos como suporte metodológico. A investigação que sustenta este estudo foi delineada a partir da questão-foco: Como elaborar uma oficina para promover a formação em educação antirracista, destinadas aos discentes do curso de Pedagogia da UFPA – *Campus* Belém?

Diante desta questão, elaboramos uma proposta de produto educacional no formato de oficina, buscando criar no roteiro uma estrutura baseada na formação reflexiva e promoção do pensamento crítico dos envolvidos. Nesse sentido, as histórias em quadrinhos foram incluídas como suporte metodológico inovador na construção de práticas baseadas na educação antirracista.

Considerando esses pressupostos, teve-se o direcionamento de fundamentar o roteiro com temáticas contextualizadas as relações étnico-raciais, para propiciar aos participantes o contato com o cenário de trajetórias plurais, porém marcado por narrativas comumente vinculadas apenas à marginalização ou à subalternidade da população negra.

Ao realizarmos a oficina no âmbito da pesquisa aplicada, os discentes participantes, por meio da avaliação realizada com o questionário, contribuíram para a validação desta etapa do produto educacional. As considerações foram tomadas para aprimorar a proposta, como a reorganização para ter mais tempo aos longos dos encontros, como foi sugerido.

As respostas recebidas dos participantes da pesquisa foram de fundamentais para que comprovássemos a relevância e aplicabilidade da Sankoficina, tanto entre discentes de Pedagogia, quanto entre estudantes dos outros cursos. Na avaliação recebida, dentre os diversos aspectos positivos, mencionaram que o conteúdo da oficina foi significativo e enriquecedor nos seus processos formativos. Ressaltaram a diversidade de materiais utilizados e como os momentos assíncronos possibilitaram a flexibilização para revisões e amadurecimento de ideias.

Destaca-se que os discentes participantes oriundos dos cursos de Ciências Sociais e Biblioteconomia também demonstraram engajamento nas atividades

propostas, evidenciando o interesse em adquirir conhecimentos sobre educação antirracista aplicáveis às suas respectivas áreas de atuação.

Em relação às histórias em quadrinhos, a avaliação foi positiva quanto à sua utilização na oficina, destacando-se o potencial para promover o aprofundamento a partir da diversidade de narrativas, além de contribuir para uma abordagem mais acessível de temas complexos. Alguns discentes demonstraram interesse em continuar utilizando os quadrinhos em suas práticas futuras e reconheceram as múltiplas possibilidades pedagógicas desse recurso.

No contexto da mediação realizada pela pesquisadora, foi elogiada por proporcionar um ambiente acolhedor e seguro para compartilhar opiniões e com isso incentivo na participação. Em relação ao *Quaderninho* como material de apoio, mencionaram como destaque a linguagem simples e acessível dos conteúdos e atividades, além da organização e estrutura, valorizadas por links, materiais extras e sugestões de aprofundamento.

Em relação os especialistas avaliadores do painel, suas contribuições em relação a elementos da oficina incluíram avaliação positiva em relação a divisão dos momentos, valorizados pela escolha de etapas síncronos e assíncronos, e sobre a definição de temas pertinentes. Quanto os títulos dos quadrinhos selecionados, todos os docentes concordaram que são eficazes para ajudar na compreensão do tema pelo público, confirmando o potencial previsto na pesquisa. Na observação sobre o *Quaderninho*, destacaram a linguagem escolhida, considerada atrativa e facilitadora da compreensão e houve elogios sobre as opções no design adotado. Dito isso, justificaram pelas escolhas proporcionarem uma relação dialógica, simples, leve e instigante.

É importante ressaltar, como impacto positivo, que houve convit para a reaplicação da oficina em turmas de licenciatura, pela própria pesquisadora, e ainda em outro caso a intenção de adotar partes do roteiro em aulas da docente em questão. No caso dos ambientes não formais, os especialistas concordaram quanto à viabilidade de aplicação, ampliando assim a abrangência e o impacto do produto educacional em diferentes contextos.

As recomendações dos especialistas sobre as fragilidades da oficina envolveram a percepção de tempo insuficiente para a realização das atividades, e assim, houve a redistribuição das etapas com uma duração maior. Também foram

apontados comentários em relação aos limites do uso das HQs, com a indicação diversificada de recursos para a oficina.

A pesquisadora reafirma a importância de fomentar nos cursos de licenciatura, formações como realizado no estudo, viabilizando o enfrentamento do racismo estrutural no ambiente escolar. Ao propor uma metodologia inovadora que articula as histórias em quadrinhos e educação antirracista, a pesquisa buscou contribuir para a construção de práticas educacionais críticas, sensíveis e transformadoras. O desenvolvimento deste trabalho proporcionou não apenas a construção de um produto educacional, mas também significativas transformações na própria trajetória da pesquisadora, despertando motivações para a continuidade da pesquisa e o aprimoramento da proposta apresentada.

Compreende-se que a luta antirracista na educação exige compromisso ético para que ações concretas possam romper silenciamentos e exclusões históricas. Assim, espera-se que esta pesquisa siga sua trajetória, inspirando novas práticas e contribuindo para espaços formativos ao integrar as histórias em quadrinhos como suporte para a compreensão dos temas por parte do público envolvido.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AFFONSO, Marcela. Você sabia que na USP há um núcleo de pesquisa sobre HQs? In: **Jornal da USP**. São Paulo-SP, 26 ago. 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/voce-sabia-que-na-usp-ha-um-nucleo-de-pesquisa-sobre-hqs/>. Acesso em: 02 mai. 2024.
- AGOSTINHO, Elbert. **Que “negro” é esse nas histórias em quadrinhos? Uma análise sobre o Jeremias de Maurício de Sousa**. 2017. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-raciais) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2017.
- ANDRAUS, Gazy; MAGALHÃES, Henrique. **Dossiê fanzines, artzines e biograficzines: publicações mutantes**. Goiânia: Cegraf UFG, 2021.
- AMARANTE, Karolina Carvalho do. **Formação de professores/as para o ensino das relações étnico-raciais em cursos de Pedagogia no Estado do Pará**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Oeste do Pará, Programa de Pós-Graduação em Educação, Santarém, 2022.
- ANDRADE, Naiara. **Milena, da Turma da Mônica, ganha traços de ativista no Dia da Consciência Negra: ‘A nova Dona da Rua’**. Extra (Globo), Rio de Janeiro, 20 nov. 2024. Disponível em: <https://extra.globo.com/entretenimento/noticia/2024/11/milena-da-turma-da-monica-ganha-tracos-de-ativista-no-dia-da-consciencia-negra-a-nova-dona-da-rua.ghtml>. Acesso em: 06 jul. 2025.
- ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis**. São Paulo: Editora Seguinte, 2020.
- ASSIS, Leandro; OLIVEIRA, Triscila. **Confinada**. São Paulo: Editora Todavia, 2021.
- BACICH, Lilian; MORAN, José. (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BEN JOR, Jorge. **Zumbi** (Áudio Oficial). Disponível em Canal Oficial Jorge Ben Jor, 2015.1 vídeo (3min. 35 segs.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ge5BZjVVKpQ>. Acesso em: 22 mai. 2024.
- BESEMER, Susan; TREFFINGER, Donald. Analysys of Creative Products: Review and Synthesis. **The Journal of Creative Behavior**, v. 15, n. 3, p. 158-178, 1981.
- Bienal de Quadrinhos de Curitiba. **Catálogo HQ Brasil**. Brasília: 2019. Disponível em: <https://www.bienaldequadrinhos.com.br/bquadrinhos>. Acesso em: 15 fev. 2024.
- BRASIL. Lei nº10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História

e Cultura Afro-Brasileira" e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 20 mar. 2024.

CAGNIN, Luiz Antônio. **Os Quadrinhos**. Ed. Ática, São Paulo, 1975.

CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. **Jeremias: Pele**. São Paulo: Panini, 2018.

CARVALHO, Ivanildo. Para o alto com sankofa. In: **Revista Ciência Hoje das Crianças**. Rio de Janeiro – RJ, 05 dez. 2012. Disponível em: <https://chc.org.br/artigo/para-o-alto-com-sankofa/>. Acesso em: 20 fev. 2024.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2024.

CHINEN, Nabu (Nabuyoshi Chinen). **O negro nos quadrinhos do Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2019.

CRUZ, Lila (@liilacruz). “Me conta pequenas coisas que você acha incríveis? A segunda edição do meu livro ‘O Feminismo que eu comprei’ está pronta pra impressão! [...]”. *Instagram*, 15 jun. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DJmKmWbtM7k/>. Acesso em: 4 jul. 2025.

D’SALETE, Marcelo. **Mukanda Tiodora**. São Paulo: Editora Veneta, 2022.

DEUS, Zélia Amador de. **Caminhos Trilhados na Luta Antirracista**. Coleção Cultura Negra e Identidade Visual. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). **BNDIGITAL I**. Acervo – O TICO-TICO a mais importante revista voltada para o público infanto-juvenil no Brasil. Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/explore/curiosidades/acervo-tico-tico-mais-importante->

GALDINO, Elton. Zagaia: **Coletânea de Quadrinhos Afroamazônidas**. Ananindeua: Edições 1/4, 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos de Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GLAVEANU, Vlad Petre; NEVES-PEREIRA, Mônica Souza. A Psicologia Cultural da Criatividade. In: NEVES-PEREIRA, Mônica Souza; FLEITH, Denise de Sousa. **Teorias da Criatividade**. 2019.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. **Revista Brasileira De Política E Administração Da Educação**, v.27, n.1, p. 109-121, jan./abr. 2011.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: Saberes construídos nas lutas de emancipação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Paulo Vinícius Baptista; BRITO, José Eustáquio. Ações Afirmativas de Promoção da Igualdade Racial na Educação: Lutas, Conquistas e Desafios. **Educação e Sociedade** v. 42, e258226, 2021.

GONÇALVES, Carmen Érica Lima de Campos; OLIVEIRA, Carolina de Souza Oliveira; MAQUINÉ, Gilmar Oliveira; MENDONÇA, Andréa Pereira. (Alguns) desafios para os Produtos Educacionais nos Mestrados Profissionais nas áreas de Ensino e Educação. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, Manaus, Brasil, v. 5, n. 10, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.31417/educitec.v5i10.500> . Acesso em: 6 jul. 2025.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante Editora, 2021.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo 2022**: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda. Rio de Janeiro – RJ, 26 jan. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/12/pardos-sao-maioria-da-populacao-brasileira-pela-primeira-vez-indica-ibge>. Acesso em: 01 mar 2024.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pessoas pretas e pardas continuam com menor acesso a emprego, educação, segurança e saneamento**. Rio de Janeiro – RJ, 11 nov. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35467-pessoas-pretas-e-pardas-continuam-com-menor-acesso-a-emprego-educacao-seguranca-e-saneamento>. Acesso em: 20 fev. 2024.

IPEAFRO. **Adinkra**. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acoes/pesquisa/adinkra/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

IPEAFRO. **Missão**. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/ipeafro/missao/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. 5. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEÓN, Lucas. AGÊNCIA BRASIL. Caso Sônia é desastroso para combater trabalho escravo, alerta auditor. Agência Brasil, Brasília, 6 maio 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-05/caso-sonia-e-desastroso-para-combater-trabalho-escravo-alerta-auditor>. Acesso em: 4 jul. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

MORAIS, Maria de Fátima. A avaliação da criatividade: a opção pelos produtos criativos. **Revista RecreArte**, Santiago de Compostela – Espanha, n. 4, p. 1-13, 2005.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 62, p. 20-31, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/WxGPWdcytJgSnNKJQ7dMVGz/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 25 mar. 2024.

MURAKAMI, Lais. Metodologia criada na UFPR populariza histórias em quadrinhos na comunidade surda. Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 30 jan. 2021. Disponível em: <https://ufpr.br/metodologia-criada-na-ufpr-populariza-historias-em-quadrinhos-na-comunidade-surda/>. Acesso em: 4 jul. 2025.

NAKANO, Tatiana de Cássia; WECHSLER, Solange Muglia. Creativity and innovation: skills for the 21st Century. **Estudos de psicologia**, n. 35, v. 3, p. 237-46, 2018.

NASCIMENTO, Eliza Larkin. Sankofa: significados e intenções. *In*: NASCIMENTO, Eliza Larkin (org). **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2018.

OLIVEIRA, Alan Santos de. **Sankofa: A circulação dos provérbios africanos – oralidade, escrita, imagens e imaginários**. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília-DF, 2016.

OLIVEIRA, Lívia Maria Serafim Duarte. **As Questões Étnico-raciais nas Histórias em Quadrinhos – Reflexões Educativas na Formação Docente**. Dissertação (Mestrado Profissional em Formação de Professores) – Universidade Estadual da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, Campinha Grande, 2016.

Organização das Nações Unidas (ONU). **Declaração sobre a Raça e Preconceitos Raciais**. Paris, 1978.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PINHEIRO, João; BARBOSA, Sirlene. **Carolina**. São Paulo: Editora Veneta, 2016.

PIRES, Maria da Conceição Francisca. Autodefinição e corpos negros emancipados nas HQs de Bennê Oliveira e Lila Cruz. **Revista de la Red de Intercatedras de História de América Latina Contemporánea**. Año 8, N° 15. Córdoba, diciembre 2021-mayo 2022.

POSTEMA, Barbara. **Estrutura narrativa nos quadrinhos: construindo sentido a partir de fragmentos**. São Paulo: Peirópolis. 2018.

POTYGUARA, Rita; CAMARGOS, Bruna; CASTRO, Maria (coord.). *A cor da cultura: história e cultura indígena: caderno de textos*. Fundação Roberto Marinho (org). Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2024. Disponível em: <https://futura.frm.org.br/conteudo/mobilizacao-social/material-pedagogico/cor-da-cultura-saberes-e-fazer-caderno-de>. Acesso em: 14 mar. 2025.

PRADO, Ceres. USP tem o único núcleo de pesquisa de histórias em quadrinhos do mundo. São Paulo – SP, 16 jun.2003. Disponível em: <https://www.usp.br/aunantigo/exibir?id=682&ed=62&f=1>. Acesso em: 22 abr. 2024.

PRESSER, Alexandra Teixeira de Rosso; BRAVIANO, Gilson; GONÇALVES, Marília Matos. Histórias em Quadrinhos em Nível Superior como ferramenta de ensino/aprendizagem: um levantamento bibliográfico. **Razón y Palabra**, Quito, n. 88, 2015. Disponível em: http://www.razonypalabra.org.mx/N/N88/Varia/18_TeixeiraBravianoMatos_V88.pdf. Acesso em: 20 mar. 2024.

QUIANGALA, Anne. Como Marcelo D'Saete retoma um passado que enriquece futuros. **Suplemento Pernambuco**. Recife: CEPE Editora, nº 204, 2023.

QUIJANO,. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2014.

RAMOS, Alma Preta. Afrotecas são inauguradas no Pará com foco na educação antirracista desde a infância. Alma Pretinha, Belém, Pará, jun. 2025. Disponível em: <https://almapreta.com.br/almapretinha-conteudo/afrotecas-sao-inauguradas-no-para-com-foco-na-educacao-antirracista-desde-a-infancia/>. Acesso em: 4 jul. 2025.

RAMOS, Marcia Ribeiro. **BRANQUITUDE E PSICOLOGIA: o estado da arte e reações étnico-raciais (2003-2018)**. 2021. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-raciais. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Rio de Janeiro. 2021.

RAMOS, Paulo. **A Leitura dos Quadrinhos**. São Paulo: Editora Contexto, 2023. revista-voltada-publico. Acesso em 10 mai. 2024.

RIOS, Flávia; SANTOS, Márcio André dos; RATTTS, Alex. **Dicionário das Relações Étnico-raciais Contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2023.

RIZZATTI, Ivanise Maria; MENDONÇA Andrea Pereira; MATTOS, Francisco; RÔCAS, Giselle; SILVA, Marcos André B Vaz da; CAVALCANTI Ricardo Jorge de S; OLIVEIRA, Rosemary Rodrigues de. Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. **ACTIO: Docência em Ciências**, v.5, n.2, p.1-17, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/12657>. Acesso em: 06 de mar. 2024.

SABOTA, Guilherme; FACHINI, Talita. Os livros mais vendidos da Feira do Livro 2023, de Itamar Vieira Júnior a Rita Lee. PublishNews, 12 jun. 2023. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2023/06/12/os-livros-mais-vendidos-da-feira-do-livro-2023-de-itamar-vieira-junior-a-rita-lee>. Acesso em: 4 jul. 2025.

SALLES, Vicente. **O Negro na Formação da Sociedade Paraense**. Belém: Paka Tatu, 2004.

SILVA, Guilherme. **A nesga entre fronteiras: quadrinhos, ensino-aprendizagem e**

história em uma proposição metodológica, 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Florianópolis, 2021.

SILVA, Petronilha Beatriz. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, v. 30, n. 63, p. 489-506, 2007.

SILVA, Shirley dos Santos. **Manual para estruturação da oficina pedagógica**. 2019 Produto Educacional. Programa de Pós-graduação em Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior. Universidade Federal do Pará. Belém. 2019.

SOUSA, Fausto Ricardo Silva; SOUSA, Lizandra Sodrê; CARVALHO, Herli de Sousa; SILVEIRA, Francisca Morais da. Formação docente na perspectiva da educação antirracista como prática social. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 17, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/19366/209209216964>. Acesso em: 20 de mar. 2024.

SOUZA, Odair de; PAIM, Elison Antonio. Problematizando o eurocentrismo e desconstruindo o racismo por meio de práticas pedagógicas decoloniais e interculturais. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**. Dossiê Ensino de história e relações étnico raciais, n 34, p. 41-60, 2019.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores e Referências Afro-brasileiras. In: BRANDÃO, Ana Paula (org.). **A Cor da Cultura: Caderno de atividades, Saberes e Fazeres**. Volume 3: Modos de Interagir. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA). **Projeto Pedagógico do curso de Pedagogia**. Belém: UFPA, 2010. Disponível em: https://iced.ufpa.br/images/Documentos/faed/ppp_pedagogia_2010_atual.pdf. Acesso em: 25 mar. 2024.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no Ensino. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2006.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Uso de quadrinhos em trabalhos acadêmicos**. Observatório de Histórias em Quadrinhos – USP, São Paulo – SP, 30 nov. 2023. Disponível em: <https://observatoriodehistoriasemquadrinhos.blogspot.com/2023/11/uso-de-quadrinhos-em-trabalhos.html>. Acesso em: 14 mar. 2024.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (org.). **Quadrinhos na Educação**. São Paulo: Contexto, 2022.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CADAU, Vera Maria (org.). **Entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2009.

Apêndice A - Roteiro

Quadro 01 - Roteiro da oficina.

Nome da oficina: Sankoficina: histórias em quadrinhos na construção de práticas para uma educação antirracista no Ensino Superior
Público: Discentes do curso de Pedagogia, Faculdade de Educação (FAED), no campus da Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém.
Objetivo geral: Promover, junto aos participantes, a exploração da temática racial para orientar futuras práticas educacionais pautadas na educação antirracista.
Carga-horária: 20h
Etapa Assíncrona 01: <ul style="list-style-type: none">• Envio de materiais no formato online aos participantes inscritos:<ol style="list-style-type: none">1. Confirmação da inscrição e Termo de Consentimento Livre para conhecimento e leitura;2. Parte 02 do <i>Quaderninho</i> pág. 14 a 27, com as principais características na linguagem das histórias em quadrinhos para leitura;3. Arquivo com parte da história em quadrinhos (HQ) <i>Mukanda Tiodora</i> de Marcelo D'Saete para leitura. Tempo previsto: 120 a 150 minutos.

Temática 01: Qual o narrador da história?				
Propõe conhecer a história do população negra brasileira a partir de uma visão afrocentrada.				
Momento	Atividade	Objetivos	Estratégias	Tempo previsto
Momento 01 Síncrono	Abertura	<input type="checkbox"/> Apresentar o cronograma e objetivos formativos da oficina.	<ul style="list-style-type: none"> A pesquisadora realiza exposição oral e <i>slides</i> com as informações; Os discentes recebem o kit de inscrição com pasta, caneta, bloco adesivo e <i>Quaderninho</i> impresso. 	15min
	Apresentação	<input type="checkbox"/> Conhecer os participantes.	<ul style="list-style-type: none"> Distribuição de impressão em formato de balão de fala e pincel anatômico; Cada pessoa deve retirar um número correspondente a uma pergunta de cunho descontraído para responder no balão; Os discentes realizam a apresentação para o grupo. 	20min
	Quiz <i>Quaderninho</i> (pág. 14 a 27)	<input type="checkbox"/> Levantar os conhecimentos dos participantes sobre as histórias em quadrinhos.	<ul style="list-style-type: none"> A pesquisadora conduz a dinâmica de perguntas projetadas em formato de <i>quiz</i> utilizando o <i>site</i> Kahoot (https://kahoot.com/); São 10 perguntas baseadas no <i>Quaderninho</i>, atribuídas às pontuações e com prêmios para os 3 primeiros(as) do 	40min

			ranking.	
	<i>Quaderninho</i> pág. 12	<input type="checkbox"/> Praticar a criação de diálogos na tirinha para exercício da criatividade.	<ul style="list-style-type: none"> Os discentes utilizam a tirinha impressa para completar os balões vazios de forma livre. 	15min
	A história de Tiodora	<input type="checkbox"/> Apresentar a história de Tiodora narrada na obra de Marcelo D'Saete. <input type="checkbox"/> Compreender no contexto histórico do período, a história de formação do população negra no Brasil.	<ul style="list-style-type: none"> A exibição via slide de trechos da HQ e fotos das cartas escritas por Tiodora, juntamente a exposição oral da facilitadora; Os participantes são convidados a comentar sobre a experiência da leitura do trecho enviado da HQ <i>Mukanda Tiodora</i>. 	30min
	Os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros	<input type="checkbox"/> Explicar os conceitos e contexto histórico sobre o assunto.	<ul style="list-style-type: none"> A pesquisadora realiza a exposição oral com auxílio de slides e visualização do diagrama elaborado por Azoilda Trindade (2002), disponibilizado no <i>Quaderninho</i> pág. 29. 	25min
	Prática com os Valores	<input type="checkbox"/> Discutir os Valores Civilizatório	<ul style="list-style-type: none"> Dinâmica para construção de uma nuvem de palavras utilizando o <i>site</i> Mentimeter 	30min

	Civilizatórios Afro-Brasileiros	Afro-Brasileiros relacionados a <i>Mukanda Tiodora</i> .	<p>(https://www.mentimeter.com/pt-BR) via leitura de QR Code disponibilizado;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cada participante associa na sua percepção, até 3 Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros reconhecidos no roteiro de <i>Mukanda Tiodora</i>; • A pesquisadora conduz uma roda de conversa referente às percepções dos discentes sobre o resultado da nuvem de palavras construída. 	
--	---------------------------------	--	--	--

Temática 02: A branquitude nas relações étnico-raciais

Propõe reconhecer as características da branquitude no contexto brasileiro.

Momento	Atividade	Objetivos	Estratégias	Tempo previsto
Momento Síncrono	02 Acolhimento	<input type="checkbox"/> Receber os participantes para retomar as atividades.	<ul style="list-style-type: none"> • A pesquisadora realiza uma breve exposição sobre as atividades do dia. 	10min

	A história de <i>Confinada</i>	<input type="checkbox"/> Apresentar a HQ <i>Confinada</i> e suas personagens principais.	<ul style="list-style-type: none"> Divisão em duplas para distribuição de impressão com partes de <i>Confinada</i> para leitura e discussão em pares. 	15min
	Exibição de vídeo	<input type="checkbox"/> Exibir material audiovisual sobre a temática da branquitude.	<ul style="list-style-type: none"> A exibição do vídeo <i>Branquitude vs Antirracismo</i>, produzido pelo Instituto Unibanco, com curadoria e direção de Val Campos. As entrevistadas são Cida Bento, Lia Schucman, Neon Cunha e Sueli Carneiro. 	30min
			<ul style="list-style-type: none"> Link do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=IMo7x1ZyN54 Distribuição de impressão do infográfico <i>O impacto do racismo e da pandemia na trajetória dos jovens negros no ensino médio</i>, elaborado pelo Instituto Unibanco e Porvir. Disponível em: https://porvir.org/infografico-o-impacto-da-pandemia-e-do-racismo-na-trajetoria-do-s-jovens-negros-no-ensino-medio/; 	

			<ul style="list-style-type: none"> QR Code disponível no <i>Quaderninho</i> pág. 32. 	
	Roda de conversa	<input type="checkbox"/> Refletir sobre o conceito de branquitude e suas implicações nas relações étnico-raciais.	<ul style="list-style-type: none"> O grupo em círculo, mediado pela pesquisadora, promove a discussão sobre o vídeo mostrado e relaciona ao roteiro de <i>Confinada</i>. 	30min
	<i>Quaderninho</i> pág.10	<input type="checkbox"/> Conhecer as personalidades negras escolhidas pelos participantes.	<ul style="list-style-type: none"> Os discentes realizam o preenchimento da lista disponível com os exemplos inspiradores e fazem o compartilhamento a seguir. 	15min
	Educação Antirracista	<input type="checkbox"/> Discutir a questão: o que é ser um educador/educadora antirracista?	<ul style="list-style-type: none"> Cada discente responde no bloco adesivo e posteriormente realiza o compartilhamento da resposta com a fixação para montar o painel inspirado em um mapa conceitual. 	25min
	Fundamentos para uma educação antirracista	<input type="checkbox"/> Expor conceitos relacionados ao tema.	<ul style="list-style-type: none"> A pesquisadora exhibe as características de uma educação antirracista propostas por Cavallero (2001) e disponível no <i>Quaderninho</i> pág. 33. 	20min

	Legislações Antirracista	<input type="checkbox"/> Mostrar a legislação e políticas públicas referente às relações étnico-raciais na educação do Brasil	• A projeção de slide com a linha do tempo disponível no <i>Quaderninho</i> pág. 34 e 35.	20min
Temática: Revirando memórias - a jornada de reconhecimento e valorização da história negra Propõe apresentar a diversidade histórica e cultural da população negra no Brasil.				
Momento	Atividade	Objetivos	Estratégia	Tempo previsto
Momento 03 Síncrono	Acolhimento	<input type="checkbox"/> Receber os participantes para retomar as atividades.	• A pesquisadora realiza uma breve exposição sobre as atividades do dia.	10min
	Heroínas negras brasileiras.	<input type="checkbox"/> Apresentar as histórias de mulheres negras do Brasil.	• Exposição de cartazes confeccionados com trechos do livro <i>Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis</i> , de Jarid Arraes.	30min
	Mostra dos zines produzidos durante a “A identidade como prática antirracista na universidade”,	<input type="checkbox"/> Exibir os exemplares de zines produzidos durante a oficina por discentes da graduação de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda - UFPA, no segundo semestre de 2023.	• Os participantes são convidados a conhecer e explorar os objetos expostos.	

	realizada no Estágio Supervisionado da pesquisadora.			
	<i>Quaderninho</i> pág. 08 e 09	<input type="checkbox"/> Refletir sobre o cenário mostrado na conversa entre duas mulheres negras.	• Cada discente responde às duas perguntas e em seguida a abertura para compartilhar com o grupo.	20min
	A história de Carolina Maria de Jesus	<input type="checkbox"/> Apresentar a HQ <i>Carolina</i> , revisitando a biografia da escritora brasileira.	• A pesquisadora exhibe trechos da HQ com fotos e outros materiais referentes à história de vida de Carolina Maria de Jesus.	25min
	<i>Quaderninho</i> pág. 12 e 13.	<input type="checkbox"/> Criar um enredo de história em quadrinho.	Em duplas, os discentes completam as perguntas da atividade.	20min
	O baú de histórias	<input type="checkbox"/> Difundir as histórias de personalidades negras brasileiras.	1. Divisão em duplas ou trio; 2. Em uma caixa com formato de baú, cada grupo retira o nome de uma personalidade negra brasileira: Abdias Nascimento, Lélia González, Lima Barreto, Luiz Gama, Milton Santos e Sueli Carneiro; 3. Leitura do e-book com a trajetória da personalidade sorteada, parte da	60min

			<p>coleção <i>Pensadores Negros</i>. Produzida pela Nova Escola no projeto <i>Consciência Negra o ano inteiro</i>. Disponível</p> <p>em https://box.novaescola.org.br/etapa/2/educacao-fundamental-1/caixa/225/conhec-a-a-vida-e-obra-de-9-pensadores-negros</p> <p>4. Apresentação dos grupos em formato livre para compartilhar as histórias e contribuições na luta antirracista dessas pessoas.</p>	
<p>Etapa assíncrona 02: no final do Momento 03, os participantes recebem títulos de quadrinhos, com enredos diversos, para a leitura de forma assíncrona, incluindo 03 cartões com questões para registro de alguns aspectos da experiência. Também é pedido a leitura do material <i>Indicadores da Qualidade na Educação - Antirracismo em Movimento, Dimensão 01: atitudes e relacionamentos (pág. 37 a 51)</i>, com QR Code disponível no <i>Quaderninho</i> pág. 37.</p> <p>Tempo previsto: 120 a 150 minutos.</p>				

Temática: Práticas com histórias em quadrinhos na educação antirracista				
Propõe conhecer formas de utilização das histórias em quadrinhos para a resolução de problemas na temática racial.				
Momento	Atividade	Objetivos	Estratégia	Tempo previsto
Momento 04 Síncrono	Acolhimento	<input type="checkbox"/> Receber os participantes para retomar as atividades.	<ul style="list-style-type: none"> A pesquisadora realiza uma breve exposição sobre as atividades do dia. 	10min
	Clube de Leitura da Sankoficina	<input type="checkbox"/> Avaliar a experiência de leitura das histórias em quadrinhos entregue aos participantes.	<ul style="list-style-type: none"> Em círculo e com mediação da pesquisadora, diálogo sobre a leitura com aproveitamento das respostas nos cartões. 	25min
	Itinerário para curadoria de histórias em quadrinhos.	<input type="checkbox"/> Orientar os participantes sobre a busca de histórias em quadrinhos.	<ul style="list-style-type: none"> A pesquisadora demonstra como utilizar diferentes fontes para encontrar os quadrinhos de acordo com a temática a ser trabalhada; <i>Quaderninho</i> a partir da pág. 37 a 42. 	30min
	Atividade Final Integrada	<input type="checkbox"/> Refletir sobre modos de trabalhar a temática racial no seu processo formativo como discente de Pedagogia.	<ul style="list-style-type: none"> Exposição com as etapas da dinâmica; Divisão dos participantes em grupos. Contextualização da questão problema baseada na trajetória formativa dos discentes de Ensino Superior; 	90min

			<ul style="list-style-type: none"> ▫ Baseado na orientação, cada grupo irá criar uma persona para responder o Mapa da Empatia e a questão problema; ▫ Após a discussão no grupo, as respostas serão escritas em formato de cartaz (cartolina ou papel madeira). ▫ Compartilhamento do resultado de cada grupo; 	
	Encerramento	<input type="checkbox"/> Finalizar a programação com os discentes participantes.	<ul style="list-style-type: none"> ▫ Confraternização e encerramento. 	20min

Etapa Assíncrona 03: os discentes participantes respondem o questionário de avaliação da oficina, disponível no formato *Google Formulários*.

Tempo previsto: 30 minutos.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Apêndice B - Formulário de inscrição

Sankoficina: histórias em quadrinhos na construção de práticas para uma educação antirracista no ensino superior

Inscrição

Não compartilhado

* Indica uma pergunta obrigatória

Olá! No primeiro momento gostaria de agradecer a sua disposição em participar da Sankoficina.

Meu nome é Kátia Anaiane Soares Passarelii, e faço parte como mestranda no Programa de Pós-Graduação em Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior (PPGCIMES), subunidade do Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão (NITAE2), da Universidade Federal do Pará (UFPA), sendo orientada pela Professora Dra. Netília da Silva dos Anjos Seixas. A oficina ofertada trata-se de uma etapa no desenvolvimento de um produto educacional de minha autoria, cujo o título é "Sankoficina: histórias em quadrinhos na construção de práticas para uma educação antirracista no ensino superior".

A oficina foi idealizada para proporcionar aos participantes reflexões e aprendizagem que contribuam na abordagem da temática racial em futuras práticas educacionais pautadas na educação antirracista. Destinada a discentes do curso de Pedagogia, pretende-se proporcionar um espaço colaborativo com trocas de experiências. As histórias em quadrinhos são apresentadas como recurso metodológico com papel primordial para as discussões sobre a temática.

A oficina será dividida em momentos síncronos e assíncronos com carga horária total de 20 horas.

Local: Sala UFPA - profissional

Dias: 11, 14, 18 e 20 de fevereiro.

Horário: 14h às 17h

Ilustração: Gyselle Kolwask



Declaro estar ciente dos dias e horários das atividades síncronas (presenciais) e *
assíncronas (remota) e com a condição de frequência mínima de 75% para
receber a certificação no final da oficina. No caso de não ocorrer a participação
mínima, a pessoa participante não terá direito a comprovação da atividade.

Sim

Próxima

Limpar formulário

Formulário de inscrição

Ao preencher este formulário, certifique-se de preencher todos os campos com as
informações solicitadas. Isso ajudará a organizar as atividades e a garantir uma
experiência enriquecedora aos participantes.

1 - Nome completo *

Sua resposta

2 - Nome social

Sua resposta

3 - Data de nascimento *

Sua resposta

4 - É uma pessoa com deficiência? *

Não

Sim

5 - Caso a resposta da questão 4 seja "Sim": especifique qual é a deficiência para
ajudar no planejamento dos recursos de acessibilidade e possíveis adaptações, .

Sua resposta

6 - Gênero *

Feminino

Masculino

Outro: _____

7 - Como você se autodeclara em relação a cor ou raça? *

Parda

Branca

Preta

Amarela

Indígena

8 - Contato telefônico *

Sua resposta _____

9 - E-mail *

Sua resposta _____

10 - Qual período está cursando atualmente? *

Sua resposta _____

11- Qual a sua experiência com leitura de histórias em quadrinhos? Comente suas principais lembranças e/ou como conheceu. *

Sua resposta _____

12 - Em relação a leitura das histórias em quadrinhos, como você se considera atualmente: *

- Faz parte das minhas leituras atuais com frequência.
- Faz parte da minhas leituras atuais ocasionalmente.
- Já li alguns títulos na infância e não continuei.
- Não faz parte das leituras que realizo.
- Outro: _____

13 - Qual a sua expectativa quanto a participação na oficina Sankoficina? *

Sua resposta _____

14 - Possui celular com acesso a internet? *

- Sim
- Não

15 - Você aceita participar de um grupo no WhatsApp somente durante o período da oficina para troca de informações e interação entre os participantes? *

- Sim
- Não

Apêndice C – E-mail de confirmação

Confirmação de inscrição Sankoficina - Material p/ encontro 11/02/2025 Caixa de entrada x



◆ Resumir este e-mail



Kátia Soares <katia.anaiane@gmail.com>

sáb., 8 de fev., 18:44



para dinelmagoncalves7, tais.bekama, abeatriza634, alyssa.borges@iced.ufpa.br, erika.melo, pedagogiaufpa2022, vivian.costa@iced.ufpa.br, almeidamichelly20, kamile.cunha, oliveiracristina082, ismael.brito, isabelle.araujocruz@gmail.com, kamycruzconta

Prezadas e prezados inscritos

É com grande satisfação que confirmamos sua inscrição na **Sankoficina**. Caso já tenha recebido uma confirmação no e-mail anterior, reforçamos esse novo envio para contemplar as últimas inscrições realizadas. Segue a confirmação das informações para o nosso encontro:

Datas: 11, 13, 18 e 20 de fevereiro de 2025

Horário: 14h às 17h

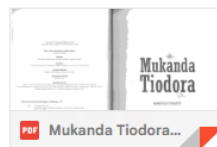
Local: Sala Fp204

Em anexo envio os materiais para nosso primeiro encontro, dia 11/02/2025. Trata-se de uma parte do material *Quaderninho*, com uma breve exposição teórica sobre a linguagem das histórias em quadrinhos (HQs). Também será disponibilizado um trecho da HQ *Mukanda Tiodora*, do quadrinista Marcelo D'Salete (por tratar-se de uma versão escaneada do original, a visualização de pontos ficou comprometida, mas ainda é possível acompanhar a história). A indicação é a leitura de todo o material ser realizada antecipadamente ao nosso encontro.

Atenciosamente,

Kátia Soares - Mestranda PPGCIMES

2 anexos • Anexos verificados pelo Gmail



Apêndice D - Termo de consentimento livre e esclarecido dos participantes

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Dissertação: Sankoficina: histórias em quadrinhos na construção de práticas educacionais antirracistas no Ensino Superior

Mestrado Profissional em Ensino: Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior (PPGCIMES)

Instituição: Universidade Federal do Pará (UFPA)

Pesquisadora autora: Kátia Anaiane Soares Passarelli

Telefone para contato: (91) 999999999

E-mail para contato: katia_asp@yahoo.com.br

Orientadora: Professora Doutora Netília Silva dos Anjos Seixas

Prezado/a discente:

Você foi inscrito/inscrita para participar da oficina intitulada “Sankoficina: histórias em quadrinhos na construção de práticas para uma educação antirracista no Ensino Superior”, como parte da pesquisa de mestrado indicada acima. O objetivo geral da oficina é promover, junto aos participantes, a exploração da temática racial para orientar futuras práticas educacionais pautadas na educação antirracista.

Sua participação é voluntária e, caso aceite, deverá ter a ciência das seguintes informações:

1- A coleta de dados será feita por meio de formulário de inscrição, textos produzidos durante a aplicação da oficina e questionário de avaliação do produto educacional.

2 - O registro das atividades será feito por meio de fotografia, filmagem ou gravação de áudio e vídeo, para fins, exclusivamente, de pesquisa científica, preservando sua privacidade com o uso de pseudônimos e a borragem das imagens para evitar a identificação.

3 - As informações obtidas poderão ser publicadas em aulas, seminários, congressos, palestras ou periódicos científicos, porém sem ter os dados pessoais identificados em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

4 - Apesar das medidas adotadas para garantir o anonimato e a confidencialidade das informações coletadas, há a possibilidade de que algumas respostas fornecidas possam levar à identificação do participante. Caso haja qualquer desconforto em

relação a isso, o participante pode optar por solicitar a retirada de suas informações da pesquisa.

5 - No caso de desistência durante o processo, não haverá necessidade de justificativa e seus dados serão integralmente eliminados da pesquisa.

6 - Para participação na oficina, não será necessário contribuir com as despesas, e nem haverá remuneração pela pesquisa;

7 - Por fim, após a assinatura, você receberá uma cópia via endereço eletrônico deste termo, em que consta o telefone e e-mail da pesquisadora responsável pelo estudo, podendo tirar dúvidas sobre o projeto e sobre sua participação.

Eu, _____,
telefone _____, e-mail _____, ao
assinar este documento, declaro que tomei conhecimento dos itens acima
apresentados e das condições da minha participação, e concordo voluntariamente
em participar da ação, que faz parte da pesquisa de mestrado em desenvolvimento
intitulada “Sankoficina: histórias em quadrinhos na construção de práticas
educacionais antirracistas no Ensino Superior”.


Belém, _____ de _____ de 2025.


Assinatura

Apêndice E - Questionário de avaliação dos participantes - Sankoficina

Questionário de avaliação - Sankoficina

O questionário tem como objetivos avaliar a qualidade da oficina, verificar o grau de satisfação dos participantes e coletar sugestões para aprimorar a proposta em futuras edições. No conjunto são indicados 06 aspectos com total de 36 questões. A oficina foi aplicada com os momentos síncronos nos dias 11, 13, 18 e 20 de fevereiro de 2025 e também 02 momentos assíncronos.

jessicacris107@gmail.com [Mudar de conta](#) 

 Não compartilhado

* Indica uma pergunta obrigatória

01. A Sankoficina foi ofertada para discentes do curso de Pedagogia na UFPA, campus Belém. Você atende a esse condição? *

Sim, sou discente do curso de Pedagogia.

Não.

02. Caso a resposta anterior seja "não", indique qual o seu curso e justifique a motivação da inscrição.

Sua resposta _____

Planejamento da oficina

03. O tempo de duração da oficina dividido em 04 momentos síncronos e 02 assíncronos foi adequado? *

Sim, totalmente

Sim, parcialmente

Não

04. Justifique a sua resposta da questão anterior. *

Sua resposta _____

05. O formato com a divisão em momentos síncronos e assíncronos favoreceu a *
oficina?

- Sim, totalmente
- Sim, parcialmente
- Não

06. Justifique a sua resposta da questão anterior. *

Sua resposta _____

07. As temáticas e reflexões na oficina irão contribuir para seu processo *
formativo no ensino superior?

- Sim, totalmente
- Sim, parcialmente
- Não

08. Justifique a sua resposta na questão anterior. *

Sua resposta _____

09. A oficina ofertada atendeu suas expectativas iniciais? *

- Sim, totalmente
- Sim, parcialmente
- Não

10. Justifique a sua resposta da questão anterior. *

Sua resposta _____

11. Gostaria de acrescentar sugestões em relação ao planejamento da oficina? *

- Sim, totalmente
- Sim, parcialmente
- Não

12. Justifique a sua resposta da questão anterior. *

Sua resposta _____

Tecnologias/Materiais e Recursos

13. Os materiais disponibilizados na oficina foram suficientes e acessíveis? *

- Sim, totalmente
- Sim, parcialmente
- Não

14. Justifique a sua resposta da questão anterior. *

Sua resposta _____

15. Os materiais e recursos de apoio escolhidos foram relevantes para sua aprendizagem? *

- Sim, totalmente
- Sim, parcialmente
- Não

16. Justifique a sua resposta da questão anterior. *

Sua resposta _____

17. Em relação aos materiais ofertados, foram adequados à proposta da oficina? *

- Sim, totalmente
- Sim, parcialmente
- Não

18. Justifique a sua resposta da questão anterior. *

Sua resposta _____

Condução da oficina

19. Em relação a facilitadora, conseguiu realizar apresentações claras e organizadas nos encontros? *

- Sim, totalmente
- Sim, parcialmente
- Não

20. Justifique a sua resposta da questão anterior. *

Sua resposta _____

21. A forma de condução das atividades estimulou o seu interesse em participar? *

- Sim, totalmente
- Sim, parcialmente
- Não

22. Justifique a sua resposta da questão anterior.

Sua resposta _____

Quaderninho

23. A linguagem do caderno é atrativa e facilita o entendimento? *

- Sim, totalmente
- Sim, parcialmente
- Não

24. Justifique a sua resposta da questão anterior. *

Sua resposta _____

25. O design é satisfatório quanto às cores, as imagens, a tipografia, a distribuição nas páginas entre outros elementos visuais? *

- Sim, totalmente
- Sim, parcialmente
- Não

26. Justifique a sua resposta da questão anterior. *

Sua resposta

27. A estrutura dividida em três partes ajudou no acompanhamento da oficina? *

- Sim, totalmente
- Sim, parcialmente
- Não

28. Justifique a sua resposta da questão anterior. *

Sua resposta

29. As atividades realizadas na Parte 01 (p. 06 a 14) proporcionaram estímulos à sua criatividade? *

- Sim, totalmente
- Sim, parcialmente
- Não

30. Justifique a sua resposta da questão anterior. *

Sua resposta

Enviar

Limpar formulário

Apêndice F – E-mail para os especialistas



Kátia Passarelli

De: katia_asp@yahoo.com.br

Para: [Redacted]

sáb., 5 de abr. às 23:38 ★

Prezado [Redacted]

Meu nome é Kátia Anaiane Soares Passarelli e estou desenvolvendo um produto educacional no âmbito do mestrado no Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior (PPGCIMES) da Universidade Federal do Pará (UFPA), vinculado ao Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão (NITAE²), e com orientação da Professora Dra. Netília Silva dos Anjos Seixas.

O produto educacional é intitulado **Sankoficina: histórias em quadrinhos na construção de práticas educacionais antirracistas no ensino superior** e tem como objetivo promover, junto aos participantes, a exploração da temática racial para orientar as futuras práticas educacionais, pautadas na educação antirracista.

Nesta etapa da pesquisa, necessito realizar a validação dos materiais e, para isso, busco avaliadores(as) para compor um painel de especialistas. A validação será feita por meio do preenchimento de um questionário referente aos itens que compõem o produto educacional: **roteiro da oficina** e caderno de apoio aos participantes denominado **Quaderninho**.

Caso aceite participar, sua contribuição será fundamental para garantir o aprimoramento da proposta do produto com maior qualidade.

Anexado a este e-mail, no **Arquivo 01** encontra-se o caderno do produto educacional, contendo convite, instruções, roteiro da oficina e link para acesso do formulário com o instrumento de validação. O **Arquivo 02** trata-se do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para preenchimento e devolução, no caso de aceite. O **Arquivo 03** mostra o *Quaderninho*.

Peço, gentilmente, que o processo de avaliação e preenchimento do documento seja realizado até o dia 18/04/2025.

Agradeço imensamente pelo seu tempo e contribuição nesta etapa da pesquisa. Fico à disposição para quaisquer dúvidas ou esclarecimentos que se façam necessários.

Solicito ainda a gentileza de após o recebimento, confirmar se poderá aceitar a participação no painel de especialista descrito.

Atenciosamente,

Kátia Anaiane Soares Passarelli

Mestranda PPGCIMES

Matrícula 202375970004

Contato: (01) 99140-1515

Apêndice G - Termo de consentimento livre esclarecido especialistas

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Sankoficina: histórias em quadrinhos na construção de práticas educacionais antirracistas no Ensino Superior.

Pesquisadora: Kátia Anaiane Soares Passarelli (discente do Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior - PPGCIMES).

Telefone para contato: (91) 9999 9999

E-mail: katia_asp@yahoo.com.br

Orientadora: Professora Dra. Netília Silva dos Anjos Seixas (docente do PPGCIMES-UFGA).

E-mail: netilia@ufpa.br

Mestrado Profissional em Ensino - Universidade Federal do Pará (UFGA)

Linha de Pesquisa: Criatividade e Inovação em Processos e Produtos Educacionais (CIPPE).

A quem se destina: Discentes do curso de Pedagogia, Faculdade de Educação (FAED), no campus da UFGA, em Belém.

Objetivo Geral do Produto: Promover, junto aos participantes, a exploração da temática racial para orientar futuras práticas educacionais pautadas na educação antirracista.

Confidencialidade: ao participar deste estudo, você reconhece e concorda que suas respostas e sugestões serão registradas de forma anônima na dissertação, para fins de contribuições para o desenvolvimento desta pesquisa.

Disseminação dos resultados: os resultados desta pesquisa serão apresentados na dissertação final e poderão, também, fazer parte de publicações de caráter científico. No entanto, reiteramos que qualquer tipo de publicação preservará a identidade dos colaboradores(as) da pesquisa.

Direito de se retirar: a participação é voluntária e você pode decidir deixar de participar a qualquer momento, se desejar.

Eu, _____, Email: _____ ao assinar este documento declaro que tenho ciência da pesquisa de mestrado acima mencionada, tendo sido devidamente esclarecido(a) da sua finalidade, das condições de minha participação, assim concordo voluntariamente em participar.

_____, ____ de _____ de 2025.

Assinatura do Professor(a) Especialista

Apêndice H - Instrumento de validação dos especialistas

Sankoficina: Histórias em Quadrinhos na construção de práticas educacionais antirracistas no ensino superior

Instrumento de Validação do Produto Educacional

🔒 Não compartilhado

* Indica uma pergunta obrigatória

Questionário de perfil para especialista
Prezado(a) docente, para que possamos traçar um perfil dos avaliadores que irão colaborar com o processo de validação, solicitamos o preenchimento das perguntas abaixo:

E-mail: *

Cidade/Estado: *

Idade: *

Sexo: *

Área em que atua *

Atualmente exerce a docência em qual instituição de ensino superior? *

Seção 01: Planejamento da oficina

Nesta seção, deixe sua avaliação sobre o roteiro da oficina, a partir da proposta construída, as temáticas e distribuição de atividades a ser aplicada com os discentes.

Objetivo geral da oficina: Promover, junto aos participantes, a exploração da temática racial para orientar futuras práticas educacionais pautadas na educação antirracista. *

01. O roteiro da oficina atende o objetivo geral a que se propõe:

- Sim, plenamente
- Parcialmente
- Não atende

Justifique e/ou comente a sua resposta da questão anterior. *

k _____

02. As quatro temáticas abordadas no roteiro da oficina estão adequadas para promover discussões de forma reflexiva e crítica nos discentes participantes? *

- Sim, plenamente
- Parcialmente
- Não atende

Justifique e/ou comente a sua resposta da questão anterior. *

k _____

03. Os momentos divididos em síncronos e assíncronos favoreceram as atividades propostas? *

- Sim, plenamente
- Parcialmente
- Não atende

Justifique e/ou comente a sua resposta da questão anterior. *

k _____

04. No roteiro da oficina, o tempo previsto para cada atividade e respectivas estratégias é adequado? *

- Sim, plenamente
- Parcialmente
- Não atende

Justifique e/ou comente a sua resposta da questão anterior. *

k

05. Os materiais disponibilizados na oficina foram suficientes e acessíveis? *

- Sim, plenamente
- Parcialmente
- Não atende

Justifique e/ou comente a sua resposta da questão anterior. *

k

06. As histórias em quadrinhos utilizadas como suporte metodológico na oficina favorecem a compreensão da temática racial para o público no ensino superior? *

- Sim, plenamente
- Parcialmente
- Não atende

Justifique e/ou comente a sua resposta da questão anterior. *

k

06. As histórias em quadrinhos utilizadas como suporte metodológico na oficina *
favorecem a compreensão da temática racial para o público no ensino superior?

- Sim, plenamente
- Parcialmente
- Não atende

Justifique e/ou comente a sua resposta da questão anterior. *

k

07. Os títulos das histórias em quadrinhos selecionadas (*Mukanda Tiodora*, *
Confinada e *Carolina*) contribuem para a compreensão dos objetivos propostos
em cada momento?

- Sim, plenamente
- Parcialmente
- Não atende

Justifique e/ou comente a sua resposta da questão anterior. *

k

08. Relacionado a adaptabilidade, as temáticas e atividades de cada momento *
da oficina podem ser aplicados de forma independente, como atividade
extracurricular, ou mesmo como parte de uma disciplina curricular ou optativa,
dentro de um curso de graduação.

- Sim, plenamente
- Parcialmente
- Não atende

Justifique e/ou comente a sua resposta da questão anterior. *

k

09. A oficina tem possibilidade de ser trabalhada em ambientes não formais de aprendizagem? *

- Sim, plenamente
- Parcialmente
- Não atende

Justifique e/ou comente a sua resposta da questão anterior. *

k

Seção 02: *Quaderninho*

Nesta seção, deixe sua avaliação sobre o item *Quaderninho*, a partir da análise do material elaborado:

10. O título *Quaderninho* é explícito e adequado para sua finalidade? *

- Sim, plenamente
- Parcialmente
- Não atende

Justifique e/ou comente a sua resposta da questão anterior. *

S

11. Os conteúdos selecionados para o *Quaderninho* atendem a proposta de roteiro da oficina? *

- Sim, plenamente
- Parcialmente
- Não atende

Justifique e/ou comente a sua resposta da questão anterior. *

S

12. O apoio teórico escolhido como referência está apropriado às temáticas trabalhadas na oficina? *

- Sim, plenamente
- Parcialmente
- Não atende

Justifique e/ou comente a sua resposta da questão anterior. *

S _____

13. A linguagem utilizada nos textos é atrativa e facilita o entendimento? *

- Sim, plenamente
- Parcialmente
- Não atende

Justifique e/ou comente a sua resposta da questão anterior. *

S _____

14. O design é satisfatório quanto às cores, às imagens, à tipografia, à distribuição nas páginas, entre outros elementos visuais? *

- Sim, plenamente
- Parcialmente
- Não atende

Justifique e/ou comente a sua resposta da questão anterior. *

S _____

15. As atividades elaboradas na Parte 01 (p. 06 a 14) são diversificadas e proporcionam estímulos à criatividade? *

- Sim, plenamente
- Parcialmente
- Não atende

16. A sequência e a divisão dos assuntos no *Quaderninho* despertam o interesse * em conhecer seus conteúdos?

- Sim, plenamente
- Parcialmente
- Não atende

Justifique e/ou comente a sua resposta da questão anterior. *

S

Seção 03: Parecer final

Nesta seção, como docente, deixe sua avaliação sobre possibilidades de utilização da proposta:

17. Usaria o roteiro da oficina ou algum dos momentos propostos em suas aulas? *

- Sim
- Parcialmente
- Não

Justifique e/ou comente a sua resposta da questão anterior. *

Sua resposta

18. Recomendaria o roteiro da oficina ou algum dos momentos propostos para outros(as) professores(as)? *

- Sim
- Parcialmente
- Não

Justifique e/ou comente a sua resposta da questão anterior. *

Sua resposta

Voltar



Enviar

Limpar formulário

Apêndice I - DISCIPLINA OPTATIVA

01/07/2025, 01:09

Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS EMITIDO EM 01/07/2025 01:09	
---	---	---

Componente Curricular: PED01071 - EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICOS-RACIAIS

Carga Horária: 68 horas - (68 Teóricas) / (0 Práticas) / (0 Ead) / (0 Estágio) / (0 Extensão)

Unidade Responsável: INSTITUTO DE CIENCIAS DA EDUCACAO

Tipo do Componente: DISCIPLINA

Ementa: A DEFINIR

Modalidade: Presencial

Dados do Programa

Ano-Período: 2020.2

Quantidade de Avaliações: 2

Objetivos:

Discutir sobre a estruturação das desigualdades sociais no Brasil.
Refletir sobre o Racismo e etnicidade e suas relações com a educação

Discutir sobre o processo de discriminação no ambiente escolar: currículo, formação de professores e materiais didáticos.

Conhecer os parâmetros legais para a reeducação das relações étnico-raciais na educação.

Conteúdo:

1- Relações étnico-raciais na sociedade brasileira

Conceitos estruturantes na discussão das relações raciais no Brasil
Raça e desigualdade educacional no Brasil (ações afirmativas em escolas e universidades)
Os movimentos negros e o processo educativo brasileiro

2- Relações étnico-raciais nas Amazônias

Educação, descolonização e epistemicídio
Culturas negras nas Amazônias.

3- Relações étnico-raciais na educação

Raça e discriminação no ambiente escolar – currículo, formação de professores e materiais didáticos
Ações curriculares afirmativas: estratégias de reeducação das relações étnico-raciais nas escolas

Competências e Habilidades:

Atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, igualitária e democrática

Atuar para a construção de uma escola inclusiva, reconhecendo e respeitando a diversidade étnico-racial, cultural, biológica, de gênero, religião, faixa geracional, classe social, necessidades especiais (física, cognitiva, afetivo-emocional), entre outras;

SIGAA | Centro de Tecnologia da Informação e Comunicação (CTIC) - (91)3201-7793 | Copyright © 2006-2025 - UFRN
- bacaba-dk.bacaba1